VIDA DO
PATRIARCHA
SAM BRVNO FVNDADOR DA RELIGIAM DA CARTVXA.

POR O P. DOM BASILIO DE FARIA
Prior da Cartuxa de Scala Cœli.
Da Cidade de Evora.

S. BRVNO
Ecce elongaui fugiens. & mansi in solitudine Psal. 54

EM LISBOA:
Com todas as licenças neceſsarias.
Na Officina de Domingos Lopes Roſa. Anno de 1649.

VI por mandado do ſupremo Conſelho geral do Santo Officio eſta vida do grande Patriarcha S. Bruno compoſto pelo muito R.P. Dom Baſilio de Faria Prior do Convento de Scala Cœli não tem couſa contra noſſa Santa Fè, & bons coſtumes, antes he hum raro exemplo de ſantidade, & virtude, para com elle ſe moverem os animos a vida dos mais deſcuidados. Lisboa no Convento da Trindade. Em 8 de Ianeiro de 1647.

O D. Fr. Adriaõ Pedro.

VIſta a informaçaõ podeſe imprimir eſta vida do Patriarcha S. Bruno Autor Dom Baſilio de Faria Monge Cartuxo, & depois de impreſſa tornará ao Conſelho para ſe conferir com o original, & ſe dar licença para correr, & ſem ella naõ correrà. Lisboa 11. de Ianeiro de 1647.

Fr. Ioaõ de Vaſconcellos. Pedro da Silua de Faria.
Pantaleaõ Rodriguez Pacheco. Diogo de Souza.

Podeſe imprimir. Lisboa 18. de Fevereiro de 1647.

O Bispo de Targa.

OVe ſe poſſa imprimir eſte livro, viſto as licenças do Santo Officio, & ordinario que offerece, & depois de impreſſo torne para ſe taxar, & ſem iſſo não correrà. Lisboa 19. de Fevereiro de 1647.

Coelho. Ribeiro.

ESta vida do Patriarcha S. Bruno composta pelo muito R. P. Dom Basilio de Faria está conforme com o seu original. Lisboa no Conuento da santissima Trindade em 9. de Feuereiro de 1649.

O D. Fr. Adriaõ Pedro.

VIsto estar conforme com o original póde correr este liuro. Lisboa 9 de Feuereiro de 1649.

Fr. Ioaõ de Vasconcellos. *Pedro da Silua de Faria.*
Francisco Cardozo de Torneo. *Pantaleão Rodriguez Pacheco*
Diogo de Sousa.

TAxado em cento, & oitenta reis em papel. Lisboa 10. de Feuereiro de 1649.

Coelho. Cazado.

AO LEITOR.

DEpois que o Padre Dom Basilio de Faria meu tio entrou na Cartuxa desejou muito de dar noticia das cousas desta sagrada Religião. Porque florecendo ella na Igreja de Deos há tantos annos em todo o genero de virtudes, indiuidamente careceo ategora de escritores que as puseſſem em memoria. Para este effeito determinou diuidir a historia em duas partes; huma que tratasse sò dos varoens eminentes em santidade; outra em que se contassem as vidas dos geraes da ordem, & seus gouernos, & fundaçoẽs. Trabalhou nesta materia naõ pouco, ainda que naõ tanto, quanto desejou: porque os cargos de Prior, & Visitador, em que quasi continuamente o occupou a obediencia, nam lhe deraõ lugar para ver o fim destes intentos. O que se ajuntou a entrar elle na Religião tendo ja quasi a mòr parte da idade gastada no seruiço da Santa Igreja de Eucra; onde sendo Chantre, & Conego muitos annos trabalhou tanto nas cousas daquella Cathedral, quanto aos que della tem noticia he manifesto.

Com tudo como sempre respeitei muito os escritos do P. Dom Basilio meu tio, procurei alcançar alguns cadernos destes, ainda que originaes que continhão a vida de S. Bruno, & dos doze geraes seguintes com outras particularidades, & varias traduçoens, em q̃ tambẽ se occupara, pelo zelo que tinha de ver escritas em nosso vulgar obras vteis, & elegantes para proueito de todos, & ornamento da lingua Portugueza. E porque assi os Padres Religiosos da Cartuxa, como outros muitos deuotos da

Religião

Religião me pediraõ lhe quizeſſe imprimir eſta vida de S. Bruno, q̃ o P. Dõ Baſilio cõpos (não obſtãte faltarlhe a vltima mão do Autor) me pareceo ſatisfazer a ſua deuação, deixãdo as dos geraes, por conſtarẽ pela maior parte de Chronologias, & authoridades tiradas dos breues Apoſtolicos, & antigos eſtatutos, & não de narração cõtinuada cõ q̃ vẽ a ſer hũ cathalogo ſúmario mais accõmodado para os q̃ quiſerẽ ſeguir a hiſtoria Cartuxana, q̃ para a doutrina, & goſto dos leitores. Bem vejo q̃ ſe podera ter eſta obra por piõna ẽ cõſideração do conceito, q̃ sẽpre ſe teue do Autor della, mas não o ficara nũqua ſendo na opinião daquelles que diſſerão era grande a obra que continha a vida de hum varão grande, quanto mais tal, qual foi a deſte ſantiſsimo Patriarcha.

Das traduçoẽs quis tãbẽ acõpanhaſſe a eſte elogio por exẽplo o diſcurſo dos bẽs da morte do meſtre Valles; aſsi por a Religião da Cartuxa ſer huma notoria ſepultura de viuos, como porq̃ sẽdo a memoria da morte a de mór importãcia para o acerto da vida, o horror deſta lẽbrança faz a muitos eſq̃cer della. Mas hauẽdo neſte diſcurſo tantas razoẽs, & tão admiravelmẽte eſcritas, para conhecermos os bẽs q̃ cõ a morte alcançamos, ficará ſendo eſta leitura de grande conſolação, & goſto para todos, por deſfazer ẽ nós os medos, & aſſombramentos cõ q̃ o inimigo cõmũ pretende diuertirnos da conſideração da morte, que o Eſpirito Santo dà por meio efficaz de noſſa ſaluação dizendo: Memorare nouiſſima tua, & in æternum non peccabis.

Eccleſ. 740.

MANOEL SEVERIM DE FARIA.

VIDA DO PATRIARCHA SAM BRVNO FVNDADOR DA Religiaõ da Cartuxa.

POR O P. DOM BASILIO DE FARIA
Prior da Cartuxa de Scalacœli.

Da Cidade de Euora.

CAPITVLO I.

DA PATRIA DO NOSSO P. SAM BRVNO, & de como veio a ser lente na vniuersidade de Paris, & Conego na Sè da Cidade de Rems.

GLORIOSO Sãõ Bruno primeiro fundador, & Patriarcha da sagrada Religiaõ da Cartuxa foi natural da insigne Cidade de Colonia Agrippina, que està posta nos confins de Alemanha, situada ao longo do rio Reno. Seus paes foraõ mui nobres de geraçáo, por serem da antiquissima familia de Duro Punho, que ainda hoje se conserua naquella Cidade com o mesmo appellido.

do. Porem muito mais illustres ficarão com a grande santidade deste filho; ao qual puzerão nome Bruno, ou por ser de algum seu antepassado, ou (como he de crer) pelo affeiçoarem as grandes virtudes de Saõ Bruno Arcebispo que fora da mesma Cidade, cuja memoria estava ainda fresca, ou d'outros santos, & notaueis homens que houue do mesmo nome. Nem ficarão frustrados de suas esperanças: porque lhe saio o filho, não só insigne em letras, mas tambem raro em virtudes de que logo deu mostras em sua mininice: porque ajudado da diuina graça iá aproueitando na virtude, & bons costumes, de maneira que sendo moço na idade, parecia homem no sizo, & moderação com que procedia, deixando as recreações, & liuiandades dos outros moços, mostrando em tudo huma madureza, que bem pronosticava que o tinha Deos guardado pera pae, & mestre de muitos Monges. Deulhe o Senhor huma boa inclinação, hum agudo engenho, huma memoria tenacissima, huma vontade mui affeiçoada, & prompta para todas as cousas de virtude. Vendo seus paes tão bons fundamentos para se nelles leuantar todo o edificio espiritual, & das boas letras, determinarão de o mandar estudar à celebre vniuersidade de Paris, que naquelle tempo florecia em todo genero de sciencias: por cujo respeito era frequentada de grande numero de estudantes, & de mui insignes lentes, & Doutores, que de todas as partes concorrião, huns para ensinar, & outros para aprender. Tanto que o nouo principiante Bruno começou a estudar sciencia,

assi

assi se avantejou de seus condiscipulos, que em pouco tempo saio hum dos maiores Filosofos, & consumados Theologos daquella vniuersidade. De modo que depois de tomar os graos de Mestre ẽ Artes, & Doutor ẽ Theologia, veio a ser lente naquellas escolas, ensinando, & cõmunicando aos outros o thezouro da sabidoria, que por sua habilidade, & trabalho tinha ja acquirido. Com o seu bom modo de proceder, & por suas grandes letras alcançou huma Conezia na Sè da Cidade de Rems em França; na qual Igreja (ao tempo em que aconteceo o caso abaxo referido) não residia, por estar actualmente lendo em Paris: onde todos o estimauão no preço que merecia, por ser mui affauel, & brando para com todos, & particularmente para com os discipulos que o amauão grandemente, assi por sua brandura, como pela eminencia de suas letras, como se collige dos epigramas que alguns lhe fizerão depois de sua morte; entre os quais se ue por discipulo Roberto, que depois foi Bispo Lingonense, & Pedro Abbade de Sam Ioaõ Suessionense, & Rangerio, & outros muitos. Mas o mais insigne de todos foi aquelle grande varaõ Otto Conego Lateranense, que depois foi Monge, & Abbade Chiniacense, & no anno de 1073. creado Cardeal de Hostia por Gregorio VII. & vltimamente Papa Vrbano II. o qual deste tempo das escollas ficou tão affeiçoado a seu mestre por suas grãdes partes, q̃ lhe pareceo naõ poderia gouernar bẽ o Pontificado sẽ seu conselho; & por isso tãto q̃ foi elleito Pontifice o mandou chamar de Roma, como adiante

veremos. Não pode a fama de tão excellente varão como era Bruno, deixar de se estender logo por todas as partes de Europa, & assi em toda Italia, França, Alemanha, & Inglaterra era mui conhecido, & afamado, como mostraõ bem as cartas que escreuerão as mais notaueis Igrejas destas Prouincias, quando receberaõ as novas de sua bemaventurada morte. Parece que assi como Nosso Senhor o ia ordenando para ser tão grande santo, & Patriarcha da religião da Cartuxa; assi foi sermido pollo em lugar tão alto, & conhecido, para que daquella cadeira, como tocha resplandecente, alumiasse com sua virtude, & doutrina a todas as Prouincias de Europa, aonde foi facil chegar sua luz; porque como de todas ellas concorrião estudantes a esta vniuersidade de Paris, de força quando voltassem a suas patrias, hauião de leuar consigo novas de tão grande mestre, que juntas com o que leuauão em seus escritos, dauão testemunho de ser verdadeira a fama que delle se derramaua. De quantos annos lesse nesta vniuersidade, nem dos que auesse de idade, quando se recolheo no hermo da Cartuxa nam temos nenhuma certeza: mas de ter sido mestre de Vrbano II. se pode colligir, que deuia de ter mais de quinze annos de lente, porque pelo menos hauião de passar sinco, ou seis antes do de 1073. em que Vrbano foi feito Cardeal para nesse tempo poder ser seu discipulo, & como o caso de sua conuersaõ acõtecco no anno de 1082. em que actualmente era mestre, bem se ve

que

que todos estes quinze, ou de saseis annos hauião de ser os de sua leitura. Do que tambem se fica inferindo, que quando Sam Bruno se recolheo, hauia de ser pelo menos de quarenta annos; porque não parece que poderia leuar cadeira, se não de idade de vinte sinco annos, antes mais que menos. Era Bruno muito rico de bens temporaes, o que se deixa bem entender, assi por ser nobilissimo de geração, Conego de Rems, & lente de Paris, como porque assi o affirmão todos, & se proua das cartas, & epigramas com que foi celebrada sua bemauenturada morte. Neste cume de prosperidades estaua Bruno, illustre, rico, Conego, & lente, & com quarenta annos de idade, quando mouido do caso que logo veremos as deixou todas pola aspereza da Cartuxa.

CAPITVLO II.

Do estranho caso que aconteceo na Cidade de Paris nas exequias de hum Doutor daquella Vniuersidade.

COrria o anno de 1082. Sendo Emperador Henrique Quarto, & segundo a conta dos historiadores Italianos, Terceiro, & gouernando a Sè Apostolica Gregorio VII. quando aconteceo na Cidade de Paris hum caso, que assi como foi o mais estranho, &

eſtupendo que ja mais ſe ouuio, aſſi ficarão nomeado & ſabido, que nunqua ſe eſquecerá pola ocaſião que deu para ſe fundar a Religiaõ da Cartuxa: diſpondoo aſſi a Diuina Prouidencia, que nunqua permitte cazos miraculozos, ſe não para bens mui extraordinarios.

Hauia naquella vniuerſidade hum Doutor que allem de ſuas letras, tinha alcançado grande nome de ſanto, & virtuozo; por viuer com muito recato, & bom exẽplo de vida, ſem hauer quem lhe viſſe couſa fora do que requere à perfeição de todos os bons coſtumes; pelos quais era dos homens (que ſo podem ver o exterior) mui venerado, & amado, parecendo a cada hum que não hauia mais virtude que dezejar em hum homem, que ſendo ſecular viuia como religioſo. Andando o tempo veio adoecer de huma enfermidade grauiſſima, que como deſſe ſinais de morte, quis elle dallos de bom Chriſtão pedindo os Sacramentos, os quais recebidos com moſtras de fiel, & catholico acabou ſeus dias. Ordenouſe logo o ſeu enterramento com a pompa que a ſeu eſtado conuinha, chamouſe toda a clerizia, veio toda a vniuerſidade, aſſi por comprirem com ſua obrigação, como pela affeiçaõ que cada hum tinha à grande aparencia de virtude que ſempre viraõ no defunto: o que foi cauza de vir tambem muita gente da cidade atraida do meſmo exemplo de vida. Feſſelhe o enterramento mui ſolemne, ornado de muitos lumes, com que foi leuado à Igreja; onde antes de o enterrarem, puzerão a tumba ſobre hum luguer alto, para que ſe lhe cantaſſe o officio

de

de corpo prezente (como se costuma ainda em muitas Prouincias de Hespanha) Começou o clero o officio com a solemnidade que pedia o concurso de gente, que o hauia de ouuir; acabados os primeiros dous nocturnos, & estando todos mui descuidados, começando hũ Cantor no choro a dizer a Quarta lição, que começa. *Respondemihi*, antes que mais disse subitamente leuantando o morto a cabeça, & assi amortalhado se assentou na tumba em que estaua. Causou este mouimento nunqua visto grande reboliço pela torpação, & clamor da gente, o qual parando logo em hum profundo silencio, que o medo do que viáo, & o desejo de saberem o em que o caso paraua lhe fizerão ter. Disse o defunto com voz sentida como que respondia ás palauras da lição. *Por justo juizo de Deos sou acuzado*; & ditas estas palauras se tornou a deitar como de antes estaua.

Ficaraõ tão atemorizados todos os que se acharão prezentes com este tão horrendo espectaculo, que por muito tempo não poderão falar, & depois que tomaraõ animo, entraraõ em conselho do que no caso fariáo. Assentaraõ que conuinha dilatar a sepultura àquelle homem atè o outro dia, pois das palavras que disse a nam se podia colligir se se condenara, ou salvara, & que podia bem ser que atè então manifestaria Nosso Senhor o em que parava aquella aculação, pois do defunto não podiaõ acabar de crer que se condenasse pelo bom nome cõ que falecera. Recolheraõse todos para suas cazas tam

espan-

eſpantados, & penſativos que não ſabiaõ falar em outra couſa, ſe naõ naquelle medonho prodigio, tão poderozo para compungir, & meter por dentro naõ ſó aos homens dezaforados na vida; mas ainda aquelles que poèm mais tento em a trazerem concertada. Correo a nova num momento por toda a Cidade, muitos a não acabaraõ de crer, outros pezarozos de ſe não terẽ achado prezentes propunhão de ao outro dia ir ver tão grande maravilha. Paſſouſe a noite, que pareceo mais comprida do ordinario com o grande dezejo que tinhão de ſe chegar o dia, em que eſperauão de ver aquella ſentença final. Tanto que rompeo a manhã com o aluoroço de verem aquelle temerozo eſpectaculo, madrugarão muitos por tomarẽ lugar antes q̃ ſe lhe impediſſe a entrada com a força da gente, aqual foi tanta, q̃ naõ hauia romper; cada qual tomou o lugar mais accomodado q̃ pode para ver o ſucceſſo q̃ ſe eſperava. Começouſe o officio com grande quietaçaõ, & ſilencio dos ouuintes, que obrigados da compunçaõ, & temor que aquella novidade lhes cauſava eſtavão com muita attenção, nam ſem algum horror que lhes fazião os dezejos q̃ tinhaõ de ouuir huma vòz do outro mundo. Tanto q̃ o Cantor diſſe: *Reſponde mihi*; Eis que outra ves ſe leuanta o defũto na meſma forma, & cõ vóz mais horrenda diſſe. *Por juſto juizo de Deos ſou julgado*; tornãſoſe a deitar na tũba como d'antes. Naõ cauſarão menos pauor, & eſpãto eſtas palavras do q̃ tinhão feito as do dia paſſado, antes muito mais atemorizados cõ ellas entrando cada hum

cõ

em cõta consigo, como se estiuera jà ante o tribunal da diuina justiça, temia o que lhe poderia acontecer, dizẽdo: Se este rigor se executa com aquelles a quem naõ vimos fazer peccados, & q̃ nos pareciaõ Sãtos, q̃ será dos adulteros, murmuradores, simoniacos, ladroẽs, & homicidas? Tristes de nòs, q̃ embebidos com os deleites deste mundo, & esquecidos do outro, estamos engolfados em nossos vicios, & peccados, cõmo se não houveramos de dar cõta ate da minima palavra, q̃ falamos. Em q̃ confiamos? Que fazemos? Para quãdo guardamos a emmẽda de nossa vida? Que maior pregação, q̃ mòr auizo esperamos? Se este tẽ tãta força, q̃ não só a nòs q̃ ovimos, mas ainda aos q̃ o leré, & ouviré fará arripiar os cabellos, & meter por dentro, & tratar de sua salvaçaõ? Que outro tẽpo nos fica q̃ esperar? Estas, & outras couzas semelhãtes divia cada qual segũdo a impressaõ q̃ nelles fizera o caso, sendo algũs de parecer que tirasse o defũto da Igreja, & q̃ o não enterrassem ẽ sagrado. Porem naõ faltaraõ votos em contrario, q̃ levados da boa opinião q̃ do morto tinhão, lhes parecia q̃ a causa ainda não estava averiguada, pois se podião interpretar as palavras do defunto a ser julgado, mas absoluto. E porque em materia tam ardua era necessario que ficasse o caso mui claro, assentaram differir as exequias ate o outro dia, no qual sendo muito maior a multidão da gente, & chegando com o officio a repetir aquellas palauras: *Responde mihi*, lhe respondeo aquelle dezasẽturado Doutor com huma terrivel, & medonha vòz

Por

Por justo juizo de Deos sou condenado. E dizendo isto se deixou outra ves cair na tumba. Quando os circunstantes ouviraõ aquella tão temeroza sentença, naõ houve nenhum que não ficasse como attonito, & fora de si cõ grande pauor de verem ante si condenado para os infernos hum homem que elles cuidavão que merecia estar no Ceo. Penetrou aquella horrenda vòz a cada hum até o intimo de sua alma; porque qual creatura haueria tão de pedra; que peito taõ de ferro; que se não enternecesse com taõ poderozo exemplo? Se isto lido atemoriza, visto que faria? Na causa da perdiçaõ deste dezaventurado se praticaua differentemente, attribuindoa huns a hypocrezia, outros à soberba; porem os que melhor discursavão, dizião que não atemorizava Nosso Senhor os homens com tão extraordinario acontecimento para se saber a causa delle, se não para que não se sabendo, tivesse cada hum maior tento em sua vida, vivesse com mais vigilancia, & examinasse melhor suas obras, como fazia aquelle Santo Iob, que sendo tão perfeito andava sempre com tanto temor que dizia: *Verebar omnia opera mea, sciens quod non parceres delinquenti*. Arrecea-vame senhor de todas minha obras, se por ventura naõ iaõ tão bem feitas como vós mandais, porque não deixais nada sem castigo. Quer o Senhor que sempre andemos com receio de o offender, & por isso disse o sabio. *Beatus homo qui semper est pauidus*. Bemaventurado o homem, que sempre anda com temor de Deos. Assi como a incerteza da morte nos serve de freo para

ra a ſoltura da vida; aſſi quis Deos que o ſegredo da cauſa deſta condenação nos ſerviſſe de receio que foſſe motivo de noſſa ſaluação.

Vendo pois todos como a alma deſte dezaventurado eſtava ſepultada no Inferno, ſepultarão ſeu corpo no monturo; & recolherãoſe para ſuas cazas muj triſtes, & compungidos de ter viſto caſo taõ medonho, & temeroſo.

CAPITVLO III.

De como pela occaſiõ daquelle defunto que ſe condenou, determinou Sam Bruno de ſe ir ao dezerto, & fazer vida heremitica, & perſuadio a ſeis dos ſeus diſcipulos que o ſeguiſſem.

A Todo eſte horrendo eſpectaculo ſe achou prezente o Meſtre Bruno; do qual teue taõ grande temor, que cobrou hum notavel aborrecimento a todas as vaidades, honras, & riquezas do mundo, conſiderando que ellas foraõ a cauſa da perdição daquelle deſaventurado, & determinou logo deixar tudo, & irſe ao dezerto; porque ainda que o acontecimento fes eſtremecer, & tornar ſobre ſi a muitos, com tudo muito maior impreſſõ fes naquelle que Deos tinha eſcolhido para capitão de ſeu pouo que hauia de tirar do catiuei-

ro,

ro,& ſeruidam do Egipto para a quieta contemplaçaõ do dezerto, & do trato dos homens para a converſaçaõ dos Anjos. Aſſi entrado deſte penſamento, & derramãdo muitas lagrimas chorava o tempo paſſado de ſua vida que tinha por perdido, pelo hauer gaſtado no trafego das Cidades, podendoo ter logrado no ſoſſego dos dezertos, onde ſe viue com quietaçaõ, & ſe morre com alegria. Lembrauaõlhe daquelles ſantos Anacoretas, Paulos, Antonios, Hilarioẽs, & Macharios, as vidas ſantiſſimas, as mortes ſeguriſſimas. Pelo que para ſegurar a ſua, & de alguns amigos, parecendolhe aquella boa occaſiaõ, chamou ſeis de que tinha maior confiança, que foram o Meſtre Lauduinó Italiano natural da Cidade de Luca, dous Conegos da Igreja de Sam Rufo junto a Valença do Delfinado de Viena, ambos chamados Eſtevaõs hum Burgenſe, outro Dienſe, & Hugo a que chamaõ Capellão por ſer então ſò nente entre elles ſacerdote, & dous ſeculares, hũ Andre, outro Guarino, os quais todos foram prezentes a eſte caſo referido, & com as lagrimas nos olhos lhe diſſe eſtas, & outras ſemelhantes palavras.

Temos viſto, & ouuido amigos chariſſimos neſta infelice morte eſpantozas maravilhas que nos podé aproveitar grandemente para emmenda de noſſa vida, ſe tomarmos para cautela do perigo em que andamos de noſſa ſaluação a certiſſima condenação deſte defunto, que todos tratamos, & conhecemos. Que peito hai taõ de bronze, a que tal exemplo naõ moveſſe a fazer penitencia?

Digitized by Google

tencia? Quem estará tão sepultado no sono de suas culpas, que com tais vozes não desperte a tratar de sua salvação? Notai em que parou hum homem tão sabio, prudente, & letrado, que todos tinhamos por virtuoso, & temente a Deos, & com tudo por justo juizo do mesmo senhor veio a ser condenado. Que cousa mais terrivel pode hauer, que aquella vòz: *Sou condenado*, pois sabemos que ser condenado, he o mesmo que encorrer em penas eternas, & males tão grandes, que não ha entendimento que os possa perceber, nem lingua que os possa explicar, & se estes alguma hora se houuessem de acabar, ainda se puderão sofrer; mas sendo intoleraveis, & não havêdo de ter fim depois de milhares de annos, cõ que nome de mizeria se pode declarar a dos dezaventurados que forem parar nelles? Naõ nos faça tanto asco vermos aquelle corpo enterrado no môturo, como terror considerarmos sua alma sepultada no Inferno, onde arderá perpetuamente. Não consideremos amigos este caso de passagem, nam nos passe por alto cousa tão nova, cuidemos nisto mui de sizo, & com o pezo, & consideração que comuem à salvação de nossas almas, de cujo remedio nos importa tratar, para que nam venhamos a nos condenar. Façamos penitencia de nossas culpas, q̃ este he o vnico remedio dellas, como o senhor nos ensinou dizendo: *Se naõ fizerdes penitẽcia, todos da mesma maneira perecereis*. Chea está a escritura de vozes q̃ nos chamaõ a penitẽcia. Abracemola de todo o coraçaõ se queremos fugir da divina justiça. Lavemos com as lagrimas

grimas de nossos olhos as nodoas de nossos peccados. As vozes que aquelle defunto deu não foraõ para seu proveito, mas para nossa vtilidade; mãdoulhe Deos que as desse para que nos seruissem de espertadores de nosso descuido. Naõ dilatemos de dia em dia a emmenda de nossa vida, pois naõ sabemos a hora de nossa morte: porque como dis Sam Gregorio o senhor que disse perdoaria ao peccador que se arrependesse, nam lhe concedeo hum só dia de espera, nem de dilaçaõ.

Fizeraõ estas palavras tanto abalo nos ouuintes, que com muitas lagrimas de seus olhos mostravão a dor de seu coraçaõ, & o muito que desejavão tomar o caminho da penitencia, que lhe seu Mestre mostrava, como vnico remedio de sua salvaçaõ; mas duvidauão no meio que escolheriaõ para executar seus dezejos: pelo que tratando entre si do modo de vida que tomariaõ, se resolveraõ de seguir o voto de seu Mestre Bruno, o qual lhe pedia Lauduino em nome de todos, dizendo que lhes desse neste caso seu parecer, & os guiasse, porque apostados estavaõ de naõ discrepar em nada do seu conselho. Vendo Bruno tão brandos aquelles coraçoẽs, começou a imprimir nelles o aborrecimento do mundo, & o desprezo de si mesmos, & com palavras mui efficazes lhes disse.

Meu dezejo irmãos he que nos vamos ao Dezerto a fazer penitencia; tiremos esta santa tristeza deste triste espectaculo, com o qual nos quis Deos auizar, que fujamos deste mundo, como já o desejou Dauid, dizendo.

Quem

Quem me dera azas como pomba para fugir; & para me aquietar? E em outra parte: *Ecce elongaui fugiens, & mansi in solitudine.* Vede como fugindo me alonguei do mundo, & me fui ao dezerto; o melhor de tudo he fugir ás occasioens do peccado com deixar a companhia dos homens, & escolher a doce solidão, lugar aparelhado para lagrimas, proprio para penitencia, onde se viue na terra, & se conuersa no Ceo. Para esta nos deuemos de acolher, como a porto seguro de nossas tribulaçoens, & remanso de nossa quietaçaõ. Sigamos a Christo nosso saluador, que quando auia de orar, deixando a conuersação dos homens se recolhia à solidão dos dezertos, onde fora do tumulto, & reboliço da gente se punha em oração para nos dar exemplo, & nos ensinar a forma que deuiamos de guardar em nossas oraçoens. O mesmo fes o Baptista, que de mui tenra idade deixando as cidades de Iudea se meteo nas brenhas do dezerto. O mesmo fizerão milhares de santos Anacoretas, que fugindo das terras, onde nasceraõ, se forão viuer nos dezertos de Egipto, & nos hermos de Palestina, achando sómente na solidão o lugar para orar, que no povoado nunqua puderão achar. Ficarão todos com estas palauras de seu Mestre Bruno tão persuadidos, & com tão feruorozos dezejos da vida solitaria, que lhes parecia já qualquer dilação mil annos de tardança, & não sabendo onde poderão achar dezerto conforme a seus desejos, foi Bruno de parecer que consultassem algum varão sáto, & de boa vida que os pudesse aconselhar; porẽ corren-

rendo cada hum pela memoria os lugares que lhe lembravão mais accomodados para o que pertendiaõ. Disseraõ os dous Conegos de Sam Rufo, que na cidade chamada Granoble perto da sua Igreja havia hum Bispo, chamado Hugo, o qual os podia ajudar muito neste seu bom intento, por ser homem virtuosissimo de grande exemplo, & rara santidade, & que naõ longe da mesma cidade estavaõ humas grandes serranias, & montes de altura excessiva, & por sua aspereza mui apartados de todo o comercio humano, & mui aparelhados para se fazer nelles vida solitaria, & que como aquelle santo Bispo era homem que andava sempre fazendo gente para o Ceo, & atraindo todos com suas pregaçoẽs, & exẽplo a que fizessem penitencia, levaria muito gosto de os ver com tão santos propositos, & lhes daria modo com que os puzessem em execução, por ser taõ afavel, taõ beguino, & de tantas partes, que seguramente podiaõ ter confiança, que elle mesmo lhes servitia de guia, & capitam naquella sua empreza: porque o tinhão tratado, & exprimentado em semelhantes obras de piedade. Este cõselho approvou muito o sacerdote Hugo, dizendo que tambem elle ouvira cousas excellentissimas daquelle santo prelado; porque em toda a parte corria a fama de sua grande virtude, & que tinha por sem duvida, que lhes daria todo o favor, & ajuda para executarem estes seus desejos; acrescentando que ainda que elle era velho, & enfermo, & a empreza da vida solitaria mui difficultoza, com tudo pois o caminho do Ceo tambem

bem

bem era eſtreito, & naõ hauia idade que deixaſſe de ſer accomodada para fazer penitencia, elle ſe offerecia aos acompanhar de maneira que o não apartaſſe daquella ſanta companhia ſe naõ a morte. O meſmo alvoroço, & promptidão moſtraraõ os dous ſeculares Andre, & Guarino, os quais como não eraõ letrados, peditaõ a ſeu Meſtre Bruno que lhes enſinaſſe de que forma ſe haueriaõ para fazerem penitencia das culpas de ſua vida paſſada, o que Bruno fes logo, enſinandoos nas couſas mais eſſenſiais, & neceſſarias a que o tempo dava lugar, dizendolhe muitas couſas da brevidade da vida, & incerteza da morte, das vaidades do mundo, das tentaçoens da carne, das cilladas, & laſſos do Demonio, trazendolhe ſempre à memoria a condenaçaõ daquelle infelice Doutor. Fazia Bruno eſtas praticas com tantas lagrimas, que muitas vezes lhe cortauão o fio do qua ia dizendo, o que cauſava nos ouvintes tanta dor, que com muitos ſoluços, & gemidos derramavão rios de lagrimas de deuoçaõ, & compunçaõ. Vendoſe todos com a meſma vontade prometteraõ logo deſeguir a bandeira de Chriſto, & de fazerem vida heremitica, pedindo a Noſſo Senhor que os confirmaſſe em aquelle ſanto propoſito, & lhes mandaſſe do Ceo hum Anjo como a Tobias, que os guiaſſe ao lugar mais conforme a ſua divina vontade.

CAPITVLO IV.

Como Sam Bruno, & seus companheiros se tornarão a ajuntar, & se partirão para a cidade de Granoble.

Acabada de tomar a determinação de se irem ao dezerto (como assima fica dito) & assentando o tempo em que se haviaõ de tornar a ajuntar se foi cada hum para sua terra, ou Igreja, onde tinhaõ seus benefícios para disporem de sua fazenda, a qual destribuiraõ toda aos pobres, ficandose sòmente cada hum co seu vestido. Sam Bruno se partio para a cidade de Rems (de cuja Sè era Conego) onde entrou com tanto feruor de devaçaõ, que todos ficavão admirados de sua modestia, & composiçaõ. Tinha naquella Sè hum grande amigo chamado Rodulpho, que era como Deaõ, ou Presidente do Cabido della, ao qual começou a perluadir com mui efficazes razoẽs quizesse deixar o mundo, & irse cõ elle ao dezerto, & segundo se collige da carta q̃ depois lhes escreveo do hermo de Calabria, parece que assi lho prometteo. Depois de concluidos algũs negocios que tinha entre maos; porem o Santo tratando do q̃ lhe convinha cõpos os seus o mais depressa q̃ pode, & como era muito rico, & tinha muitas raizes lançadas na terra, posto q̃ cada dia de dilaçaõ lhe parecião mil annos de tardança; não se pode arrancar com tanta breuidade, que nam gastasse quasi dous annos, que tantos se passaraõ deste anno de 1082. em que aconteceo o caso do defunto, ate o de 1084. em que com seus companheiros entrou

no

no dezerto da Cartuxa, & ou que lhe fosse necessario todo este tempo para assentar seus negocios, ou se detivesse por causa dos de seus companheiros, não pode mais cedo desembaraçarse, dezejando-o grandemẽte, assi por se livrar da pena que lhe dava hũa esperança tão comprida, como por fugir da bataria de tentações do Demonio, com que neste meio tempo era combatido; porque como bem considera o nosso Padre Pedro Sutor, huãs vezes lhe trazia à memoria as riquezas que deixava, as esperanças de maiores cousas, que no melhor cortara; e como entretecia aos amigos, lastimava os parentes: outras vezes lhe encarecia sumamente sua pertençaõ, representandolhe as grandes difficuldades da empreza, & poucas forças de sua idade, a aspereza do cilicio, o rigor da abstinẽcia, & o regalo q̃ lhe era necessario por ser ja entrado na idade, gastado, & consumido cõ o trabalho do estudo; notavaõ de mal aconselhado, temerario, & homicida de si mesmo: que estando ja ás portas da velhice se queria ir padecer as fomes, frios, calmas, & trabalhos do dezerto, que nem hũ mancebo robusto poderia soportar. E quando cõ toda esta bateria naõ podia derrubar a fortaleza de seu peito; levava este negocio por cõsciencia, metẽdolhe escrupulos do talẽto q̃ Deos lhe dera para as cidades, q̃ elle ia enterrar nos dezertos: De q̃ ferue lhe dizia, tantas letras nas brenhas? Tais virtudes nas serras? Tal eloquencia entre asperas? Se com estas partes podes no povoado illustrar as escolhas, converter os homens, & povoar os mosteiros de religiozos.

E se te queres recolher, escolhe huma Religião accomo dada, para que he acometter huã vida tão syluestre, tão inutil, tão cruel, tão penoza, & tão cheia de tentaçoens, odioza aos amigos, afrontoza aos parentes, & tão abor recida de todos? Porem nosso Padre Sam Bruno como valerozo cavalleiro de Christo resistia a todas estas ten taçoẽs, de maneira que naõ hauia combate destes de que não ficasse victoriozo, & o Diabo confuzo. Porque to dos estes assaltos do inimigo rebatia com os conselhos de Christo Nosso Senhor, q̃ manda aos que o querem seguir, deixem tudo, & q̃ negandose a si mesmos tenhão hũ santo odio a seus corpos, com q̃ segurem a salvaçaõ de suas almas. E hora lembrandose do muito que pode o costume, & do pouco com que se satisfas a natureza; hora com o exẽplo de tantos Santos, que sendo velhos fracos, moços mimozos, donzellas delicadas passaraõ nos dezertos muitos annos de vida acõpanhada de mui ta consolaçaõ espiritual, conuertendo mais gente com seu exẽplo, q̃ outros muitos cõ sua pregaçaõ, & finalmẽ te defẽdiasse fazẽdo hũ verdadeiro sacrificio de holocau sto, cõsumindo cõ o fogo do diuino amor q̃ ẽ seu peito ardia as reliquias de alguãs duvidas, se por então lhe fica vaõ; andava sẽpre tão abrazado no divino amor, & taõ elevado cõ trazer o coraçaõ posto no Ceo, q̃ lhe não da va nada das cousas da terra. Chegado o prazo q̃ tinham tomado para cõcluirẽ seus negocios se tornaraõ a ajũtar ẽ Paris mui alegres, & cõtẽtes de se verẽ já liures, & dezẽ baraçados para poderẽ pòr por obra o q̃ tinhão na võta

de. Mal

Mal se pode encarecer, mas bem se pode crer, & considerar o contentamento, que todos teriaõ quando se viraõ, & a consolaçaõ espiritual, que huns com outros receberaõ; porque a quem muito espera nada lhe pode vir de mor gosto, que ser chegada a hora em que pode ver suas esperanças compridas? De Paris se partiraõ todos juntos com intento de se irem lançar aos pès de Sam Hugo Bispo de Granoble, levando todas suas esperanças postas em Deos, aquem pedião inspirásse naquelle Santo Prelado os ajudasse, & favorecesse neste modo de vida solitaria, que por seu serviço queriaõ tomar. Caminhavão estes santos sete companheiros todos a pé com seus fardeis ás costas, taõ alegres de se verem sem familia de criados, & postos naquelle estado de humildade por amor de Christo, que o gosto que disso tinhão lhes fazia não sentir a carga, nem o cansaço que levavaõ. Tiveraõ neste caminho noticia de hum Santo hermitão, que havia muitos annos fazia vida heremitica em hum lugar solitario, & apartado da conversaçaõ dos homens, levados do dezejo que tinhão de achar quem os informasse, assi do dezerto que buscavam, como do modo de vida solitaria que queriam tomar, foram ter com elle, & deraõlhe conta de seu caminho, & do seu intento. O Santo velho alegre com taes hospedes, depois de lhe louvar muito seu santo proposito, os animou grandemente com palavras singellas, mas efficazes a levarem sua intençam adiante, confirmando o que dizia com muitos exemplos

dos Anacoretas do Egipto, & Palestina, facilitandolhe muito a vida solitaria com a grande experiencia que della tinha pela alegria, & consolaçaõ espiritual com que passara os annos de idade que seu aspecto mostrava. Recreados, & animados com taõ boa exhortaçaõ, tornaraõ a seu caminho, onde os deixaremos por contar o muito que a Nosso Senhor contentava o intento destes santos, pois ia diante como apozentador, aparelhandolhe o lugar do dezerto que tanto dezejavaõ.

CAPITVLO V.

De huma vizaõ de sete estrellas, que Sam Hugo Bispo de Granoble vio, que significavaõ Sam Bruno, & seus companheiros, aos quais Sam Hugo recebeo com muita charidade, & lhes deu môte da Cartuxa.

INdo Sam Bruno com seus companheiros jà perto de Granoble, appareceo huma maravilhoza vizaõ a Sam Hugo Bispo da mesma cidade. E foi que estando dormindo, vio a Nosso Senhor edificando para si hum templo de estranha fermozura em hum moute mui alto, chamado Cartuxa, cercado de outras serras de grande altura, & juntamente lhe pareceo que via sete estrel-

las

has postas em circulo tão claras, & resplandecentes, que por sua muita claridade erão mui differentes das que ordinariamente no Ceo apparecem, alem de se não differenciarem tambem no sitio, por andarem hum pouco levantadas da terra, & no mouimento, porque este fazião guiando o Santo para aquelle monte, onde o Senhor estava edificando o templo. E espertando Sam Hugo com o espanto da vizão ficou mui pensativo, não sabendo a que attribuisse aquelle mysterioso sonho: finalmente pela grande impressão que lhe fizera, lhe pareceo não poderia deixar de significar algum grande mysterio, levantandose com este pensamento lhe derão recado que estavão na salla sete peregrinos que lhe querião falar. O Santo Bispo como era tão affeiçoado a fazer obras de mizericordia, & recebia grande gosto cõ qualquer occasião destas, mandou logo que entrassem. Sam Bruno & seus companheiros tanto que o virão, se lançarão a seus pes, & de joelhos lhe beijarão a mão, pedindolhe lhes lançasse a benção. O Santo Prelado ostes logo levantar abraçandoos com a charidade que de continuo em seu peito ardia; & querendo saber a causa de sua peregrinação, pedio que lha contassem, porque tudo o em que os pudesse ajudár faria com muito gosto. Sam Bruno vendo tão bons principios para o fim que pertendia, respondendo em nome de todos, contou ao Santo Bispo mui por extenso a causa de sua conuersão, & o espantozo caso que acontecera em Paris nas exequias daquelle infelice defunto, acrescentando, como todos iũ-

tos

tos tinham feito voto de fazer vida solitaria, & que pela grande fama da charidade, com que fauorecia todas as obras de religião, & virtude, determinaraõ de lhe vir pedir seu conselho, fauor, & ajuda para poderem executar o voto que tinhão feito. Espantado estava o Santo Prelado das cousas que ouvira a Sam Bruno, por todas serem mui novas, & extraordinarias; porem muito mais admirado ficava com ver o numero daquelles sete peregrinos que tinha diante de si; & cotejando tudo o que na vizão se lhe representara com o que estes santos pertendião, entendeo claramente, que a causa do apparecimento fora quererlhe Deos mostrar o lugar do dezerto em que queria o adorassem, & seruissem; & que as sete estrellas resplandecentes eraõ estes sete santos companheiros, que com resplandor, & santidade de sua vida hauiaõ de guiar muitas almas para o mysteriozo monte da Cartuxa; & alegre com ver tão clara a soluçaõ do seu sonho, com hum jubilo, & consolação espiritual excessiva os tornou de novo a abraçar, & depois de lhe louvar muito seus bons propositos, os animou grandemente a levar adiante a empreza começada, & em huma pratica que lhes fes com muito espirito, lhes disse como aquelle caminho da vida solitaria que elles escolhiaõ, tinham tomado muitos Santos Anacoretas, que desprezando o mundo, & suas dilicias se meteraõ pelos dezertos pobres, affligidos, & necessitados, & comtudo metidos assi pelas brenhas acharam mais consolaçaõ nas tocas das aruores, nas lapas, & cavernas

da terra, que nos Paços dos Reys, nas cazas armadas, nos jardins deleitozos, & em outros vaõs contentamentos que o mundo dà com grandiſſimas penſoens de deſgoſtos neſta vida prezente, & com euidentiſſimos perigos de ſe perder a futura. Muito bem parecia a Sam Hugo a intenção deſtes Santos: porem deſejava que conſideraſſem primeiro as difficuldades que tinha a vida ſolitaria naquella Regiaõ tão fria, & deſabrigada, que ainda aos recolhidos em boas cazas era difficultoza de habitar; porque eſta Provincia eſtà nas montanhas dos Alpes, & nam ha nella aquelles ares temperados, nem aquellas campinas razas do Egipto, & Paleſtina, onde a fermozura dos campos, & valles parece conviduaua aos ſantos a fazerem nelles vida heremitica. Neſtes montes Alpes nam ſe vem ſe nam ſerras nevadas, & montanhas tão crespas de penedia, que nam daõ ſubida, nem mantimento para ſe poderem habitar. Com tudo confiado o Santo na myſterioza vizão, lhes diſſe que tinha entre aquelles montes, naõ muito longe da cidade, hum chamado Cartuxa, o qual (diſſe) cuido nos tem Deos guardado para noſſa habitaçam, porque por ſua aſpereza, & altura he tam apertado de todo o trato humano, que naõ parece ſe pode achar outro mais proprio, & aparelhado para a vida ſolitaria que deſejaes. Mas todauia he taõ aſpero, tam frio, & tam deſabrigado, que temo nam poſſais ſoportar ſeu muito rigor. Nam quizera que deixaſſeis de louar ao cabo eſta empreza que tendes começado, porq

como

como diſe o Senhor no Euangelho. Neſta diuina ſemẽteira quem lançá mão do arado, & olha para tras nam he conueniente para o Reino dos Ceos. Não ſabia noſſo Padre Sam Bruno cõ que palauras agradeceſſe àquelle Santo Prelado a muita charidade com que os tratáua, o feruor com que entraua neſte negocio, & o dezejo que tinha de ſua perſeuerança; porem como era muito eloquente (ſegũdo delle todos eſcreuem) não lhe faltaraõ termos ſignificadores do muito que em tão grande obra lhuua que agradecer. E como Sam Hugo nam propuſeſſe outro impedimento para lhe deixar de dar o hermo da Cartuxa, ſe não a duuida que tinha de poderem perſeuerar, a eſſa ſatisfes noſſo Padre, dizendo que ainda que a aſpereza que lhe ouuira daquelle dezerto era tal que meteria pauor, & eſpanto a qualquer coração humano, com tudo a elles com as novas daquelle rigor ſe lhe tinha dobrado o animo, & o dezejo de ſe verem já nelle; porque quantos mais inſtrumentos tinha para mortificar o corpo, tantas mais occaſioẽs acharião para viuificar a alma, & levantar o eſpirito ao Senhor, em cuja mizeriçordia eſperauão lhes daria forças para poderem vencer todos os trabalhos, & difficuldades daquellas brenhas, aſſi como agora lhe daua animo para as pretender, & deſejar, ſendo todas tanto contra a natureza, & forças humanas; pelo que pedião que nam lhe dilataſſe eſta merce. A meſma reſpoſta eſtavão dando os mais companheiros com a muita alegria do roſto cauſada dos grandes jubilos de ſeu coração. Vendo

Sam

Sam Hugo nelles taõ grãde constancia, & esforço acabou de se resolver que ésta obra vinha ordenada por Deos, como lhe fora mostrado na vizão, aqual lhe contou para os mais animar na escolha do hermo da Cartuxa, & entendendo a ordem, por onde isto vinha encaminhado, se alegrou summamente com a merce grande que o Senhor lhe fazia em mandar pòr aquellas primeiras plantas no seu Bispado: & assi lhes prometteo logo o sitio da Cartuxa, com todo o dirrito que nelle tinha, & que lhes haueria toda a parte, que quaisquer outros senhorios nelle tiuessem, & que lhes faria huma ponte cõ que se pudesse tolher a entrada assi ás molheres, como aos caçadores, aos quais prohibiria em particular a caça naquelle lugar, para que naõ houvesse quem os perturbasse em sua contemplação; acrescẽtando q̃ elle mesmo os levaria, & lhe mostraria o lugar que Nosso Senhor lhe assinalara na vizão para edificarem a Igreja, para cuja fundação elle acudiria com todas as despezas que pudesse. Em estremo ficaraõ todos alegres com esta repoſta, assi por verem sua esperança comprida, como por saberem que sua pertẽçaõ era approvada por sua divina vontade. Dadas por todos as graças a Sam Hugo pela merce grande q̃ lhes fazia, elle os obrigou a que detoucassem alguns dias em sua caza, antes que começassem a habitar aquelle dezerto; o que elles aceitaraõ por começar a obedecer ao Santo Prelado, como sempre depois fizerão em todo o restante de sua vida.

CAPI-

CAPITVLO VI.

Da descripçam do monte da Cartuxa, & da primeira entrada que nelle fizeraõ Sam Bruno, & seus companheiros.

ESTà o hermo da Cartuxa posto nas asperas montanhas de Saboya, a que os antigos chamaram Alpes, no meio de humas serras de grande altura, tam ingremes, & de tanta penedia, que naõ achou ategora a industria humana modo, nem lugar por onde a ellas se subir, porque todas ao redor saõ huma rocha talhada, que por muitas partes vai acabando em huns penhascos agudos, os quaes com sua natural aspereza nam só metem espanto aquem debaxo os està olhando, mas ainda causa admiraçam ver o artificio, com que a natureza foi misturando o rochedo daquellas serras com a verdura do aruoredo, que por muitas partes arrebenta. O sitio por dentro he mui capaz, porem mui aspero, & intratavel, assi por estar a maior parte delle sempre cuberto de neve, como pelos ventos que ordinariamente correm tam frios, & agudos, que ate os animais bravos do monte os naõ podem soportar, pelo que em todas aquellas brenhas ha mui pouca caça, & ainda das aves, nam ha as menores, como rouxinoes, melros, nem outras que com sua melodia costumão alegrar, & fazer

doce

doce a habitação do campo, se não algumas maiores de rapina, como aguias a que a natureza ensinou a buscar os cumes dos mais altos rochedos para nelles fabricarem seus ninhos, & posto que em todas as cousas he este lugar por sua estranheza muito para ver, todavia o mais admiravel de tudo, he a serventia que Nosso Senhor ordenou que tiuesse, porq̃ não havendo nenhuma por estar todo em roda mui crespo de penedia, de fora se levanta outro monte da mesma altura, que no cume se foi encostando ao da Cartuxa, de modo que deu lugar a se lançar de huma a outra parte huã ponte por industria humana, com a qual a entrada não só ficou accomodada para o serviço da Cartuxa, mas tambem facil para se defender a passagem a quem nella quizesse entrar. Fica por baxo da ponte hum valle entre estas serras, que por ser profundissimo, & não admittir os raios do sol se fas tam escuro, que mais causa horror, que gosto aos que passão por sima: ao que ajuda muito o rouco som do rio Guyer, que pelo fundo vai passando, cujas ondas quebradas na penedia causam hum rumor importuno, & temeroso. Fica muito curto todo o encarecimento que deste lugar escreuem os historiadores para se poder explicar o grande artificio com que a natureza o compos, porque parece quis Nosso Senhor formar nelle hum castello roqueiro, em que estes Santos se pudessem defender dos inimigos d' alma com tanta facilidade, que nam ficassem armas ao Mundo, Diabo, & Carne com que os inquietar.

Não

Num pode Sam Bruno, & seus companheiros soffrer muitos dias o bom gazalhado, que se lhes fazia nos Paços Pontificais, porque com os grandes desejos que tinhão do dezerto, todos os momentos de dilaçam se lhe tornavão em annos de tormento, & por fugirem á quello regalo que lhes parecia semelhante ao que tinham aborrecido, & deixado no mundo; pedirão a Sam Hugo que lhes ham dilatasse mais suas esperanças, pois só no comprimento dellas consistia sua consolação. Vendo o Santo Bispo quanta pena recebião com o tumulto da cidade, & quanto desejavão a quietaçam do dezerto, não quis mais differir o que lhes tinha promettido, & assi partio com elles para o monte da Cartuxa no mes de Junho de 1084. chegarão á vista daquelle sitio hum dia junto da festa de Sam Joaõ Baptista, & pondo os olhos nelle com o grande alvoroço que leuavão, lhes pareceo tambem assombrado, que em toda a aspereza do lugar achavão graça, aquelles picos levantados, aquellas rochas ensinadas, aquellas roucas ondas, que a todos causão espanto lhe davão a elles mil motivos de contemplaçam. Entrarão com este gosto dentro naquellas matas, & postos de joelhos no lugar em que Sam Hugo disse que virão Senhor estar fabricando o templo, cõ muitas lagrimas de consolação, beijarão a terra, pedindo ao mesmo Senhor que se compriffe nelles aquella mysteriosa vizão; & quizesse que se edificasse alli hum mosteiro, em que fosse sempre servido, & nam faltasse nelle nunqua o rigor monastico. Tomada assi a posse

daquelle

daquelle lezerto, se forão espalhando por elle louvan
aquellas brenhas, & lapas que lhe havião de ter com
panheiras de sua contemplação; & considerando em
que parte se poderião fazer humas pobres cellas, ou choç
ças para sua habitação, depois de dar huma vista de olho
o monte, assentarão que aonde estava huma fonte, se edi
ficassem as cellas apartadas huma da outra, para que
não estorvassem os monges huns aos outros nos exer
cicios espirituaes da oração, & que no mais alto do sitio
se edificasse huma hermida da invocação de Nossa Se
nhora, aqual ainda hoje se chama Santa Maria de Ca
salibus, que quer dizer Santa Maria das Choças, porque
as cellas que então fizerão, & em que muito tempo ha
bitarão crão humas pobres choças tecidas de ferbas cu
bertas com barro, as quais fortalecião os telhados com
feno do campo, & ramos de aruores para nellas se defen
derem das injurias do tempo. Começarão logo a pôr as
mãos na obra, aqual posto que se fes com as esmolas, &
à custa de Sam Hugo, todavia ajudavão ao seruiço Sam
Bruno, & seus companheiros em roçar mato, derrou
tar brenhas, acarretar o barro, & os mais materiaes para
que a obra se acabasse com a brevidade que dezejavão.
Dava muito calor ao novo edificio a prezença do Santo
Bispo; oqual se não apartou da Cartuxa ate o deixar em
estado que se pudesse habitar; depois que os vio acco
modados, segundo o tempo daua lugar, pelo dar ao no
uo edificio espiritual do modo da vida que Sam Bruno
queria ordenar, se recolheo para sua caza, deixandolhe

pri-

primeiro para sua sustentaçam algumas esmollas, com as quais assi nestes principios, como depois lhe foi sempre acudindo, para que a necessidade do temporal nam interrompesse a contemplaçam do espirito, ate que estes Santos monges se forão ajudando a sustentar, ou com esmollas que de outras partes lhe mandavão, ou com o que acquirião do trabalho de tresladar liuros da sagrada escriptura, & dos Doutores sagrados: dos quais por não hauer ainda então impressão hauia muita falta; & por esta cauza ordenou nosso Padre Sam Bruno (como consta dos estatutos antigos) que os monges no tẽpo que lhe vagasse da reza, & oração mental, se occupassem nesta escritura; porque havendo de trabalhar em algum exercicio manual (como fizerão sempre os monges antigos do Egipto, & Palestina) ate nisto queria que os seus ficassem de ventagem, ordenando o trabalho de maneira que lhe tirasse a ociosidade, mas não lhe interrompesse a oração, na qual se ficavão conservando com a liçam do que trasladavão. Teue o nosso Santo sancto outra boa intençam, porque desejava que nam sòmente pregassem os seus monges com o exemplo de vida, mas tambem queria que converteſſem a muitos com a sua escritura.

CAPI-

CAPITVLO VII.

Como Sam Bruno, & seus companheiros se começaraõ a dar á oraçaõ, & vida contemplatiua.

DEpois que Sam Bruno se vio dezembaraçado das obras dezejozo de lograr o repouzo solitario, & q̃ não ouuesse couza q̃ o estorvasse de sua oraçaõ, ordenou todo aquelle mõte da Cartuxa a modo de mosteiro, servindose da aspereza delle, como de muro de sua clausura, & da ponte como de portaria, & tanto q̃ estes santos naõ viraõ mais q̃ campo, & Ceo, & q̃ largaraõ as vellas à contẽplaçaõ, tanto se engolfaraõ na diuina bondade, q̃ em pouco espaço perderaõ a terra, & o mundo de vista, & naõ se lembrando mais que de fazer sua viagem para a gloria, foi tão grande o espirito cõ que começaraõ esta vida solitaria, que ainda agora depois de passados mais de quinhentos annos dura nesta Santa Religiaõ da Cartuxa o impeto do primeiro mouimento que estes santos então lhe derão. Bem se pode entender, & considerar a consolação espiritual, que cada hum delles recebeo de se ver so por sò cõ seu Deos, & q̃ não tinhaõ testemunhas de seus gemidos, se não as poucas aues que pelo ar voavão. O quem pudera contar os colloquios que fazião, as lagrimas que derramavão, & os suspiros que soltavão; passavãoselhe as horas; fugialhe

o tempo; porque todo lhe parecia pouco para a muita sede que trazião de conuersar com Deos. E posto que todos desejavão caminhar por estes santos exercicios ao cume da perfeição, com tudo erão muito maiores os desejos de nosso Padre Sam Bruno. Po q como a seu cargo estava capitanear este povo de Deos, & darlhe regra, por onde se houuesse de gouernar para se dar melhor a oração apartou mais a sua cella neste santo monte. E como outro Moyses no monte Sinai, pedia com muita instancia a Nosso Senhor lhe desse sua luz, para ordenar huma regra com que esta Religião o seruisse com aquella pureza devida, & perfeição com que deve ser venerado, & seruido. E não ficou frustrado em sua petição, porque depois de estar por alguns dias este santo monte da Cartuxa ardendo (como o outro de Sinai) com as oraçoens daquelles santos, & resplandecendo com a luz daquellas sete estrellas, saio nosso Padre Sam Bruno com huã lei naõ escrita em taboas de pedra, mas esculpida no intimo do coraçaõ de cada hũ daquelles sãtos, como disse Sam Paulo aos de Corintho; porq foi tãta a humildade do mestre, & tal a obediencia dos discipulos, q nem Sam Bruno quis escreuer a sua regra por euitar a gloria de fundador, nẽ aos seus mõges foi necessario escreuerlha, porq̃ elles a obseruarão sẽpre cõ tanta puntualidade, q se guardou sẽ se escreuer ate o tẽpo de nosso quinto Geral Guigo, o qual foi o primeiro q̃ a escreueo à instãcia de outras Cartuxas q̃ ja estavão edificadas; & no prologo q fes confirma bem esta verdade dizendo: Tinhamos para nos

(dis

(dis elle) que nos conuinha mais ser ensinados, que ensinar, & que será mais seguro prègar os louvores alhevos, que dizer os proprios, dizendo Salamaõ nos Prouerbios: Louueuos outrem, & naõ vos louueis vós; & noſſo Senhor no Euangelho: olhai que naõ façais voſſas obras diante dos homens, para que vos vejaõ. Parecialhes a eſtes ſantos (& com razaõ) que era eſta regra que guardavão tão auſtera, & riguroza, que ſe a publicaſſem, ou naõ ſerião cridos, ou lhe ſeria eſcádalo de vangloria. E eſta foi a cauſa, porque Sam Bruno deixou de a eſcreuer. Eſtava taõ eſquecida neſtas partes do Occidente a vida heremitica, que aquelles primeiros Padres Anacoretas fizeraõ nas Provincias de Egipto, Scithia, & Paleſtina, & tinha o amor proprio, & carnal tão deſterrado, & anichilado o rigor monaſtico, que falar em cilicio continuo, perpetua abſtinencia de carne, & outras penitencias ſemelhantes ſe tinha por couſa incriuel, ou contra a charidade; & aſſi o glorioſo Sam Bernardo naquella excellente carta que eſcreue aos Monges da Cartuxa de Monte Dei, louuando muito o que noſſo Padre Sam Bruno fes em tornar eſte rigor da vida heremitica a ſeu antigo eſtado diz: Ouuiamos contar iſto, & naõ o acabavamos de crer; liamolo nos liuros, & admiravanos aquella gloria da vida ſolitaria, & a muita graça com que Deos nella concorria; & quando nos nam percatamos achamos tudo iſto, & vimos o meſmo exercitarſe na Cartuxa de Monte Dei: Eſtas ſaõ as palavras de Sam Bernardo; das quais ſe prova bem a grande opiniaõ em

que o Santo teue ſempre eſta regra, & inſtituto de noſſo Padre Sam Bruno, da qual diremos mais em particular no capitulo ſeguinte.

CAPITVLO VIII.

Da regra que ordenou Sam Bruno.

CONſiderando noſſo Padre Sam Bruno com ſeu diuino eſpirito as cauzas por onde as religiões ſe vinhão a relaxar do rigor monaſtico em que ſeus primeiros patriarchas as fundarão; & tendo por certo que a principal de todas, era deſuiaremſe do caminho da penitencia, & afroxarem a mortificação da carne, aqual (como diz Sam Paulo) anda ſempre de guerra contra o eſpirito, vendo que por aqui era o mòr combate do inimigo, determinou fortalecer eſta ſua ſagrada Religião por eſta parte com muitas mais armas defenſivas do que as outras tinhão, porque eſtando por aqui bem fortalecida, tudo o mais ou ficava ſeguro, ou com muita facilidade ſe podia defender. Eſta foi á cauſa porque ordenou tantos cilicios, vigilias, jejuns, abſtinencia, ſilencio, clauſura; & tantas outras aſperezas, que aos filhos deſte mundo parecem

ſobe-

sobejas: mas os que tratão de espirito as tem por necessarias, porque sabem de certo que estamos nesta vida em huma perpetua guerra espiritual, & temos o thezouro de nossa alma metido (como dis Sam Paulo) nestes corpos, como em huma fortaleza de taipa, & barro com as sinco portas dos sentidos tão devaças, que se não tiuerem mui boa guarnição he muito facil ser entrada pelo Demonio; oqual como experto guerreiro, & como Leão feróz lhe dà cada dia mil voltas bramindo com o desejo de nos vencer; & por isso mandou nosso Padre Sam Bruno aos seus monges, como a valerozos soldados de Christo, que a primeira arma que vestissem fosse hũ aspero cilicio ao caraõ da carne, que lhe tomasse todas as costas, & peito ate cintura atado com huma corda de linho, para que com elle, como com hum peito de prova, pudessem entrar seguros nesta batalha, & porque a guerra do monge (segundo dis Santo Ephrem) he continua, nam quis que [redacted] este cilicio, nem de dia, nem de noite. Sobre o cilicio ordenou que trouxessem duas tunicas de pano branco grosseiro; & sobre ellas huma cogula do mesmo pano; & que dormissem sobre hum enxergaõ de palha, ou sobre feno, ou palha cuberta com huma manta prohibindo o vzo de linho com tanto rigor, que por nenhum modo se admitisse dispensaçam, mandando que todo o pano de que vzassẽ, assi no vestido, como no leito fosse muito vil & grosseiro, para q̃ em tudo mostrassem a humildade, & pobreza que elle desejava, que seus monges tiuessem; & porq̃ sabia

sabia as ciladas do inimigo, por lhe desfazer suas traças, mandou que os monges dormissem vestidos, para que ficasse este sentido do tacto tão mortificado, que nem de dia, nem de noite tiuesse o Diabo postigo por onde pudesse entrar. Não foi menor a diligencia que fes em fortificar, ou mortificar o sentido do gosto, o qual assi como foi a primeira porta pòr onde nos entrou todo o mal, assi he bem que se vigie com maior cuidado, & foi tanto o que nosso Padre Sam Bruno pos nisto, que parece nam quis que seus monges vzassem de outros mantimentos, se não dos precizamente necessarios para naõ desfalecerem, para que se não chegassem ao comer por regalos, mas por sustentação, para aqual bastão quaesquer heruas, legumes, ou fruitas da terra, pois vemos que com ellas ainda depois do deluuio, nam só mente se sustentarão muitas gentes, & naçoens, mas ainda muitos milhares de Anacoretas do dezerto, cuja santa vida querendo nosso Padre Sam Bruno tornar a resuscitar. Primeiramente prohibio aos seus monges, que de nenhuma maneira comessem carne; porque o maior regalo que nosso gosto recebe he com as diuersas iguarias que della se fazem, com as quais a nossa se fas demaziadamente brioza, & rebelde contra o espirito: & para que este ficasse liure dos inimigos, que por esta via o inquietão, quis de huma ves extinguilos de todo nam permitindo dispensaçam alguma, posto que fosse por causa de enfermidade; o que nam foi extremo de rigor, se não extremo de grande prouidencia, & sabiduria: porque vendo

do como o amor proprio paleado com capa de neceſſidade tinha arruinado eſta ſanta prohibiçaõ em outras muitas ſagradas religioẽs, ſeruindolhe de cautella a ruina das outras naõ admittio caſo de neceſſidade, aſſi por tirar toda a occaſião de relaxaçaõ: como porque (como taõ Douto) entendeo bem que naõ hauia caſo em que foſſe taõ neceſſario darſe carne, que ſe não pudeſſe ſuprir com outro alimento, como eſtá prouado por parecer de muitos medicos doutiſſimos, & pela experiencia que a Carruxa diſſo tem de mais de quinhentos annos. Alem deſta taõ riguroza prohibição da carne, ainda no peixe pós limite, naõ querendo que ſe compraſſe ſe nam para os doentes; & aſſi a ordem que Sam Bruno deu foi que Domingos, terças, quintas, & ſabados, comeſſem ordinariamente hervas, legumes, & fruitas verdes, ou ſecas; & que neſtes dias ſe lhe deſſe vinho huma ſô ves, & muito aguado; & havendo em caza peixe mandado de eſmolla tambem ſe lhe pudeſſe repartir, mas naõ ſe compraſſe ſe naõ para os enfermos; & que as ſegundas, quartas, & ſextas feiras ſe jejuaſſe a paõ, & agua; & ſe alguns por eſte jejum de paõ, & agua ſer fortiſſimo (como dis Sam Hieronymo) naõ pudeſſem jejuar deſte modo todos eſtes tres dias cada ſomana, pelo menos jejuaſſem ſempre á ſexta feira a paõ, & agua, & que às ſegundas, & quartas pudeſſem comer legumes, & hervas, mas neſtes dous dias, nem ſe lhe deſſe vinho, nem do peixe da eſmolla; & que o paõ não foſſe aluo, ſe naõ de toda a farinha. Mandou mais que os ſeus monges jejuaſſem deſde

dia

dia da Cruz de Setembro ate Paschoa da Resurreiçaõ; & por moderaçam deste rigor concedeo que não sendo Aduento, nem Quaresma se desse aos Domingos, & quintas feiras queijo, & ouos. Demancira que se bem considerarmos o que nosso Padre Sam Bruno deixou ordenado acharemos que sua tenção foi que a vida dos monges fosse huma perpetua Quaresma, & hum continuo jejum, de modo que não houuesse dia em que se não exercitassem na virtude da abstinencia, ou da carne, ou do peixe, ou do vinho, ou de tudo, jejuando a pão, & agua. Fes o nosso Patriarcha tanto cabedal de abstinencias, & jejuns, porque como dis Santo Ambrozio de Helia, & jejunio: O jejum he a extinção dos peccados, remedio da saude, rais da graça, & fundamento da castidade. As abstinencias nam sò dão forças contra o Demonio, mas tambem saõ armas que se lhe tiraõ em forma que lhe nam fica com que nos possa fazer guerra. E porque não pareça encarecimento o que temos dito, trarei por testemunha fide digna o que deste rigor, que Sam Bruno ordenou, escreue Pedro Abbade Cluniacense lib. 1. de miraculis cap. 28 o qual foi contemporaneo de Sam Bernardo, & dis assi.

Servatur in Burgundiæ partibus inter omnes Europæ nostræ Monastici ordinis professiones professio quædam multis alijs eiusdem propositi sanctior, & cautior, instituta á quibusdam Patribus magnis, doctis, & sanctis, Magistro Brunone Colonienſi, & Magistro Lauduino Italico, ac quibusdam alijs verè magnis, &

timentibus Deum viris. Qui quorundam antiquorum Monachorum tepiditate, negligentia, ac desidia prædocti sæculo abrenuntiare volentes cautius sibi, suisque in via Dei sectatoribus consuluerunt. Et vigilanti oculo ordinem contra omnes pene Satanæ insidias circunspectum instituerunt. E mais abaxo dis: *Ad edomandum iumentum corporis sui, & ad subigendam (iuxta Apostolum) legem membrorum suorum repugnantem legi mentis suæ duris carnem cilicijs semper exasperant; continuatis penè acribus jejunis corpora afligunt, extenuant, deficcant. Inde est quod pane furfureo semper vtuntur, vinoque á Deo adaquato, vt merito magis villum, quàm vinum dicatur. Ab omni carnium esu tam sani, quàm ægri in perpetuum abstinent &c* Quer dizer. Guardasse nas partes de Borgonha entre todas as regras de nossa Europa huma ordem mais santa, & acautellada que muitas outras do mesmo instituto monastico instituida em nossos tempos por certos Padres grandes em virtude, deuotos, & santos, o Mestre Bruno Colonience, & Mestre Lauduino Italiano, & outros (q̃ como tenho dito) saõ varoẽs verdadeiramẽte grãdes, & temẽtes a Deos. Os quaes escarmẽtandose na tibieza, negligencia, & socordia de certos monges antigos, desejando renunciar o mundo olharão com mais prouidencia, & cautella por si, & por seus successores, & com grande vigilancia instituiraõ huma ordem mui resguardada contra todas as cilladas do inimigo. Para domar o jumento do seu corpo, & para sogeitar (segundo dis o Apostolo) a lei

de seus membros, a lei de seu espirito: endurecem sua carne com duros cilicios; affligem, extenuaõ, & desecaõ seus corpos com jejuns quasi continuos. Da qui vem que comem sempre paõ de relão, & bebem o vinho tão aguado, que quasi perde o nome de vinho. Naõ comem carne, nem saõs, nem doentes. Nunqua mercão peixe, mas recebemno se por ventura lho mandaõ de esmolla. Este he o testemunho de Pedro Abbade Cluniacense.

Não se contentou nosso Padre Sam Bruno com estas guardas que tinha posto nos sentidos do tacto, & gosto, para seguraça desta fortaleza, mas ainda pòs outras muitas nos sentidos de ver, & ouuir, porque como estes saõ humas janellas a que a alma se chega (segundo dis Basilio) a ver o que passa pelo mundo, he muy facil ao inimigo offendela com tiros de arremesso, dos quais tem infinitos com que nos combate, como saõ espectaculos, festas, danças, jogos, couzas curiozas, impertinentes, & vans, cuja vista corporal em pouco espaço fas perder ao Monge as virtudes que com grandes trabalhos em muitos annos tinha ganhado; porque todas estas couzas fazem grande dano n' alma, causaõ esquecimento de Deos, frieza na oraçaõ, fastio do claustro, & desejo do povoado, & finalmente trazem consigo mil contos de imaginaçoẽs, & pensamentos inuteis, pouco honestos, & muito prejudiciais. Vendo pois o nosso Santo como acontecera muitas vezes irem os monges ás cidades, & virem para as cellas com o corpo, deixando là a Alma;

mandou que os seus Carruxos tiuessem perpetua clausura, porque com esta não sòmente se evitavão todos estes escandalos, mas tambem outras muitas inquietaçoens de pedir, & pretender licenças para verem paes, parentes, & amigos, & fazerem outras vizitas de que se volta ordinariamente com menos devaçaõ do que se parte do mosteiro; & para melhor recolhimento, & quietação do espirito prohibio, que de nenhuma maneira entrassem molheres na Igreja, nem nos termos da Cartuxa. Nam queremos (dis o estatuto) que de nenhuma maneira entrem molheres dentro dos nossos termos; porque vemos que nem hum sabio como Salamão, nem hum Santo como Loth, nem o mesmo primeiro homem formado pelas mãos de Deos pode escapar de suas branduras, & enganos. Nem he possiuel ao homem (como dis a escritura) trazer o fogo no ceio, & não se lhe queimar o vestido; ou passear sobre as brazas sem se lhe abrazarem as plantas, nem tomar o pez sem se lhe pegar. Avista da molher vestida, & atauiada escandaliza aos homens, & faslhe entrar a morte pelos olhos, porque estas saõ as frestas por onde ella entra, como se le em Hieremias.

Alem desta apertada clausura, pela qual os monges naõ podem nunqua passar os termos, que cada Cartuxa tem limitados, deixou outra mais estreita, que he a da cella, da qual não podem sair, se não se os chamão para a Igreja, ou indo à cella do Prior a pedir, ou tratar cousa necessaria, ou à quinta feira quando todos vão a espacia

men-

mento, ou recreação; & para mòr guarda, & obſervancia deſtes preceitos, preuendo os grandes males que naſcem do falar, & quam difficultoza ſeja de refrear a lingua, mandou que tiueſſem ſilencio perpetuo por atalhar com elle muitas murmuraçoẽs, palavras ocioſas, picantes, & outros mil eſcandalos, & deſgoſtos que naſcem das praticas; porque raramente ſe acaba a conuerſaçaõ ſem murmuração, ou culpa de que hajamos de fazer conſciencia. E aſſi o homem que náo tem ſilencio (dis o ſabio) he como huá cidade ſem muros, nem portas, que não tendo reparo para ſe defender em qualquer aſſalto he entrada de inimigos; & entendendo o Propheta David quam difficultozo era falar ſem peccar, pedia a Noſſo Senhor que lhe concedeſſe eſte ſilencio, que lhe ſeruiſſe como porta ſerrada para que não abriſſe a boca ſe naõ com as circunſtancias deuidas; & porque Noſſo Padre Sam Bruno ſabia quam más eraõ eſtas de obſervar falando, mandou que calaſſemos ſempre, porque ſerrandole eſta porta, naõ ſòmente ſe euitauão todos os eſcandalos que das praticas ſe ſeguem, mas jũtamente ſe ficauão com o ſilenſio guardando, & mortificando as portas dos ouvidos, por onde tambem entrão muitos outros generos de inquietaçoẽs de que liurou aos ſeus monges; nem lhes permitio cantar, nem ouvir muſicas de canto de orgão, nem tanger, nem ouvir arpas, cravos, nem outros inſtrumentos, & deſcantes que cauſaõ grande melodia, & deleitaçaõ aos ouvintes; porque nem por eſte meio queria que ſe ouviſſem ao lon-

longe alguns cantos de sereas, que os encantassem, & fizessem esquecer da viagem da gloria; nem outro si lhe quis conceder alguns dias em que se pudessem recrear com pescarias, ou caças, nem com jogos, posto que licitos, & honestos, nem terem outra semelhante recreaçam, ou passatempo, porque nam queria que se lhe passasse nenhum sem o remirem, & empregarem todo (como dis Sam Paulo) em amar a Nosso Senhor, & em couzas, que os ajudassem a sua salvaçam. Porem compadecendose da fraqueza humana, concedeo que às quintas feiras à tarde depois das horas pudessem ir todos juntos a espaço por dentro dos termos da Cartuxa, & que lhes seruisse de recreaçam verem liuremente os campos verdes, as frescas fontes, as agoas correntes, & postos sobre tudo esses formozos Ceos como abobadas de cristal: para que abelleza destas couzas, assi lhe desse aliuio, que juntamente lhe metesse saudade da patria celestial. Esta he a forma de vida que nosso Padre Sam Bruno ordenou aos seus monges, aqual referi sòmente em summa, deixando outras muitas particularidades, assi por serem mais proprias de se lerem nos estatutos, como por nam interromperem com sua multidaõ o fio da historia: aqual com tudo me pareceo que conuinha naõ concluir este capitulo, sem mostrar como este mesmo rigor de vida se guardou sempre, & se guarda ainda hoje na Cartuxa, sem o tempo ter feito adminuiçam que fazem todas as couzas. Santo Antonino Arcebispo de Florença, que

floreceo,

floreceo no anno de 1459. certifica ser isto assi ate o seu tempo por estas palavras: *Certe valde venerabilis est ista religio quæ vsque in præsentem diem seruat rigorem suarum obseruantiarum per annos circiter quadringentos. Austera siquidem est in multis, in abstinentia quidem, quia prolixa jejunia, & sextis omnibus feriis in pane, & aqua ab esu carnium semper abstinent etiam in grauissima infirmitate, ita vt qui eis vesci voluerit amplius in clausura cum reliquis non valeat permanere. Quo ad vestitum, quia semper cilicio induuntur ad carnem. Quo ad solitudinem, qui is nunquam exeunt exceptis Priore, & Procuratore; & in cellis suis soli manent cum arcto silentio, vigilias magnas habent propter prolixitatem, officij*. O que em nosso vulgar dis assi: Certamente he muito para venerar esta Religiaõ da Cartuxa, aqual ate o dia de hoje guarda o rigor de suas obseruancias por espaço quasi de quatrocentos annos. He verdadeiramente austera em muitas couzas. Primeiramente na abstinencia, porque tem jejuns mui prolongados, & jejuão todas as sextas feiras, a paõ, & agua; & naõ comem carne ainda que estejão doentes de enfermidade grauissima, em tanto, que quem comesse carne o despediriaõ do Clausstro. He tambem muito aspera assi no vestido, porque trazem sempre hum cilicio sobre a carne; como na solidaõ, porque nunqua saem fora, tirando o Prior, & o Procurador. Estão sempre sòs nas suas cellas com mui apertado silencio, vigiaõ muito de noite por terem officio muito grande, & prolixo.

Do

Do noſſo tempo teſtifica obſeruátſe o meſmo, o venerauel Padre Dom Eſtevão de Salazar Doutor Theologo, & Prior que foi da Cartuxa de Xeres; o qual por ter eſtado preſente na gram Cartuxa no capitulo geral do anno de 1584. eſcreue, no ſeu liuro de Genealogia Salvatoris na Epiſtola dedicatoria ao Arcebispo de Toledo Dom Galpar de Quiroga, eſtas palavras: *Habitant penitiſsimam Alpium Sabaudicarum ſolitudinem vſque adeo rigentem, & perpetuis nubibus obductum, vt decantata illa niuium, & ſanctorum. Aſcetarum Scytis prę hac heremo pro temperatiſsima, & amena regione haberi poſsit. Veſtis etiam intima ex ſacco dira, ſubtus ad carnem cilicia, victus tenuis, panis cibarius ex ſligine, ſomnus modicus, vigiliæ immenſæ, & quæ ſolemnibus diebus adhoras quatuor cãtando protrahantur.* E mais abaixo: *Chorum hunc ducit admirabilis quidam ſenex nomine Bernardus, cognomine Carraſſus, patria Tarbenſis, ætate octogenarius, ardore pietatis ſic accenſus, vt cum tot domeſticæ adminiſtrationis, & totius Reipublicæ Cartuſianæ negotijs obruatur, non die, non nocte abactibus conuentualibus abſit perinde ac ſi modo in anno probationis, & ordinis tyrocinio verſaretur. Non victu, non veſtitu, ſed indefeſſo labore animi tranquilitate, modeſtia, iuſtitia, æquitate, cæterisque Principe dignis virtutibus omnibus prælucens.* Quer iſto dizer: Habitão eſtes Religioſos Cartuxos as mais altas montanhas dos Alpès de Saboya, taõ frias, & cubertas de perpetuas neves, que aquella antiga Scythia dos Santos Anacoretas taõ nomeada,

da, & afamada pelas neues em comparaçaõ deſte hermo ſe pode ter por huma regiáo freſca, & temperada. O veſtido que trazem ainda o muito interior he de ſaco, debaixo do qual trazem cilicios crueis. Comem pouco, & o paõ ordinario de toda a farinha, dormem pouco, tem grandes matinas de noite, porque nos dias ſolemnes duraõ em ſe cantar quatro horas. E mais abaixo diſſi: Gouerna eſte Conuento hum velho admirauel chamado Bernardo Carraſſo de patria Tarbenſe de oitenta annos de idade, taõ pio, & feruorozo, que eſtando carregado, & impedido, naõ ſò com os negocios daquella grande caza, mas de todas as Prouincias da Carturxa, nem de dia, nem de noite falta nos actos Conuentuaes, como ſe ainda agora eſtiueſſe no anno de approvaçaõ, & noviciado. No comer, & veſtido nam differe dos outros monges; porem no incanſavel trabalho, na quietaçaõ do animo, na modeſtia, na juſtiça, na brandura, & equidade, & em todas as mais virtudes dignas de Prelado fica mais illuſtre, & avantejado que todos.

CAPI-

CAPITVLO IX.

Da cauza porque ordenou nosso Padre Sam Bruno que houuesse na Cartuxa os frades conuersos, & de como Sam Hugo residia muito tempo na Cartuxa como qualquer dos outros monges.

COmo nosso Padre Sam Bruno tinha determinado que os seus monges professassem somente a vida solitaria, & contemplativa, ordenou todas as penitencias silencio, & clausura, que vimos no capitulo passado, como meios mui proporcionados para este fim que pertendia; & porque o cuidado, & trabalho de acquirir as cousas necessarias à vida corporal, nam sò impedem grauemente as acçoens do espirito, consumindolhe o tempo em que se hão de exercitar, mas tambem extinguem, & secaõ a devaçaõ com os varios casos, & perturbaçoens, que os negocios trazem consigo, mandou que todas estas cousas temporaes tratassem os frades conversos (que entaõ eraõ Andre, & Guarino) para que os monges se lograssem perfeitamente da quietaçaõ, & contemplaçaõ de Maria, & os conuersos ficassem com o merecimento, & trabalho de Martha. E por lhe aliuiar o muito que hauião de ter, naõ quis que os conversos trouxessem cilicios, nem tiuessem tantos jejuns, nem as cogulas taõ compridas,

para q̃ lhe não fossem impedimẽto ao seruiço, & assi lhe ordenou outras muitas couzas que não relato por serem mais proprias dos estatutos. E por tornar a continuar cõ a historia, & tratar de Sam Hugo Bispo de Granoble, cõ cujo fauor, & esmolla s(como assima disse mos) pôde nosso Padre Sam Bruno fundar, & instituir esta Religião. Não deixou o Sancto Prelado passar muito tempo sẽ tornar a ver os seus Cartuxos; porq̃ nos poucos dias q̃ tiuera de sua conuersaçaõ, lhe ficara tão affeiçoado, q̃ não podia estar sem os vizitar muitas vezes; porem depois que vio a Religião q̃ Sam Bruno tinha instituido, a ordem q̃ a tudo tinha dado, o feruor com que procediaõ, a deuaçaõ com q̃ continuamente oravaõ, & a alegria com que entre tanta aspereza viuiaõ perswadisse, q̃ Nosso Senhor tinha já de todo edificado o templo que na vizaõ lhe fora mostrado, & que aquelle monte da Cartuxa naõ era outra cousa se naõ huã caza de Deos, & porta do Ceo. Todas estas obseruancias lhe pareciaõ estranhamente bem por serem mui conformes a sua condiçaõ, & aos viuos desejos que sempre tiuera de seruir a Nosso Senhor, & acquirir muitas almas para a gloria, mas sobre tudo o que lhe mais contentava era a grande quietaçaõ, & silencio em que alli se viuia, porq̃ como andaua mui quebrantado de negocios do seu Bispado, entaõ somente respirava, quando liure do estrepito, & perturbaçaõ das partes se via na Cartuxa, onde aquelle grande silencio lhe dava motiuo para leuantar o espirito a seu creador, pello q̃ por se lograr deste Paraizo terrestre, todo o tẽpo q̃ podia

podia furtar as obrigações de seu officio pastoral gastava na Cartuxa, & morava entre os monges, não como senhor, & prelado, mas observando a mesma regra, fazendo as mesmas penitências, & tendo oração, como se fosse qualquer monge particular. Correo logo por todas as partes a fama da santidade do mõte da Cartuxa, & muitos a vinhão ver, hús mouidos de curiosidade, outros tocados do espirito, & dezejosos de tomar o habito. Mas Sam Bruno como via q̃ aquella vida não era para todos, não admittia moços, nem mancebos de pouca idade (segũdo nos ficou por estatuto) senão homẽs feitos, & muito apostados que pudessem levar a diante o edificio, q̃ tinha começado; entre estes veio hũ Prior Conego Regular da Igreja de Sam Lourenço chamado Guilhelme, homẽ de muita virtude, & de tantas partes, que por ellas foi depois elleito Abbade de Sam Theofredo. A este recebeo Sam Bruno, porque para semelhantes logeitos foi sempre a Cartuxa hũ refugio de todos os Religiosos: & no principio recolheo logo tres Conegos Regulares, este, & os dous Estevãos Conegos de Sam Rufo primeiros cõpanheiros de Sam Bruno. A este Santo Monge Guilhelme coube a boa sorte de hospedar de ordinario ao Bispo Sam Hugo no tẽpo q̃ se recolhia na Cartuxa, porq̃ sendo então poucas as cellas não havia algũa sobeja em q̃ o Sãto Bispo se pudesse agazalhar, & como ambos então santos, procuravão avãtejarse nos officios de humildade, porfiando cada qual sobre quẽ havia de varrer a cella, lavar a louça, & fazer o mais serviço ordinario. O mõge allegava,

que tudo isto lhe competia assi por ser a cella sua, como porque naõ conuinha a hũ Bispo, & Prelado taõ grande officios tão baixos, & humildes. O santo dizia que nenhuá virtude parecia melhor em hum Prelado que a humildade; & finalmente vinha esta competencia a termo, que Guilhelme naõ podendo sofrer que Sam Hugo lhe não deixasse fazer seruiço nenhum da cella, ia muitas vezes com este santo queixume a Sam Bruno. Estes eraõ os exercicios, & as competencias daquelles nossos primeiros paes, & fundadores da Religiaõ pretender cada hum de se adiantar em ser mais humilde, penitente, obediente, & modesto, ver quẽ seria mais pobre no habito, mais diligente no choro, & nas mais virtudes. Mas em todas leuaua muitas ventagẽs nosso P. S. Bruno, como quẽ era o modello de q̃ todos tiravão, & aprendião, o q̃ haviaõ de fazer, porq̃ nelle viaõ hũ estremo de mortificação, abstinencia, pobreza, & humildade, & finalmẽte tinhaõ nelle hũ raro exẽplo de todas as virtudes. As quais procuraua plantar nos coraçoẽs de seus mõges mais cõ exẽplos de vida, q̃ cõ palavras, & amoestaçoẽs, posto q̃ nẽ destas faltava, assi porq̃ era dotado de grande eloquẽcia como porq̃ tinha tãta liberdade para reprehender, q̃ nẽ ao mesmo Bispo Sam Hugo deixava de dizer o que lhe parecia necessario em consciencia, como se verà neste exemplo. Era tão grande afeiçaõ que Sam Hugo tinha a este dezerto da Cartuxa, & tãta a deuaçaõ, & feruor cõ que se dava à oraçaõ, & aos mais exercicios espirituaes, que estando de ordinario na Cartuxa todo o tempo, que gastava nella lhe parecia muito pouco, mas

sendo na verdade muito. Sam Bruno lhe dizia por vezes, que pois era Bispo se fosse tratar desuas ouelhas, & cortasse por si em se tirar do gosto da oração. No que bẽ se mostra quam grande peito era o de Sam Bruno, pois nem a autoridade de Sam Hugo, nem a muita dependencia que delle tinha lhe eraõ impedimento para deixar de lhe dizer a verdade. E porque Sam Hugo lhe diferia como a Prelado, & lhe obedecia em tudo no Conuento, tambẽ nisto lhe naõ saia da vontade: indose para Granoble mui pezarozo de deixar cõpanhia taõ santa. Esta liberdade de Sam Bruno não lhe tirava por outra parte ser mui brãdo, & compassiuo para cõ os fracos, & pusilanimes, escolhendo sẽpre cõ prudẽcia o meio em q̃ a virtude consiste. Desejando Sam Hugo ser hũ perfeito varão Evangelico, mouer aos homẽs cõ seu exemplo ao desprezo do mũdo, quis vender todas as mulas q̃ tinha, despedir os criados, & irse apè vizitar o seu Bispado, & prègar aos seus subditos; porẽ Sam Bruno como era taõ Douto, & prudẽte lhe foi á maõ, dizẽdo q̃ lhe naõ cõvinha perse naq̃lle modo de vida, assi por naõ ser notado de singular, como porq̃ lhe poderia nascer daq̃lla singularidade algũa vangloria. Alẽ de ser taõ grande o trabalho q̃ naõ poderia acabar cõ o effeito, onde o leuaua o desejo; ao qual cõselho S. Hugo obedeceo, porq̃ lhe parecia q̃ naõ poderia acertar cousa algũa cõtra o parecer de varaõ taõ S. Deste exẽplo, & se collige bẽ naõ só o respeito q̃ ẽ tudo se lhe tinha, mas a madureza com q̃ nos negocios procedia; nem era menor o cuidado, & prouidencia

com que acodia ao bom gouerno do Conuento. Mas o que sobre tudo admirava era ver como os encargos de Prelado naõ diminuiaõ nelle os feruores da oraçaõ, na qual era taõ continuo, & andaua sempre taõ enlevado nas cousas do Ceo, que por isso fundou huma Religiaõ q̃ naõ tratasse das da terra, & professasse sòmente a vida contemplatiua. Viueo Sam Bruno com seus companheiros neste dezerto da Cartuxa seis annos continuos com tanta quietaçaõ, & consolaçaõ espiritual, que parecia naõ poderia hauer cousa que lha interrompesse; porque ainda que no mesmo tempo erão grandissimas as reuoltas, & trabalhos que hauia em toda Europa com o scisma, & guerras cauzadas pelo Emperador Henrique IV. com tudo todos esses estrondos naõ soauão, nem se ouviaõ no monte da Cartuxa, que por virtude da oraçaõ estava feito hum Ceo, onde naõ chegavão as inquietaçoẽs, & tempestades que corrião no mundo, por lhe ficar como Regiaõ muito inferior. Porem querendo Nosso Senhor provar ao seu servo, permitiõ que lá o alcançasse parte da tormenta, que neste tempo padecia a Igreja, para que com os trabalhos, & tribulaçoens ficasse mais apurada sua grande santidade.

CAPI-

CAPITVLO X.

Dos grandes trabalhos que neſte tempo padecia a Igreja; & de como Vrbano II mandou chamar a noſſo Padre Sam Bruno, & com ſeus companheiros foi a Roma.

NO meſmo tempo em que noſſo Padre Sam Bruno fúdou a Religião da Cartuxa, padecia a Igreja Catholica grandiſſimas calamidades, & trabalhos cauſados por aquelle brauo, & peruerſo Emperador Henrique IV. cujas maldades, & dezaforos chegiraõ a tanto que conſentia em ſuas terras todo genero de peccados, & abominaçoẽs, permitindo que os clerigos ſe caſſem, & que os beneficios Eccleſiaſticos ſe vendeſſem, & compraſſem publicamente, & elle meſmo ſem ter nenhum reſpeito, nem reuerencia a Deos, nem à Sè Apoſtolica, os vendia, & prouia ſimoniacamente por dinheiro os Biſpados, & Abbadias. Pelos quais inſultos, & delobediencias mouido o Papa Gregorio VII. Varaõ de grande ſantidade, prudencia, & valor depois de o amoeſtar por muitas vezes aſſi por ſuas cartas Paſtoraes, como por ſeus legados, vendo que Henrique tinha chegado ao profundo da maldade, & deſacato convocou concilio em Roma, & de commum parecer de todos pronunciou contra elle huma riguroza ſentença pela qual o de-

o declarou por excomungado, & o priuou do titulo, & da coroa Imperial, absoluendo os seus subditos do juramento de fidelidade que lhe tinhaõ feito, & dando licença aos electores do Imperio para fazerem nova eleiçam; & posto que elle com seus fingimentos ordinarios, & com falsas promessas de emmenda alcançou do Papa absoluiçam; todauia como era tudo mera ficçaõ durou na reformaçam promettida muito poucos dias, porque logo tornou a cometer os mesmos insultos, & peccados, & a encorrer nas mesmas censuras. Pelo que outra ves pelo mesmo summo Pontifice foi declarado por excomungado, & priuado do Imperio. Sentido o Emperador destas sentenças, & naõ arrependido de suas culpas, antes pertinàs, & obstinado nellas, largando aredea a seus apetites se deu a todo genero de vicios, & mostrandose dascubertamente inimigo capital do Papa, & da Igreja, começou por sua autoridade hum conciliabulo em Brixia cidade de Alemanha, onde ajuntou trinta Bispos de sua facçaõ, & inimigos do Papa Gregorio, & depois de o infamar falsamente de muitos crimes, & excessos que nelle não hauia, fes com que o depuzessem, & elegessem por Papa a hum Gilberto Parmense Arcebispo de Rauena, homem maluado, simoniaco, & excomungado, q̃ fora seu cancellario, & ministro de todos seus desatinos; o qual aceitou a eleiçaõ, & se fes chamar Clemente III. & durou nesta scisma, & pertinacia vinte, & hum annos que lhe durou a vida, mandando o Emperador sempre que todos

ou-

o tiuessem por summo Pontifice. Não erão sós estes os males que fazia o peruerso Henrique com sua demaziada consciencia, mas outros muitos de mortes, roubos, & destruiçoens de villas, & cidades que as guerras trazem consigo, sendo elle com seus peccados de todos a vnica, & total causa. Pelo que os elleitores do Imperio, & outros Principes, Arcebispos, & Prelados de Alemanha, movidos por sua consciencia vendo a pertinacia do Emperador Henrique sua mà vida, & o escandalo que dava em permittir tantos peccados, & causar taes inquietaçoens na Igreja de Deos se ajuntarão em Cortes (a que chamão Dieta) na cidade de Forchen em Alemanha, & havendo a Henrique por indigno do sceptro Imperial, ellegerão por Emperador a Rodulpho Duque de Suevia, da qual elleição nascerão tantas discensoens entre os dous Emperadores, que toda Alemanha ardia nestes tempos em guerras, revoltas, & parcialidades. Nem Italia estava fora dellas, porque andava nella Henrique filho segundo do Emperador com outro grosso exercito contra a famoza Condeça Metilde que sustentava a parte Pontifical; & o mesmo Emperador em pessoa depois da morte de Rodulpho, & da vltima victoria que delle teve passou a Italia por vezes, & no mesmo anno de 1084. em que SamBruno entrou na quietação do dezerto entrou o Emperador por força de armas a cidade de Roma, & cercou ao Papa no Castello de Sam Angelo tão apertadamente, que se o Summo Pontifice não fora socorrido pelo valero-

valerozo capitão Roberto Guiscardo, Principe de Calabria feudatario da Igreja de força viera a poder de Henrique. E assi da hi por diante por se não ter por seguro em Roma, mudou sua Corte para a cidade de Salerno no Reyno de Napoles, onde viueo o restante de sua vida com mais segurança, por estar perto de seu grande amigo o Principe Roberto. Finalmente estando todas as cousas perturbadas com as guerras, & scisma de Gilberto, que todauia se chamaua Papa veio Gregorio VII. a morrer no anno de 1085. hum depois de nosso Padre Sam Bruno estar no Ermo da Cartuxa. Por morte de Gregorio VII. foi elleito por Summo Pontifice de commum consentimento de todos os Cardeaes Victor III. o qual por ser homem santissimo, & pouco ambiciozo, reziſtio tanto a esta elleiçaõ, que quasi hum anno esteue metido no mosteiro de Monte Cassino sem querer vzar do officio Pontifical. Mas vendo que com a grande vacante se acrescentauão os trabalhos, que a Igreja padecia aceitou, & em hum Concilio que fes em Roma renouou as censuras contra Henrique, & tornou a declarar por apostata intruzo, & scismatico ao Antipapa Clemente, que de ordinario rezidia em Benevento cidade de Italia, fauorecido, & defendido pelo Duque da mesma cidade chamado Ricardo, que era da facçaõ do Emperador. Durou Victor III. muito pouco no Pontificado, porque morreo logo quasi no fim do anno de 1087. E no seu tempo alem de padecer as mesmas perseguiçoens de Henrique, & a scisma do Antipapa houue huma

fome

fo me vniuersal das maiores, que jámais se virão em tanto que naõ achando as aues domesticas nas cazas, & povoaçoẽs alimento com que se pudessem sustentar, se tornavão bravas, indose pelos campos a buscar sustentação, aqual tambem faltava tanto aos mesmos homens, que nem dos pescados do mar, & dos rios se podiaõ ajudar, vendose cada dia sobre as aguas infinita copia de peixes mortos, que por sua podridão nam seruiaõ para mantimento. Na força destes trabalhos veio a succeder no Ponteficado Otto Cardeal de Hostia que se chamou Vrbano II. o qual era grande amigo, & conhecido do nosso Padre Sam Bruno, assi por ser Frances natural da villa de Castelhão no Bispado de Rems doude Sam Bruno fora Conego, como porque tinha sido seu discipulo na cidade de Paris. E posto que hauião de ser passados mais de vinte annos do tempo desta amizade, & conhecimento ate o anno de 1088 em que Vrbano foi elleito, com tudo naõ forão bastantes, nem o tempo que tudo acaba, nem a grandeza do lugar que tudo fas esquecer, para extinguir em Vrbano a lembrança da amizade antiga de seu Mestre, nem lhe pode diminuir o conceito que tinha de sua grande virtude, & sabidoria, antes lhe pareceo (& com razaõ) que naõ poderia achar conselheiro, que o ajudasse, & aconselhasse naquelles trabalhos os tempos em que concorresse tanta sabidoria, & prudencia juntas com tanta fidelidade, & liberdade, como em Sam Bruno. E por esta razão depois que se vio com o pezo dos negocios do Pontificado para melhor expe-

expediçã delles determinou de o mandar chamar. Alguns dizem que tanto que foi elleito, logo o fes; mas o mais certo he que se passárão primeiro dous annos nos quais renouou, & confirmou Vrbano as censuras contra o Emperador Henrique, & contra o Antipapa Gilberto, que ainda se chamava Clemente III. & no anno de 1090. se resolueo em mandar chamar Sam Bruno, que hauia seis annos estaua no dezerto da Cartuxa, & lhe escreueo huma carta em que lhe reprezentava o estado das couzas, & a necessidade que tinha de sua prezença, & companhia para poder com a carga do gouerno que lhe nosso Senhor puzera sobre seus hombros, & quam necessarias eraõ a Igreja nos trabalhos que de prezente padecia as partes de que o Deos dotara; & porque temeo que o santo se excuzasse, concluio a carta com hum preceito de obediencia com o qual o obrigou que em todo cassо viesse logo a Roma, onde então rezidia. Recebida esta carta por nosso Padre Sam Bruno foi grãdissima a pena que recebeo cõ esta noua tão pouco delle esperada; porque por huma parte o atormentaua grandemente verse obrigado a trocar a quietaçaõ da Cartuxa pelo tumulto da Corte, deixar aquelle porto seguro do dezerto, & tornar a meterse nas ondas, & tempestades do mundo que tão aborrecido tinha; por outra parte lhe chegava à alma o apartamento daquelles seus cõpanheiros, que estranhamente em Christo amava: porem vendo que lhe era forçado obedecer, ajuntou os seus monges, & deulhes conta do rigurozo preceito do

Sum

Summo Pontifice, & do muito que sentia haverse de apartar delles, ainda que fosse por pouco tempo; & posto que estava taõ cortado das saudades daquella despedida, que tinha mais necessidade de consolaçaõ que todos. Todauia o melhor que pode procurou de os consolar com as esperanças de tornar muito cedo, & com a grande confiança que tinha que Nosso Senhor daria ordem com que sua auzencia nam fosse causa para aquelle monte da Cartuxa deixar de ser sempre caza de oraçaõ, & templo diuino, como na vizaõ fora mostrado ao Bispo Sam Hugo, pedindolhe se quizessem conformar com a vontade de Deos, & de seu Vigario, & persuadindolhe com muitas palavras levassem bem aquelle seu apartamento, pois o fazia forçado da obediencia, sem aqual aproueitavão pouco os jejuns, cilicios, & mais penitencias daquelle dezerto. Feita esta pratica foi taõ grande o sobresalto dos santos monges, tal a tristeza de que se cobrirão, & tantas as lagrimas que derramarão, que naõ admittiaõ as razoens que o Santo Patriarcha lhe dava, nem as consolaçoens com que os pertendia animar, sòmente se resoluião em que se elle ficava, ficarião, & assi ja o seguirião onde quer que fosse; porque lhes tinha taõ roubados os coraçoens que lhes parecia não poderião viuer sem sua prezença, & que faltando ella lhes faltaria todo o conselho, animo, & consolação que nelle sempre achavão em todas as tentaçoẽs, & difficuldades que se offereciaõ, & que se a elle o forçaua a obediencia a irse, a elles os obrigaua o amor

o amor ao acompanher. Vendo pois Sam Bruno a seus companheiros tão determinados em o seguirem, & que a grande affeiçaõ que lhe tinhão, lhes não deixava tomar outra resolução, determinou levalos comsigo. E para que aquelle monte sagrado da Cartuxa nam fosse profanado, nem viesse a poder de seus seculares, pareceo-lhe conueniente deixalo encomendado em custodia ao veneravel Abbade do mosteiro de Caza Dei da congregaçaõ Cluniacense chamado Seguino (que fora hum dos senhorios que lho tinhão dado) com condiçaõ que quando voltassem lho tornaria a entregar. Feita esta diligencia se partiraõ todos para Roma, bem tristes, & saudozos de deixarem aquelles montes em que tantas merces tinhão recebidas do Ceo, & de caminho passando por Granoble com muitas lagrimas tornarão a bençaõ a Sam Hugo, que mostrou grande sentimento de sua partida, assi por ver que perdia a consolação que tinha de se poder recolher na Cartuxa, como por lhe parecer que ficavão frustradas todas as esperanças que então tinera daquella fundação, ainda que na verdade todas se vieraõ depois a comprir como desejava. Bem vejo que ha nisto diuersas opinioẽs, porque huns dizem que nosso Padre Sam Bruno se partio primeiro, & foi lo a Roma, & que da hi a alguns mezes foraõ ter com elle seus companheiros, outros que o acompanharão todos nesta jornada. Porem seguimos esta segunda opinião que he de Surio, por ser mais verisimel; que não he de crer de amigos tão affeiçoados deixassem de

aco.n-

acompanhar ao seu Patriarcha, pois só por nam poder sofrer sua auzencia deixavão a Cartuxa.

CAPITVLO XII.

Como Sam Bruno ob decendo ao Papa chegou a Roma com seus companheiros, & de como os companheiros se tornarão outra ves para a Cartuxa, & de huma vizão que tiuerão.

ESTAVA o Sumo Pontifice Vrbano II. esperando com grande alvoroço a vinda de Sam Bruno, como vnico refugio das tribulaçoens em que se via; pelo que tanto que lhe disserão que era chegado, o mandou logo entrar, & o recebeo com muitas demonstraçoens de contentamento, & alegria: dizendolhe que houuesse por bem empregado o trabalho do caminho a troco de o poder ajudar nos que de prezente se padecião na Igreja. O Santo depois de lhe beijar o pé, & de lhe agradecer a merce que recebia com tão grandes mostras de amor, & benevolencia, pertendeo escusarse por todas as vias que pode; mas vendo que por então nenhuma escusa era de effeito, conformouse com a vontade de Deos, guardando para melhor occasião o despacho da licença, que pertendia. E assi ficou nos Paços Pontificais, onde o Sumo Pontifice o tinha não só como principal conselhei-

ro.

ro, mas como intimo, & fiel amigo, & lhe comunicava todos os negocios de importancia, de modo que nam fazia couſa ſem ſeu parecer, & ainda que eſtes, & outros muitos fauores erão muito para eſtimar: com tudo como o ſanto não tratava ſe não da conquiſta do Ceo, de todas as couſas da terra fazia muito pouco cazo. Aquella inquietação, & eſtrepito de negocios o canſavão de maneira, que cada dia moleſtava ao Papa com lhe pedir licença para ſe tornar ao ſeu dezerto; no q̃ Vrbano não vinha, vendo o grande proueito que reſultava a Igreja da ſua prezença. Sam Bruno que ſentia ja mais a dilaçaõ da licença pelo riſco que os ſeus corrião em andarẽ tanto tempo fora da clauſura, que pela deſconſolação em q̃ andava pedia com muita inſtancia na oração á Noſſo Senhor foſſe ſeruido de abrir algum caminho com que aquellas ſuas ouelhas ſe tornaſſem outra ves ao ſeu recolhimento antigo, & que tanto as abrazaſſe em ſeu diuino amor que não foſſe poderozo o humano que lhe tinhão para deixarem de leuar adiante a empreza da Religião que com tanto eſpirito tinhão começado. Nam deixou o Senhor paſſar muito tẽpo ſem ouuir a oração de ſeu ſeruo; porque não hauia ainda hum anno que ſe tinhão apartado da Cartuxa quando ſe lhe acenderão os coraçoens a todos com tão viuos dezejos do dezerto que tinhão deixado, que ſe não podião valer com a pena que lhe davão as ſaudades das ſuas cellas. Lembrauãoſe da quietação em que nellas viuião, da alegria que tinhão, do ſeruor com que oravaõ, das conſolaçoens eſpiritua-

es que recebião. Eſentião grandemente verſe aſſi de tudo privados, triſtes, & deſconſolados; pelo que levados deſte Eſpirito divino, ſe forão todos a Sam Bruno, & lhe pedirão licença para ſe tornarem, comunicandolhe o grande impulſo interior com que o Senhor os chamava outra ves para habitarem a Cartuxa. Naõ cabia o Santo de prazer de ver em ſeus monges tão ſubita mudança, & com eſta occaſião ſe foi outra ves aos pés do Papa, pedindolhe mui encarecidamente licença para ſe ir com ſeus companheiros; mas Vrbano que via por experiencia o muito que com ſeu exemplo de vida montava na Corte, ſe eſcuſou dizendolhe a muita neceſſidade que por então tinha de ſua prezença, & que a falta della não era baſtante cauſa para ſeus diſcipulos deixarem de tornar a continuar com ſua vida eremitica, que a elle lhe parecia muito bem que ſe tornaſſem; & para que nam houueſſe difficuldade em ſe lhes reſtituir o monte da Cartuxa, que lhes paſſaria hum breue para o Abbade Seguino lho reſtituir dentro em trinta dias na meſma forma em que lhe fora entregue. Deſta repoſta deu Sam Bruno conta a ſeus monges, & depois de lhe moſtrar o ſentimento com que ficaua de os nam poder acompanhar, nomeoulhes por Prior ao Meſtre Lauduino, em quem tinha conheeido tantas partes, quantas etão neceſſarias para o officio de Prelado, & com muitas lagrimas ſe deſpedio delles, conſolandoos, & animandoos a proſeguir o ſanto intento

que levauão, dandolhes esperanças de muito sedo se ver co elles no seu dezerto. Expedido o breue os lenou Sam Bruno a beijar o pé ao Summo Pontifice, & toma da sua bençaõ se partiraõ para a Cartuxa. Sairaõ de Roma estes santos monges cheos de saudades de seu Mestre, levando consigo a sua vida estampada em seus coraçoens para a immitarem em tudo o melhor que lhes fosse possiuel. Passiraõ seu caminho com assás de trabalho, & tanto que chegaraõ aprezentarão as letras Apostolicas que leuavão ao Abbade Seguino; o qual com muito gosto, & sem dilação alguma lhe entregou logo o monte da Cartuxa estando prezentes a esta entrega Hugo Arcebispo de Leão, & o seu padroeiro Sam Hugo Bispo de Granoble, que estranhamente se alegrava de ver tornar a povoar aquelle santo monte, que na vizão lhe fora mostrado, & de lhe ficar outra ves occasião para se poder recolher, & viuer entre estes santos monges, que summamente a mava; como depois se recolheo, & viuo muitos annos com muito alvoroço, & alegria tornarão os monges apossi daquelle seu pobre conuento, & nam se fartavão de vizitar huma, & muitas vezes aquella Santa Ermida, & aquelles santos lugares, cujas saudades os trouxerão atormentados todo o tempo de sua auzencia, & assi como se naõ conhecem os bens da paz se nam depois de experimentados os males daguerra, assi permitio Nosso Senhor, que estes seus seruos padecessem este anno a inquietação, & estro-

pito

pito do mundo, para que soubessem estimar a quietaçam, & silensio da Cartuxa: aqual elles abraçarão dalli por diante com tanto espirito, que como dizia Sam Paulo nam ouue tribulaçam, nem angustia, nem fome, nem perigo, nem a mesma morte que os pudesse apartar da charidade de Christo, nem obrigar a deixar este rigurozo dezerto; porque morrendo por vezes alguns monges cubertos de neue; nem a morte dos companheiros, nem o euidente perigo dos viuos forão bastantes para os fazer largar este Ermo da Cartuxa, em que ainda hoje assistem, & perseuerão com aquelle mesmo feruor com que começarão. Tanto que tomarão posse das suas celas escreuerão logo a Sam Bruno a grande consolação com que ficauão, & a muita charidade com que forão recebidos do Abbade Seguino, & dos mais monges de Ciza Dei. Forão estas novas de grande contentamento para o Santo, que estava com cuidado do que lhe aconteceria. E assi da hi por diante procurava sempre saber como procedião, & escreuia lhe muitas vezes, & os exhortaua a perseuerarem, & a caminharem a perfeição da vida que professavão. Mas não faltou nisto espiraizo terreal aquella serpente antiga, que no outro enganou a nossos primeiros pais, porque sentindo ja então o Diabo os muitos bẽs que hauia de resultar as almas de huma fundação tão diuina, & de huma vida tão Angelica como aquelles monges fazião procurou de os perturbar de maneira que os obrigasse a deixar

a ſanta Religião que tinhão começado, tomando para iſto alguns miniſtros ſeus, homens de màs conſciencias, malignos, que cõ linguas de ſerpentes começarão a murmurar da aſpereza daquella vida chamandoos homicidas de ſi meſmos, idiotas, & amigos de novidades. E encobrindo ſeu veneno com capa de zelo, como erão peſſoas doutas davão tantas razoẽs, tão coradas, & a parentes, que os pobres monges vierão a entrar em grandiſſimo eſcrupulo ſe iaõ bem encaminhados, aſſi pelas duvidas que lhes movião, como pelo medo que lhes metia a ſua auſteridade de vida o horror, frio, & aſpereza daquelle dezerto. Por outra parte conſideravão as grandes penitencias que os Santos Anacoretas fizerão, & o muito que Noſſo Senhor tinha moſtrado contentarſe daquella fundaçaõ com a vizão das eſtrellas, & com as merces, & conſolaçoens eſpirituaes com que os animara a ir por diante. Andando neſta perplexidade de penſamentos depois de paſſarem muito tempo neſtas anguſtias de coração, eſtando hum dia muito deſconſolados praticando hũs cõ os outros ſobre eſtas duvidas lhes appareceo hum velho de aſpecto venerando com o cabello todo branco, & creſpo que lhes diſſe: Vejouos filhos todos eſtar com grandes duvidas ſobre ſe vos ireis deſte dezerto, ou ſe vos deixareis eſtar nelle. Pois eu vos digo da parte de Deos, que ſe rezardes cada dia o officio de Noſſa Senhora, que eſſa meſma Senhora ſerà voſſa perpetua padroeira, & vos conſeruarà ſempre neſte lugar. E ditas eſtas palavras deſappareceo. Admirados

fica-

ficaraõ os monges, & eſtranhamente contentes por verem que com taõ alegre vizaõ confirmàra o Senhor ſerem acertadas, & boas ſuas penitencias; & aſſi ficaraõ quietos, & liures da guerra de ſeus penſamentos, & dalli por diante tomaraõ a Noſſa Senhora por ſua particular padroeira, & aduogada da Religiaõ da Cartuxa, aſſentando rezarlhe cada dia o ſeu officio. Cuidaraõ depois devagar que ſanto poderia ſer o que lhes appareceo, & todos tiueraõ por certo que foi o Apoſtolo Sam Pedro, aſſi pelo aſpecto, & trajo com que o viraõ, como porque naquelle meſmo tempo o Papa Vrbano II. ſeu ſucceſſor no Concilio de Claramonte em França mandou ao Clero que rezaſſe o officio de Noſſa Senhora. Alguns autores dizem que eſte apparecimento aconteceo antes do dito Concilio, & que ſabendo Sam Bruno por cartas de ſeus companheiros deſta vizaõ, communicou ao Summo Pontifice a deuaçiõ que ſeus diſcipulos vzavaõ na Cartuxa de rezar o officio de Noſſa Senhora, & a occaſiaõ que para iſſo tiueraõ, & que eſſa foi a cauſa porque Vrbano no Concilio de Claramonte mandou que o Clero rezaſſe tambẽ o officio de Noſſa Senhora. Porem Surio naõ parece ſer deſta opiniaõ, porque eſcreuendo eſta vida de noſſo Padre Sam Bruno conforme ao que della eſcreueraõ o noſſo Geral Dom Francilco de Puteo, & Dom Pedro Blomovenue Prior da Cartuxa de Colonia naõ relata couſa alguma deſta antiguidade; antes dis que a rezam porque os noſſos monges imaginaraõ que

aquelle santo velho era Sam Pedro, foi porq̃ seu successor Vrbano mandou no dito concilio de Claramonte q̃ o clero rezasse o officio de Nossa Senhora, & assi de necessidade deuia o Concilio preceder para por elle se poder fazer esta conjectura. A qual opinião se fica mais confirmando com as preces que estão no fim das Matinas deste officio que se reza na Cartuxa de Nossa Senhora; porque vemos que todas saõ pela recuperação da caza santa de Hierusalem, que foi o principal negocio que se tratou neste Concilio de Claramõte, & donde teue principio aquella santa empreza: pelo que parece que a vizão de Sam Pedro os obrigou a rezar de Nossa Senhora como seu successor Vrbano tinha mandado, & que conforme a intenção do Pontifice então se ordenarão aquellas preces para se encomendar a Deos a santa conquista que se começava. E he muito de notar a grande constancia com que a Cartuxa conserua a reza, & ceremonias antigas, porque hauendo muitas centenas de annos que já se não trata desta santa conquista de vltramar, comtudo nunqua a Cartuxa deixou, nem deixa de continuar com as mesmas preces, como se ainda agora estiuessemos naquelles tempos em que se continuava aquella santa empreza. Confirmase mais esta opinião, porque este Concilio de Claramonte foi feito depois de Sam Bruno se apartar de Vrbano, & de estar em Calabria onde não parece que hauia occasião para communicar ao Papa esta vizão. Tornando pois ao fio da historia que leuamos ficarão estes santos monges muito consolados

com

com a vizaõ de Sam Pedro, & da hi por diante rezarão sempre o officio de Nossa Senhora, como ainda hoje rezaõ, & forão continuando com suas penitencias, jejuns & mais rigores monasticos, dandose muito á oração mental, que he a principal cousa que professavão naquelle monte da Cartuxa, onde os deixaremos por hora, por contar o que aconteceo a Nosso Padre Sam Bruno depois de sua partida.

CAPITVLO XII.

De algumas cousas que ordenou o Papa Vrbano II. nos Concilios de Melfi, & Placencia por conselho de nosso Padre Sam Bruno, & de como o Santo hauida licença do Summo Pontifice se foi para o dezerto de Calabria.

POucos dias esteue Vrbano em Roma depois da partida dos companheiros de Sam Bruno, porque comoueue por certas as novas de que vinha o Emperador Henrique outra ves a Italia com hũ poderozo exercito, não se hauendo por seguro em Roma determinou de seir com sua corte para a cidade de Melfi na provincia de Pulha em Italia por ficar mais vezinho, & se poder valer contra seus inimigos do socorro, & valor de Rogerio Duque de Pulha, & de Calabria, que (como seu

pay,

pay o valeroso Roberto Guiscardo) se mostrava fiel, & amigo da parte da Igreja: Leuaua Vrbano comsigo a nosso Padre Sam Bruno como luz, & guia de todos seus negocios. Quando o Papa chegou a Pulha achou a Rogerio em grandes dezauenças com seu irmão Boemundo. E postos ambos em armas sobre a herança, & partilhas das terras do Duque seu pay, acodio o Summo Pontifice a estas discordias com tanto calor, & taes meios, que com muita breuidade vierão em boa concordia, ficando Rogerio com o titulo de Duque, & senhorio de Calabria, & largando a seu irmão Boemundo algumas terras em a Pulha, com que pudesse honradamente sustentar seu estado. Feita esta concordata entre os dous irmãos começou Vrbano a entender na reformação dos costumes, & abuzos que se tinhão introduzido, em as reuoltas das guerras, & scismas do Antipapa Gilberto, para o que conuocou Concilio na mesma cidade de Melfi, no qual, & nos outros dous que depois celebrou em Troia, & Placencia esteue presente nosso Padre Sam Bruno, & como affirma o doutissimo Cardeal Baronio, tudo o que se ordenou nestes Concilios foi conforme ao conselho, & parecer de Sam Bruno, por quem o Papa em tudo se gouernaua. Por onde não será fora de razão relatar algumas actas destes Concilios, pois forão por conselho deste Santo ordenadas. Ia neste tempo a corrupçaõ dos costumes do Clero em tanto crescimento, que havia subdiaconos casados que habitavão com suas mulheres contra a prohibi-

hibiçaõ feita per Sam Gregorio Magno, do que se seguia grandissimo escandalo: pelo que no Concilio de Melfi se mandou que os subdiaconos, que viuessem assi cazados fossem suspensos das ordens, & priuados dos officios, & beneficios Ecclesiasticos que tiuessem. E lembrandose o Santo da grande pureza que haõ de ter os sacerdotes, & mais ministros do altar, cujas mãos deuem ser mais puras que os raios do Sol (como dis Sam Ioaõ Chrysostomo) fes que se ordenasse, naõ se admittissem dalli por diante a ordens sacras, serião homens de vida mui exemplar, & de virtude, & honestidade mui approvada, & que naõ fossem ordenados os filhos dos sacerdotes; por se extinguir a memoria da incontinencia, & sacrilegio dos paes. No Concilio de Placencia se tirou o abuzo grande a cerca da multidão dos beneficios, mandandose que nenhum clerigo fosse beneficiado em duas Igrejas, & assi se ordenaraõ outras cousas de grande reformaçaõ, & vtilidade da Igreja, que deixo por abreuiar; sómente direi que ao nosso Patriarcha Sam Bruno se deue o prefacio de Nossa Senhora, porque sendo até então sómente nouc os prefacios, como consta do capitulo. *Inuenimus de consecrat. dist.* 2. & havendo entre elles prefacio particular para as festas dos Apostolos, faltava para as solemnidades da Rainha de todos os Santos. Nam podendo sofrer esta dissonancia a deuoçam de seu seruo, & grande deuoto Sam Bruno compos o prefacio de Nossa Senhora

oqual

o qual aprezentou ao Summo Pontifice, & foi por todos neste concilio approvado, mandandolhe que da hi por diante se cantasse em todas as Igrejas Bastarnior leo que isto neste Concilio para se entender quem fora o autor de taõ boa obra, pois tudo se atribuo ao nosso Sãto Patriarcha. Porem confirma mais esta opinião o que diz Pe Antonio Boter Chronista Valenciano homem muy douto, curioso, & antiquario, aqual em hum liuro que fes das ceremonias da Missa affirma que este prefacio foi feito por hum Cartuxo, & approvado no Cõcilio de Placencia por Vrbano II. donde fica claro se reste Cartuxo o nosso Padre Sam Bruno, pois naõ hauia entaõ outro que o pudesse fazer, & communicar ao Summo Pontifice. Estando Vrbano ainda em Placencia, veio ter com elle hum Santo Ermitaõ chamado Pedro, o qual vinha da caza santa de Hierusalem, onde fora em Romaria a vizitar aquelles santos lugares em que o Salvador do Mundo obrou os mysterios de nossa Redempção, & vendo aquella terra santa profanada com os muitos insultos, crueldades, & nefandas torpezas que os Mouros nella comettião, mouido de hum santo zelo contou ao Summo Pontifice os males enormissimos, que vira exhortandoo que fizesse com os Principes Christãos saissem pela honra de Deos libertando o seu santo sepulchro do poder daquelles perversos infieis. Com as amoestaçoẽs deste Santo Ermitão se moueo grandemente o Papa, dezejando remediar tantas offensas de Nosso Senhor, & assi acabado o Concilio de Placencia

encia, & não se acabando ainda as guerras, & reuoltas de Italia determinou de se ir a França por estar fora dos sobresaltos, & temores que de continuo trazia, & por dar principio àquella santa empreza de Hierusalem, como dalli a pouco tempo deu no Concilio que celebrou na cidade de Claramonte no anno de 1094. Vendo Sam Bruno como os negocios do mundo não tinhão fim, & que assi como as ondas em se acabando huma, logo começa a levantar se outra, assi acabados os negocios daquelle Concilio, começavão ja apontar os do Concilio de Claramonte, desejoso de se tornar a sua quietação apertou com o Summo Pontifice sobre a licença que muitas vezes lhe tinha pedida, & tanta industria, & rogos pôs neste requerimento, que Vrbano cançado de suas instancias, & por o ver andar muy desconsolado com as inquietações, & desassocegos da Corte veio em lhe dar a licença que pedia. Porem antes de lha conceder desejando mostrar se agradecido, & gratificar lhe os muitos seruiços que lhe tinha feito procurou de o prouer no Arcebispado de Rhegio Metropoli de toda Calabria que de prezente estava vago, & pera isto ordenou que fosse elleito pelo Cabido, no que os conegos virão de boamente pelo muito que interessavão em terem tal Prelado. Trabalhou muito o Papa com nosso Padre Sam Bruno que aceitasse a elleição: mas o Santo que mais desejava ver se na sua coua que posto na cadeira do Summo Pontificado, sabendo bem os trabalhos, encargos, & escrupulos annexos a semelhantes dignidades,

seguin-

seguindo o exemplo de Sam Hieronymo, & de outros Santos nunqua o quis aceitar; de modo que foi necessario ao Summo Pontifice concederlhe licença liuremente como elle pedia em premio de seus seruiços, cõ aquál contentissimo beijou o pè ao Papa, & se despedio delle deixandoo taõ saudozo com sua auzencia, quanto o Santo ja alegre de se ver liure dos estrondos, & embaraços da Corte. Nam sabe o diuino amor estar ocioso, & assi o muito que ardia no peito de nosso Padre Sam Bruno lhe naõ deixou passar o tempo que esteue nos Paços Pontificais sem grandissimo fruito espiritual das almas, porque em todas as conuersaçoens onde se achaua tomando occasiaõ do que se dizia, ou acontecia guiava a pratica ao diuino tratando da breuidade da vida, do grande perigo, & incerteza da morte, & de quam arriscada traziaõ os homens a saluaçaõ entre tantas tentaçoens, & contrastes do mundo, & como dizia isto com grande espirito, & palavras mui ferueorozas saidas daquelle peito que sempre trazia abrazado em charidade, accendia os coraçoens dos ouuintes de maneira que conuertia muitos, entre os quais hauia alguns, os quaes leuados do muito que lhe ouuiraõ da oraçiõ, estavão taõ affeiçoados à vida solitaria, que lhe tinhaõ prometido, que como o Summo Pontifice o largasse, largariaõ elles tudo, & o seguiriaõ onde quer que elle fosse. Pelo que levando comsigo estes novos Cartuxos se partio logo, temendose naõ se offerecesse alguma couza, que o tornasse a impedir. Tratando com seus companheiros

nheiros do dezerto a onde se iriaõ recolher, nam pareceo a nosso Padre Sam Bruno que lhe conuinha por entaõ tornarse para o monte da Cartuxa; porque como o Papa estava de caminho para França, onde a Cartuxa está, temia que a vizinhança fosse occasiaõ de o tornarem a chamar, & que indose nesta occasião para França, pareceria mais seguir a Corte, que deixalla. Por esta razam determinou de se ir esconder onde nam fosse achado, nem ninguem delle soubesse. Tomou o caminho com seus novos discipulos para huns dezertos, que tinha por informaçam que hauia na Prouincia de Calabria, & veio ter a hum Ermo, chamado Torre, no Bispado de Esquilache; o qual por lhe parecer mui conforme ao que andava buscando, o escolheo para sua habitaçam. Era ja nosso Padre Sam Bruno Mestre de fazer cellas no dezerto accomodando quaisquer ramadas as tocas das aruores como fizera na Cartuxa; & assi elle com seus companheiros ordenaraõ de sebes, & ramos de aruores humas choças taõ pobres, & humildes, como era o animo dos que as fazião, porque só pretendião hum piqueno gazalhado, em que liures das injurias do tempo se pudessem dar á diuina contemplaçam. Sam Bruno escolheo para si huma lapa, ou concauidade entre humas penhas em que esteue sempre ate hora de sua morte. Contentes estes Sãtos cõ tão grãde pobreza, tratou S. Bruno de os enriquecer de virtudes dando-

lhe

lhe a meſma regra, & forma de vida que dera aos outros antigos diſcipulos do monte da Cartuxa. Aqui os enſinou a ter muitas horas de oraçaõ, a obſeruar a clauſura, a guardar o ſilencio, aqui os veſtio de aſperos cilicios, & os exercitou com ſeu exemplo a fazer aquellas rigoroſas abſtinencias, a ter compridas vigilias, & fazer as mais penitencias da Religião, ſendo elle o primeiro em todas as obſeruancias, de maneira que ſegundo o ſeu coſtume, mais os obrigava com as obras, do que os amoeſtava com palavras, & os ſogeitos erão taes, que tinhão pouca neceſſidade dellas, como ſe moſtra de huma carta ſua, que adiante poremos. Depois que o Santo tomou aſſento neſte Ermo eſcreueo logo aos ſeus monges da Cartuxa as cauſas que tiuera para ſe naõ ir para elles como deſejava, & lhe tinha promettido, conſolando-os com as eſperanças de os ir vizitar como lhe foſſe poſſiuel, ſegundo ſe vè das cartas que lhe eſcreuia, das quais tras Surio eſtas palavras. Tende por certo irmãos chariſſimos que depois daquelle grande deſejo de me ver com Deos, não tenho outro maior neſta vida, que o de vos ver, o que farei com ajuda deſte Senhor tanto que me for poſſiuel. A deſcripção deſte Ermo da Torre, & a ſantidade de vida que nelle fazião aquelles ſantos, de nenhum autor o podemos melhor ſaber, que do meſmo Sam Bruno; o qual depois de eſtar alguns dias nelle deſejando com ſua fermozura atrair aquelle ſeu amigo Rodulfo Preſidente do Cabbido de Rems a que lhe compriſſe a palavra que lhe tinha dado de ſe vir ao deſerto

certo lhe escreueo huma carta que poremos em latim no capitulo seguinte, assi para que se veja o elegante estilo do Santo, como porque o treslado só por si não pareça a alguem mais encarecimento, que verdadeira descripção.

CAPITVLO XIII.

Da carta que Sam Bruno escreueo a seu amigo Rodulfo, & de como foi achado no dezerto de Calabria pelo Conde Rogerio, & liuron ao mesmo Conde estando no cerco de Capua, de hum manifesto perigo da vida.

DA carta que Sam Bruno escreueo a seu amigo Rodulfo tras Surio o que se segue, que he sòmente o que fas a nosso proposito. *Infimbus Calabriæ cum fratribus Religiosis, & aliquot bene eruditis, qui in excubijs perfistentes expectant reditum Domini sui, vt cum pulsauerit statim aperiant ei, & remum in colo ab hominum habitatione satis remotam. De cuius amenitate, aëris que temperie, & sospitate, vel planitie ampla, & grata inter montes in longum porrecta, vbi sunt virentia prata, & florida pascua, quid dignum dicam? Aut collium leniter se erigentium prospectum, opacarumque vallium recessum, cum amabili fluminum, riuorum, fontiumque copia,*

quis

Quis ſufficienter explicet? Neque irrigui deſunt horti diuerſarum arborum fertilitas Verum quid his diutius immoror? Alia quippe ſunt obiectamenta viri prudentis grauiora, & vtiliora; valde quia diuina. Verum tamen arctiori diſciplina ſtudijsque ſpiritualibus animus infirmior fatigatus ſæpius his relaxatur, ac reſpirat, arcus enim ſi aſſidue ſit tentus remiſſior eſt, & minus ad offitium aptus. Quid verò ſoliudò, eremique ſilentium, amatoribus ſuis vtilitatis, iucunditatisque conferat, norunt hi ſolum, qui experti ſunt. Hic namque viris ſtrenuis tam in ſe redire licet, quam libet, & habitare ſecum, virtutumque germina inſtanter excolere, atque de paradizi feliciter fructibus vti. Hic oculus ille conquiritur, cuius ſereno intuitu vulneratus ſponſus amore, quo mundo, & puro conſpicitur Deus. Hic otium celebratur negotioſum, & inquieta pauſatur actione. Hic pro certaminis labore repenſat Deus athletis ſuis mercedem optatam, pacem videlicet, quam ignorat mundus, & gaudium in Spiritu Sancto. Hæc eſt illa Rachel formoſa, pulchra aſpectu á Iacob plus dilecta minus filiorum ferax, quam Lia fœcundior ſed lippa. Pauciores enim ſunt contẽplationis, quam actionis filij: verum tamen Ioſeph, & Beniamin plus ſunt cæteris fratribus à patre dilecti. Hæc pars illa optima, quam Maria elegit, quæ non auferetur. Hæc ſunamitis pulcherrima ſola in omnibus finibus Israel reperta. Quæ Dauid foueret ſenem, & calefaceret. Aqual carta em noſſo vulgar quer dizer. Fico ao preſente nos confins de Calabria em hum Ermo mui ſolitario, & apartado de

todas

todas as partes de povoado com alguns companheiros bem doutos & Religiosos, os quaes estão sempre em vigia aparelhados esperãdo a vinda do Senhor para lhe abrirem a porta tanto que os chamar. Que direi da frescura deste deserto, da temperança & saude destes ares, da belleza desta fermosa, & raza campina, que por entre dous frescos outeiros se vai estendendo, por huma parte alegra grandemẽte ver estes campos verdes, estes prados floridos; por outra deleita em estremo a vista dos pequenos montes que engraçadamente se vão levantando, deixando a partes alguns valles de muito arvoredo, & com espessas arvores sombrias. Não se podem contar quantos rios, fontes, & ribeiras vão dividindo, & regando estes campos, & floresta, onde não faltão algumas hortas de regadio cheias de diversas arvores de fruito. Mas para que me detenho nestas cousas, pois não consiste nellas o gosto dos varoẽs santos, & prudentes, os quaes tem posto seu contentamento em outras tanto mais graciosas, & proveitosas, quãto mais divinas. Mas com tudo não se pode negar, que o animo enfraquecido com a penitencia de hũa vida taõ estreita como esta, cansado dos espirituaes exercicios muitas vezes se alivia com esta vista, toma alento, & respira; porque o arco se está sempre armado, vem a afroxar, & a não poder servir. Porem se tratamos dos gostos, & proveitos espirituaes que a solidão, & aquietação do dezerto communica a seus moradores, ninguem os pode entender, nem explicar, se não quem

tem delles experiencia. Aqui podem os homens valerosos andar sobre si cultivando as novas plantas da virtude, & gozar já de agora dos fruitos do paraizo. Aqui acquire a alma aquella vista clara a que o esposo se mostrou taõ affeiçoado, & aquelles olhos puros com que o Senhor he visto, & contemplado. Aqui se viue em hum ocio mais importante que todo negocio. Aqui se tem huma quietaçaõ melhor que toda a acçaõ: aqui dà o Senhor a seus soldados em premio de seus trabalhos aquella paz que o mundo ignora, & aquelle inefauel gozo em o Spirito Santo. Esta he aquella fermoza Rachel de presença mais bella, & de Iacob mais amada, posto que teue menos filhos que Lia, mais fecunda, mas enferma dos olhos; porque saõ menos filhos os que tem a vida contemplatiua, dos que produz a actiua. Porem mais amados foraõ do pae Ioseph, & Beniamin filhos de Rachel que os outros de Lia. Esta he a melhor parte que Maria escolheo, aqual lhe naõ será tirada. Esta he aquella bella Sunamitis que sò foi achada em todo o pouo de Israel para viuificar ao Santo velho David, outros muitos louuores vai Sam Bruno pondo nesta carta de vida solitaria, que deixamos, porque destes se fica bem entendendo a vida Angelica que faziaõ. Depois de Sam Bruno viuer algum tempo com seus monges neste dezerto (tanto mais contente do sitio quanto mais nelle estava escondido, & menos conhecido da gente de Calabria) querendo o Senhor honrar a seu seruo, ordenou que hum

dia

dia saisse o Conde de Calabria, & Sicilia Rogerio, irmaõ do Duque Roberto Guiscardo, á caça acompanhado de alguns grandes de sua corte, & de muitos caçadores, & monteiros de cavallo, & com grande tropel de gente de pé, & caẽs de caça, & atreuecando aquelle sitio, huns pelos cumes dos montes, outros pelos valles, trabalhando cada qual por levantar alguma caça. Tendo corrido grande parte do monte, deraõ as buscas com o faro que leuavaõ contra a banda mais espessa do bosque, aqual Sam Bruno tinha escolhido para sua morada. E tanto que os caẽs chegaraõ à lapa onde o Santo estava, & os peitos postos em terra, & os colos levantados, latiaõ rijamente, como que tinhaõ achado melhor preza da que buscavão. Ouuindo o Conde o latido dos caẽs, & a vozeria que os monteiros da uão por lhe parecer aquillo final de caça largando as redeas ao cauallo, com muita presteza, & aluoroço chegou ao lugar onde os caẽs estavão com os joelhos em terra, & os olhos postos no Santo ladrando, & fazendo muitos sinais de alegria. Chegandose mais perto vio entre aquelle aruoredo humas piquenas choças, & dentro nellas huns pobres monges postos de joelhos fazendo oraçam. Admirado Rogerio com taõ diuino espectaculo saltou do cavallo em terra, & chegandose donde estaua Sam Bruno, o saudou com muita cortezia, perguntandolhe quem eraõ, donde, & como alli vieraõ, que professauaõ, que vida faziaõ, de que se sustentavaõ, & outras muitas cousas que a vista

de tal novidade, & tão pouco esperada lhe fazia perguntar. Sabendo pois como erão Anacoretas, & que os desejos da vida contemplativa os obrigara a escolher Ermo tão solitario, ficou cõtentissimo, & não cessava de dar muitas graças a nosso Senhor por ter achado em lugar de caça huns Monges, que mais parecião Anjos na vida, que homens de carne, por cujos merecimentos (se alli estivessem) esperava de alcançar misericordia da divina clemencia, & muitos bens & favores do Ceo para seus subditos, & estados. E porque o pouco commodo que tinhão alli para habitar, & a falta do necessario os não obrigasse a se irem para outra Provincia lhe offereceo toda a renda que quisessem para sua sustentação: Mas o bemaventurado Santo que por se ver pobre por Christo deixara as riquezas, dignidades, & Prelazias do mundo não queria aceitar nada; porem, a instancia grande do Conde veio a aceitar as Igrejas de Santa Maria, & de santo Estevão do Ermo para poder alli estar; & celebrar os officios divinos com seus companheiros com maior commodidade. Ficou Rogerio dalli por diante tão affeiçoado, & devoto destes santos Monges que os visitava muitas vezes, mostrando ter grande gosto de sua conversação, edificavase em estremo de sua modestia, & Religião, & do admiravel rigor monastico que lhes via observar. Fazialhes muitas esmollas mandandoos prover do necessario. E posto que de todos era mui amigo, com tudo muito maior era a affeição, & devação

deuação que tomou a nossa Padre Sam Bruno, porque mouido de suas raras partes, & virtudes o leuava algumas vezes consigo ao Paço, dandolhe em toda a parte o primeiro lugar, & o venerava, nam sò como a Religioso, se naõ como a Santo; porq̃ tinha tanta fè nos merecimentos, & oraçoẽs deste bẽauenturado Patriarcha, q̃ esperava por sua interceſſaõ alcançar grandes merces de Nosso Senhor: mẽ ficou frustrado destas suas esperanças; porque em huã guerra que depois teue com o Principe de Capua, chamado Richardo, o qual fes Principe desta cidade o Papa Nicolao II. como affirma Biron. tom. 11. anno 1059. o liurou Nosso Senhor por interceſſaõ deste glorioso S. de hũ euidente perigo da vida. Tinha Rogerio cercado o Principe na cidade de Capua cõ tão apertado cerco, que não tendo elle modo para se defender por via de armas, determinou de se valer da força do dinheiro, que neste mundo pode muito cõ animos vis, & cobiçosos. E assi sobornou com muita copia delle ao capitão das guardas, & vigias do exercito chamado Sergio, para q̃ em huã noite o deixasse dar de improuiso no arraial, & têda de Rogerio. A qual na mesma noite da treição appareceo nosso Padre Sam Bruno, & lha manifestou de maneira, q̃ levantandose Rogerio cõ grande presſa, & mandando tocar arma saio ainda a tão bom tempo com sua gente de cavallo, que não sò escapou do perigo, mas allem disso prendeo cento, & sessenta, & dous dos soldados q̃ cõ Sergio se tinhão levãtado como elle mesmo testificou em huma doação, que por

razão deste milagre fez a Nosso Padre Sam Bruno, na qual dis assi.

Ego Rogerius diuina misericordia, Comes Calabriæ, & Siciliæ nota volo esse omnibus fidelibus Christianis beneficia, quæ mihi peccatori concessit Deus, orationibus Reuerendi mei fratris Brunonis pijssimi patris fratrum, qui habitant in Ecclesijs Sanctæ Mariæ de Eremo, & Sancti Stephani Protomartyris, quæ sitæ sunt in terra mea inter oppidum quod dicitur stillum, & Arenam. Cum essem in obsidione Capuæ Kalendis Martij, & præfecissem Sergium natione Græcum Principem super ducentos armigeros nationis suæ, & exercitus excubiarum magistrum; qui satanica suasione præuentus, prius ipsi Principi Capuæ promittenti auri non modicam quantitatem ad inuadendum me, meumque exercitum noctu aditum pollicitus est se præbere. Nox proditionis aduenit, Princeps Capuæ, eiusque exercitus iuxta promissum, est paratus ad arma; dumque me sopori dedissem interjecto aliquanto noctis spatio adstitit cubili meo quidam senex reuerendi vultus vestibus scissis non valens lachrymas continere. Cui cum in visu dicerem, quæ causa esset ploratus, & lachrymarum, visus est mihi durius lachrymari. Iterato quærenti mihi, quis esset ploratus, sic ait: Fleo animas Christianorum, teque cum illis simul. Exurge quam primum, sume arma, si liberare te Deus permiserit, tuorumque animas pugnatorum. Hic mihi per totum videbatur, velut si esset per omnia venerabilis Pater Bruno. Expergefactus sum cum terrore grandi prouisione pauefens.

Illico

Illico Jumpsi arma clamans militibus, vt armati equos conscenderent, visionem si vera esset Jatagens comprobare. Ad quem strepitum, & clangorem fugientes impius Sergius, eiusque Jequaces subJequuti sunt Principem Capuæ sperantes se in dictam ciuitatem confugium habuisse. Ceperunt autem milites inter vulneratos, & sanos centum Jexaginta duos, á quibus visionem fore veram comprobauimus. Reuersus sum Deo volente vigesima nona Iulij mensis Squillacium per habita Capuæ ciuitate, vbi fui per quindenam continuam infirmatus. Venit verò iam dictus venerabilis Bruno cum quatuor de fratribus suis, qui me suis sanctis deuotisque colloquijs consolati sunt. Cui Reuerendo viro visionem retuli, & humiles gratias egi. Qui de me etiam absente suis orationibus curam habuisset; qui Je humiliter asseruit non ipsum fore, quem credidi, sed Dei Angelum, qui adstat Principi tempore belli. Rogaui quoque ipsum humiliter, vt propterea de meis rebus in terra Squillacensi sumere dignaretur largos reditus quos donabam. Renuens ille recipere nolle dicebat, quod ad hoc domum sui patris, meamque dimisserat, vt omnino de rebus extraneis liber deseruiret Deo suo. Hic fuerat in tota domo mea quasi primus, & magnus. Tandem vix ab eo impetrare potui, vt gratis acquiesceret sumere modicum munus meum. Donaui enim eidem Patri Brunoni, eiusque successoribus ad habendum in perpetuum absque temporali seruitio monasterium Sancti Iacobi cum castro, & quam plura, res, & bona alia tum amplissimis libertatibus in dictis literis specifice declaratis &c.

Quer

Quer dizer.

Eu Rogerio por diuina miſericordia Conde de Calabria, & de Sicilia, quero que ſejaõ notorios a todos os fieis Chriſtãos os beneficios que Deos fes amim pecador pelas oraçoẽs do Reuerẽdo Bruno meu irmaõ piiſſimo, pae dos monges que moraõ nas Igrejas de Santa Maria do Ermo, & de Sãto Eſtevão protomartyr, as quais eſtão dentro nas minhas terras entre a villa chamada Eſtillum, & a Area. Eſtádo no primeiro de Março no cerco de Capua fis a Sergio Grego de nação capitaõ de duzentos Gregos homẽs de armas, & de gẽte da guarda do exercito, o qual cõ diabolica perſuaſão ſe cõcertou por muita copia de dinheiro cõ o Principe de Capua, prometteẽdolhe dar entrada de noite para dar ſobre mim, & ſobre meu exercito. Chegada a noite da traição, e poſto o Principe de Capua a lerta cõ todo ſeu exercito em armas, deiteime a dormir, & ſẽdo ja alta noite appareceome jũto do leito hũ velho de aſpecto venerãdo, q̃ tẽpendo os veſtidos q̃ trazia, não podia reter as lagrimas. E como lhe perguntaſſe em vizaõ que cauſa havia para tantas lagrimas, & pranto? Pareciame que cada ves derramava mais lagrimas, & com maior ſentimento, & perguntandolhe outra ves porque chorava, diſſeme choro as vidas de muitos Chriſtãos, & aticom elles juntamẽte, leuantate de preſſa, & poente em armas, pode bem ſer que te faça Deos merce da tua vida, & de teus ſoldados. Quem me iſto dizia me parecia em tudo mui ſemelhante, & como que foſſe o veneravel Padre Bruno.

Acor-

Acordei logo espantado, & temeroso da vizaõ, & com toda a pressa me armei chamando pelos soldados, & mandando que se puzessem logo a cavallo, desejando prouar se fora a vizão verdadeira. Com este estrondo, & alvoroço se pos o impio Sergio com os seus sequazes em fugida seguindo o Principe de Capua, por esperarem de se saluar na cidade. Porem os meus soldados prenderão cento, & sessenta, & dous entre saõs, & feridos, dos quais soube como a vizão fora verdadeira. Despois de tomada com ajuda de Deos a cidade de Capua tornei a 29. de Iulho para Esquilache, onde estiue enfermo quinze dias continuos. Alli me veio ver o dito venerauel Padre Bruno com quatro companheiros seus, os quais com suas santas, & deuotas praticas me consolaraõ muito. Contei ao Reuerendo Padre a vizão que tiue, & lhe dei humilmente as graças por o cuidado que tiuera em minha ausencia de se lembrar de mim em suas oraçoens; o qual me respondeo com muita humildade, que nam fora elle o que eu cuidaua me apparecera, se nam o Anjo do Senhor, que assiste ao Principe em tempo de guerra. Rogailhe tambem com muita humildade, que por tão boa obra quisesse tomar de minha fazenda grossas rendas que lhe dava nas minhas terras de Esquilache. Nam as quis aceitar, dizendo que por estar liure de cousas temporaes, & exteriores, & poder melhor seruir a Deos deixara a caza de seu pay, & minha (elle tinha sido em minha caza o primeiro,

&

& principal della) finalmente eſcaçamente pude alcançar delle que por agradecimento aceitaſſe de mim hum piqueno preſente, & aſſi lhe dei o moſteiro de Santiago com o ſeu Caſtello, para que o houueſſe o meſmo Padre Bruno para ſi in perpetuum, & para ſeus ſucceſſores ſẽ tributo algum, & outras muitas couſas, & bens cõ ampliſſimos priuilegios, & liberdades contendas nas ditas doaçoens. Naõ quero deixar de notar aqui huma aduertencia que ainda que noua, pois nenhum autor a dis, todauia parece mui certa; & he que noſſo Padre Sam Bruno deuia ter ſido criado da caſa, & familia deſte Conde Rogerio, como manifeſtamente ſe collige daquellas palauras que diſſe quando ſe eſcuſou de não receber tantas rendas, quantas o Conde lhe queria dar dizẽdo: Que para poder ſeruir melhor a Deos deixara a caſa de ſeu pae, & a do dito Conde. E muito mais claramente conſta do Parenteſis que ſe ſegue (elle tinha ſido em minha caza o primeiro, & principal della) mas por ſer iſto couſa mui noua, & não ſer de muita importancia para a hiſtoria me não detenho mais nella. Cõ a renda deſte moſteiro de Santiago feſ o Santo o piqueno moſteiro da inuocaçaõ de Santo Eſteuão perto da lapa onde habitaua com algumas cellas mais acommodadas para o recolhimento de ſeus monges; porque iſto o obrigou a aceitar eſta doação: que ſe fora ſó por ſeu reſpeito nunqua aceitara por eſtar tão ſatisfeito de ſua lapa, que nunqua ſe melhorou de apoſento ate hora de ſua morte que eſta he a condiçaõ dos Prelados Santos ſerem muito rigu-

roſos

rosos comfigo, & muito mauiosos, & brandos com os subditos. Teue nosso Padre Sam Bruno para si que se não aceitasse esta renda que se lhe offerecia cõ tanta instancia, não pareceria isso tanto rigor, & zelo monastico, como pouca charidade para com os pobres monges, q̃ estauão necessitadissimos de algum reparo mais para se abrigarem das injurias do tempo. Tambem dis Surio, que edificou mais outra Ermida junto da sua lapa para lhe seruir de oratorio da inuocaçaõ de Nossa Senhora, de quem em estremo era deuoto, como o foraõ todos os Santos Patriarchas das Religioens. Antes que passemos adiante, me pareceo necessario aduertir, q̃ este Conde Rogerio que andando á caça achou a nosso Padre Sam Bruno, & que teue esta vizão no cerco de Capua, naõ he Rogerio filho de Roberto Guiscardo de q̃ atras falamos no capitulo XII. como quer o Padre Madriaga, no que manifestamente se enganou com a semelhança do nome, porque o filho de Guiscardo nũqua foi Conde de Sicilia (como este se intitula) se não Duque como seu pae de Apulha, & parte de Calabria. Para maior clareza desta duuida hauemos de presupor que Roberto Guiscardo foi feito Duque de Apulha, Calabria, & Sicilia pelo Papa Nicolao II no anno de 1059. & depois disto o mesmo Guiscardo fes Conde de Sicilia a seu irmão Rogerio, que he o de que agora tratamos nesta vizão, como consta de Baron. tom. 11. Veio a morrer Guiscardo no anno de 1085. deixando dous filhos, hum chamado Rogerio, & outro Boemundo, que saõ os de que assi-

ma

matratamos no dito capitulo XII. como se vê de hum priuilegio assinado por ambos, que tras Baronio, & em outros muitos lugares. A este Rogerio filho de Guiscardo ses o Papa Vrbano II. Duque de Apulha como seu pae no anno de 1090. & por este titulo de Duque foi sempre nomeado, & elle assi se assinava nos priuilegios que concedeo ao Mosteiro Bantino. De maneira que são tio, & sobrinho, ambos chamados *Rogerios*; porẽ o sobrinho se intitulaua Rogerio Duque de Apulha, & o tio Rogerio Conde de Calabria, & Sicilia. Para confirmação desta nossa distinção conta Gaufredo, que depois de tomada a dita cidade de Capua se ajuntarão em Salerno ambos estes dous Rogerios B. Rogerio Conde de Sicilia, & o Duque Rogerio filho de Guiscardo, & que alli foi ter com elles o Papa Vrbano II. verse com o Conde, onde nota o autor, que pela particular amizade que tinha com o Conde de Sicilia o foi primeiro vizitar, que ao Duque. Tambem he de notar que este Rogerio Conde de Calabria, & Sicilia, com quem nosso Padre Sam Bruno tinha esta amizade teue hum filho do mesmo nome Rogerio, que foi o que se leuantou com os estados de Apulha, & Calabria contra vontade do Papa Honorio II. & o que aceitou o titulo de Rey da mão do Antipapa Anacleto, & este he por quem dis Sam Bernardo que nam merece o titulo de Rey, se não de tyrano. E assi com a verdade, & clareza desta historia se fica respondendo á duuida que alguem poderia ter em lhe parecer que o nosso Santo fora amigo de Rogerio, a quem Sam

Sam Bernardo chama tyrano, porque este que se alevantou contra o patrimonio da Igreja foi filho do que teve esta visaõ, & que era devoto de nosso Padre São Bruno, como tambem se pode verificar pelos annos por quem tiver qualquer conhecimento da historia.

CAPITVLO XIV.

Da bemaventurada morte de nosso Padre São Bruno, & como foi divulgada, & celebrada por toda Europa.

TInha passado nosso Padre São Bruno seis ou sete annos neste deserto de Calabria sem tornar a visitar aos seus santos companheiros do monte da Cartuxa; porque hora impedido de suas enfermidades, hora por dar calor á nova fundação de Calabria, nunqua lhe foi possivel fazer este caminho, desejandoo em extremo os Monges da Cartuxa, que com o mesmo desejo suspiravão por esta vinda sentião muito esta dilação; porque quanto mais se dilatava, tanto mais com os annos, & velhice crescião as enfermidades, & impedimentos ao seu santo Patriarcha. Mas o que mais desejava verse com elle, & tomar sua benção antes de sua morte era o Prior Lauduino, porque ainda que não innovava nada na Religião, fora daquillo que S. Bruno

deixara

deixara ordenado, nem fazia couſa ſem ſua ordem, & parecer eſcreuendolhe ſobre qualquer duuida que ſe offerecia. Com tudo como nunqua ſe pode dizer tanto por eſcrito, como ſe pode explicar em prezença, determinou deſe ir ver com elle, & communicar lhe algumas couſas tocantes ao bom gouerno da Religião, porque ſempre neſtes principios recrecem duuidas, & difficuldades nas obſeruancias, & ceremonias em que he neceſſario tomarſe aſſento; o qual não queria Lauduino tomar por ſi, nem fiar deſua ſciencia (poſto que era muita) ſem conſultar a ſeu Superior São Bruno imitando ao Apoſtolo São Paulo, que ſendo feito por Deos, Doutor das gentes, & tendo ſciencia ſobrenatural, todauia confeſſa de ſi, que depois de ter pregado quatorze annos o Euãgelho ſe foi a Hieruſalem a conferir a doutrina que pregaua com a de São Pedro para ver ſe ia bem encaminhado: porque nenhuma couſa pode ter o Prelado melhor, que não ſe fiar de ſi, nem querer ſer abſoluto conſultar a muitos, & particularmente a ſeu Superior. Muitas erão as difficuldades que ſe lhe repreſentauão neſta jornada, grandes os trabalhos que hauia de padecer, euidentes os perigos da vida em que ſe hauia de ver por ſer velho, & o caminho muito cumprido, & muita parte delle por terras de Scilmaticos. Mas porem paſſou por todos eſtes impedimentos por não deixar paſſar o tempo, que he perda que ſe não pode recuperar. Deſpedido de ſeus Monges ſe partio para Calabria, onde depois de chegar com peſſoa com a alegria a ver a quem tanto

tanto deſejaua as muitas moleſtias que padeceo pelo caminho. Não ſe pode encarecer quanto ſe alegrou noſſo Padre São Bruno com a viſta de ſeu amigo antigo & companheiro Lauduino. Alli ſe communicarão aquelles dous excellentes eſpiritos tẽdo cada hum eſtranho contentamento de ſe verem antes de ſua morte. Perguntoulhe o Santo mui particularmente por todos, & pelo eſtado daquella ſua primeira Cartuxa, deſejando ſaber, como ſe hauião na oração, no recolhimento, no ſilenſio, & nas mais obſeruancias monachais & era grãde a conſolação que recebia em ouuir o creſcimento em que ia aquella ſua primeira planta. Nem era menor a do Prior Lauduino de ver aquella modeſtia, aquelle eſpirito, aquella humildade dos Monges de Calabria tão ſemelhantes em tudo aos da Cartuxa, como obra que ſaira da meſma mão. Porem como todos os goſtos do mundo ſão aguados, parte deſte que tinha lhe tirauã a fraqueza em que via a noſſo Padre São Bruno por eſtar jà mui quebrado com os annos, & mui enfermo & debilitado dos jejuns, abſtinencias, & rigor, com que ſe trataua. Bem quizera noſſo Padre São Bruno que eſtiuera com elle muito tempo neſte Conuento de Calabria o Prior Lauduino pela conſolação que recebia com ſua companhia. Mas eſtavão ambos com tanto cuidado dos Monges da Cartuxa, que cortarão ambos por ſeu goſto por os não deixarem tanto tempo ſuſpenſos com receios do que lhe poderia acontecer no caminho. Pelo que paſſados alguns dias depois de Lauduino conſul-

tar

tar ao Santo em tudo o que lhe pareceo necessario, tomada sua benção se partio para França com tanto sentimento de ambos, quanto lhes fazia ter a certeza de se não verem mais nesta vida. Vindo pois caminhando por Italia veio a cair em maõs do Antipapa Clemente, o qual procurou grandemente trazelo a sua obediencia, & que negasse ao verdadeiro Pontifice que ao presente era Paschual II. & vendo que lhe não podia fazer negar a verdade, o mandou meter em hum carcere tão cruel, & deshumano, que lhe causou a morte como adiante se dira. Pouco tempo depois da partida de Landuino começou nosso Padre Sãõ Bruno a enfraquecer mais nas forças corporaes, & como andasse já mui debilitado, & fosse chegada a hora que havia de ser o fim de seus trabalhos, & principio de sua bemaventurança, caio doente de huma enfermidade tão grave, que logo deu mostras de ser a ultima de sua vida. Bem se deixa entender a grande tristeza, & desconsolação em que andarião todos os seus monges com os receios de haverem de perder hum Santo que Deos lhe dera por pae, por Prelado, por fundador de sua Religião, principalmente vindolhe esta perda quando mais necessidade tinhão de sua prelença por estarem ainda as cousas tanto no principio, & havendo tão poucos annos que o Mosteiro se tinha edificado. Porem São Bruno que via chegada a hora para que tanto tempo se aparelhara na vida estava contentissimo; que aos justos não lhe tocão as amarguras, & tormentos da morte, porque as certas esperan-

ças da gloria lhes cauſa mil jubilos de alegria. E aſſi o Santo cheo de prazer de eſtar ja no fim de ſuas tribulaçoens, querendo conſolar aos ſeus monges neſta vltima deſpedida mandouos chamar a todos à ſua lapa, & do lugar onde eſtava deitado lhe fes huma ſoberana pratica exhortandoos a perſeverarem na vida heremitica que tinhaõ começado, encarecendolhe quanto importava para eſta perſeverança, naõ deixarem nunqua a oraçaõ mental, nem remitirem couſa alguma dos jejuns, abſtinencias, & cilicios, & mais penitencias que lhes deixava ordenado: & para os mais animar no ſerviço de Noſſo Senhor lhe contou todo o diſcurſo de ſua vida deſde ſua meninice ate aquella hora em que eſtava. Naõ dis a hiſtoria em particular as couſas que o Santo relatou, ſomente affirma que ſraõ todas dignas de ſe ſaberem, & de ſe trazerem na memoria por exemplos, & ſentenças. Nem podiaõ deixar de ſer raras virtudes, grandes penitencias, & muy particulares merces que do Senhor tinha recebidas, pois as referia pera edificaçaõ de ſeus diſcipulos; decujo deſcuido tinhamos bem que nos queixar, pois deixaraõ de eſcrever o que nos pudera hoje ſervir de grande doutrina, & conſolaçaõ noſſa. Mas a humildade com que eſtes ſantos Cartuxos, & todos os mais noſſos anteceſſores procederaõ os deſculpa; porque eſta foi a cauſa para ſe encobrirem ſempre neſta Religiaõ muitas virtudes, revelaçoens, milagres, & caſos eſpantoſos, que ſe ſe eſcreveraõ foraõ de grande

edificaçaõ para os leitores. Depois lhe fes hum altissimo sermaõ, em que lhe explicou o mysterio inefauel da Santissima Trindade, o qual concluio com estas palauras: creo tambem os Santos Sacramentos, que a Igreja santa crè, & venera, & particularmente creo que o paõ, & vinho depois de consagrado no altar he verdadeiro corpo de Nosso Senhor Iesu Christo sua verdadeira carne, & seu verdadeiro sangue, que nos outros recebemos em remissaõ de nossos peccados, & em esperança da vida eterna. Foi este sermaõ ouuido de todos com muita attenção, porque a excellencia das materias de que tratava, a hora em que se fazia, a opinião da santidade em que tinhão a quem o pregava os faria estar absortos na consideração do que ouviaõ; porem elle acabado depois que o amor que tinhão ao seu Patriarcha começasse a fazer seu effeito tudo serião lagrimas, gemidos, & suspiros: porque se ainda aos estranhos esta hora da morte costuma de magoar. Que magoa, que saudade, que sentimento caularia a estes santos monges vendo morrer antes a quem era todo seu emparo, seu descanço, & refugio de suas tribulaçoes? Como não hauião de sentir, verem se desemparados daquelle Santo cuja brandura, & afabilidade era tão grande, que pelo seguirem deixarão paes, & parentes, amigos, & fazenda? Em quem acharaõ sempre a consolação de seus trabalhos, o aliuio de sua pena, o remedio de suas tentaçoes, porq para todos tinha huas entranhas de pae, & humas palavras de coração mui brando, & affeiçoado?

Durou

Durou ainda Sam Bruno aquelle dia que era ſabbado, & no Domingo ſeguinte que forão ſeis de Outubro de 1101. foi ſua ſantiſſima alma das prizoẽs da carne a gozar da eterna bemaventurança. Os monges tomarão ſeu ſanto corpo, & com toda a decencia, & devação o leuarão daquella lapa ao ſeu moſteiro de Santo Eſtevão, & o enterrarão junto do altar mòr, & puzerão ſobre ſua ſepultura eſte Epitafio.

Primus in hac Chriſti fundator quilis Eremo,
Premeruit fieri, qui tegor hoc lapide.
Bruno mihi nomen genitrix Germania, meque
Tranſtilit ad Calabros grata quies nemoris.
Doctor eram prueo Chriſti, vir notus in orbe,
Deſuper illud erat gratia non meritum.
Carnis, vincla dies Octobris ſexta reſoluit,
Oſſa manent tumulo, ſpiritus aſtra petit.

Poſto que a verſão dos verſos latinos em noſſos vulgares he mui difficultoſa, com tudo para maior ſatisfação dos leitores ſe fes eſte ſoneto que contem o meſmo que o Epitafio latino.

Quem dentro nesta cova eſtá enberto
Com eſtalagem grande dura, & fria
Bruno foi Alemão, que aqui viuia
o primeiro habitador deſte dezerto.
Os deſejos de eſtar ſempre enberto
No ſoſſego dos Ermos o mouia
Para neſte morar porque queria
Viuer dos homens longe, & de Deos perto.

Doutor, & lente foi mui conhecido
Por graça singular que lhe doou
O Senhor que dá mais do merecido.
O espirito da carne despedido
A seis do mes de Outubro ao Ceo voou,
Aqui só jaz o corpo sem sentido.

ESCreve Saõ Hieronymo de Saõ Hilariaõ, que quãto mais fugia por naõ ser visto, tanto mais Deos o honrava, & fazia ser nomeado; isto mesmo aconteceo a nosso Padre Sam Bruno, que quanto mais se humilhava, & escondia, tanto mais o Senhor o levantava, & declarava. Meteose no deserto da Cartuxa por naõ ser visto do mundo, dalli foi chamado por Vrbano por ser conhecido de todos. Escondeose no Ermo de Calabria por estar encuberto das gentes; nessas mesmas brenhas foi achado por Rogerio, & delle estimado no preço que merecia, & posto que na vida com estes, & outros semelhantes calos foi sempre Nosso Senhor acrescentando na reputação de seu seruo. Todavia muito maior foi a honra, autoridade, & veneração com que ordenou que na morte fosse levantado; com muitos santos tem Deos vzado deste genero de favor, ordenando as cousas de maneira, que ao tempo de seu fallecimento se achassem juntos Principes, Legados, Bispos, & Abbades, para que as exequias de seus seruos fossem celebradas com tanta veneraçiõ, & estima, quanta merecia a santidade de sua vida.

Na

Na morte de Saõ Hugo Biſpo Linconienſe ſe acharaõ preſentes os dous Reys de Eſcocia, & Inglaterra, tres Arcebiſpos, quatorze Biſpos, mais de cem Abbades com tanta outra multidão de Condes, & Senhores illuſtres, quanta ſe pode imaginar em huma Corte em que eſtavão taõ grandes dous Reys. São Bernardo no ſeu enterramento foi levado nos hombros de ſeis Biſpos, & acompanhado de muitos Abbades que aſſiſtirão as ſuas exequias. Na hora em que o glorioſo São Domingos acabou de eſpirar em Bolonha entrou pelas portas da cidade o Cardeal Vgolino Legado do ſummo Pontifice, que vinha de Veneza, & com elle o Patriarcha de Achilea, & outros Arcebiſpos, Biſpos, & Abbades que o ſeguião. O qual ſabida a morte do Santo não conſentio que o enterraſſem ſem eſtarem todos preſentes. Porem ſe conſiderarmos bem o modo com que noſſo Senhor quis honrar a noſſo Padre São Bruno em ſua morte acharemos que lhe foraõ feitas as maiores honras, & exequias que ja mais ſe fizerão por nenhum, não digo Principe, mas ainda por nenhum Santo; porque os enterramentos dos outros Santos foraõ celebres, & nomeados quando muito na cidade, & Provincia em que faleceraõ, mas as exequias de noſſo Padre Saõ Bruno foraõ celebradas em toda a Italia, França, Flandez, Inglaterra, Eſcocia, Irlanda, & Alemanha baxa, & nas mais Provincias de Europa. Naõ sò com Miſſas, officios, & outros ſuffragios, mas cõ infinitos verſos, como ſe coſtumaõ feſtejar as victorias,

& triumfos dos vencedores; & na verdade assi convinha, porque a victoria que São Bruno teve do mundo, da carne, do diabo, & de todo o Inferno, foi tal que bem merecia ser solemnizada com esta demonstração & aprovação vniversal. O que aconteceo desta maneira. Tanto que São Bruno morreo vendo os monges Carruxos de Calabria como era nomeado em todo o mundo por suas letras, & santidade pareceolhe que convinha escrever huma carta vniversal a todas as Igrejas de Europa para que lhe ajudassem a sentir tão grande perda, & todas juntamente celebrassem as exequias de hũ Santo tão insigne. Foi esta resolução tão nova, & extraordinaria, que de força nos obriga a confessar que houve nisto particular ordem de Deos que a inspirou nos coraçoẽs daquelles monges para mayor honra de seu servo, & gloria sua, porque de outra maneira parece q̃ se podia attribuir a grande presunção que huns Ermitaẽs metidos em hum ermo solitario se atrevessem a escrever a toda a Igreja vniversal. *Mas* a grande humildade, & simplicidade de sua carta mostra o espirito divino com que a escreverão, & do muito em que foi estimada das Igrejas se collige a grande fama que corria por toda a Christandade do valor, letras, & virtudes de São Bruno. He pois a carta do teor seguinte a qual não ponho em Latim por abreuiar.

Carta

Carta dos Monges de Santa Maria do Ermo chamado a Torre.

PRimeiro que a todos vencamos com a devida sugeição, & saudamos ao Prelado da Se Apostolica, a qual cremos, & confessamos que he o Primado, & cabeça da Igreja, & a toda aquella Corte principal. Os humildes Ermitãos de Calabria do mosteiro de Santa Maria de Deos, cujo Fundador, & Prelado em quanto vivco foi nosso Padre São Bruno, fazemos saber sua morte que foi a seis de Outubro, para q̃ diante de Deos seja ajudado com suas oraçoẽs, & merecimentos, saudamos tambem a Igreja universal em suas ordens, & Religioẽs, aos Conegos, monges, & hermitaẽs, & as santas virgens dedicadas a Deos, diante dos quaes, & diante de todos os demais nos prostramos em presença espiritual, para que se queirão lembrar de nosso Padre defunto, pera que se aquella amada alma se apegou alguma macula (porque não ha justo que não peque) com os muitos intercessores, & com a muita instancia de suas oraçoẽs lhe seja perdoada, & passe ao repouso eterno. Rogamos tambem as congregaçoẽs de quaesquer lugares que fizerem delle memoria, não tenhaõ pena de se assinarem de seus nomes nesta carta E se alguns quiserem celebrar cada anno anniversario assi em apartadamente, para que nos outros façamos o mesmo por elles segundo pudermos os poucos que somos. Mas para que saibais com quanta segurança, & com quam

certa esperança de sua salvação rogais por elle em breves palavras vos contaremos seu transito; para que de seu santo fim possais colligir a sinceridade, & perfeição de sua vida passada. Sabendo que era já chegada a sua hora, na qual havia de passar deste mundo ao Padre. Estando seus discipulos juntos lhes contou desna sua mininisse toda sua vida, & o discurso de seu tempo digno de ser sabido, & louvado. Depois nos declarou do que cria da Trindade em hum sermão mui profundo, & cumprido, o qual concluio dizendo: Creo tambem os Sacramentos que crè, & venera a santa Madre Igreja, & particularmente que o pão, & vinho que se consagra no altar depois de sua consegração he verdadeiro corpo de nosso Senhor IESV Christo verdadeira carne, & verdadeiro sangue que recebemos nós outros em remissão de nossos peccados, & em esperança da vida eterna. O dia do Domingo seguinte foi aquella santa alma livre da carne, em seis de Outubro de 1101. Rogai por elle, & por nos outros peccadores encomendamos a vossa charidade, o portador da presente nosso irmão o qual peregrina por obediencia. Valete.

Entregarão esta carta a hum frade converso da casa, o qual (segundo se collige das datas das cartas que trouxe) partindo de seu Convento de Calabria foise por Italia por alguns Mosteiros de Religiosos atè a cidade de Luca, dalli chegou a Plazencia. Passou os Alpes, & visitou a gram Cartuxa, & a cidade de Granoble. Depois se foi a Leão de França, & dalli a Paris, & andou

quasi

quasi toda França, porque visitou as Provincias Remense, Suessionense, Tornacense, Atrebacense, Bellouacense, Laudenense, & Catalamiense, & trouxe cartas de todas estas Igrejas Cathedraes, & de muitas Regulares destas Provincias. Em especial lhe fizerão grande honra os Conegos da Igreja de Rens, donde São Bruno fora Conego, & muitas Igrejas parochiaes da mesma cidade responderão cartas elegantes com Epigramas. Entrou em Flandez, & esteve na cidade de Guante, & em outras daquella Provincia. De Flandes se embarcou para Inglaterra onde foi mui bem recebido; & particularmente lhe foi feita muita honra nas Igrejas Metropolitanas de Eboraco, de Londres, de Lincolnia, & em muitos Mosteiros, & Igrejas da mesma Ilha. Passou a Irlanda, & visitou a Igreja Calsenense; de Irlanda se embarcou para França tornando por Normandia, foi às Igrejas de Anju, de Ruão de França, & de Constancia donde volta quando se veio pera Italia, passou por Campania, & visitou a Cathedral Tropeiense. Finalmente chegou ao seu Convento de santa Maria de Ermo ẽ Calabria tendo gastado neste caminho mais de hum anno trouxe grande quantidade de cartas escritas em verso Latino, & em outras em prosa, em reposta da que levava. Porque as que então tomente (a fora as que com o tempo se perderão) são cento & oitenta cartas. Das quaes se prova bem a grande opinião de santidade, que havia em toda Europa de nosso Padre São Bruno, porque todas são de Igrejas insignes, & de Arcebispos,

Bispos,

Bispos, & Abbades que confessão terem sido seus discipulos, & de outras pessoas de muita authoridade, que conhecerão muito bem ao Santo, & dão sua fè de quem foi em sua vida, como testemunhos de vista daquelle tempo. E por esta causa parecia que pertencia a esta historia trasladarem-se aqui todas, mas não me pareceo que convinha assim, porque por serem muitas causaria-se fastio aos leitores, como porque se se trasladarão perderião toda a graça que tem nos versos Latinos em que as mais dellas estão compostas. Com tudo não deixarei de por algumas para que quem as ler entenda, que assi são as demais que estão escritas em Latim.

Carta da Igreja de São Frigiano Lucense.

NOs os humildes frades de Saõ Frigiano Lucense celebramos o officio de commemoraçaõ por hũ varaõ taõ principal, & glorioso, q̃ podemos nos outros ser ajudados diãte de Deos por seus merecimẽtos.

Carta da Igreja Vlciense.

NOs outros os humildes frades da Igreja Vlciense que por outro nome se chama Parochia dos Martyres, pagaremos com o favor divino o officio com seu Tricẽnario, & depois seu anniversario por taõ principal varaõ, & taõ Religioso. Pelo qual deve tambem rogar todo o mundo.

Carta

Carta da Igreja Cathedral de Granoble em que ainda era Bispo São Hugo de quem assima se faz menção.

A Igreja Gratianopolitana a qual D. Bruno monge & Ermitão escolheo primeiro por seu Ermo, & por sua habitação. Quanto então se alegrou com sua presença cuidando que a tivesse sempre tanto mais que todos se sente agora pela auzencia de tal, & taõ illustre varaõ. E assi paga de boa vontade o officio de sua commemoraçaõ por trinta dias continuos. E promette de escrever o dia de sua morte no qual deu Deos a sua amada alma digna de memoria no Cathalogo de seus illustres varoẽs, & de lhe fazer perpetuamente celebre anniversario. Rogamos humilmente que vos lembreis de nos outros para que possamos ser feitos participantes de vossas oraçoẽs, & sacrificios.

Carta dos Monges de gram Cartuxa.

NOs outros tambem os monges da Cartuxa desemparados miseravelmente mais que todos da consolaçaõ de nosso piissimo Padre Bruno varaõ clarissimo. Naõ sabemos deferir o que havemos de fazer por sua alma. Sobrepujaõ os merecimentos dos beneficios que delle temos recebido tudo quanto podemos, & valemos. Mas rogaremos a nosso Senhor agora, & para sempre sem fim por elle como por nosso vnico Padre

& como filhos seus pagaremos em todos tempos por sua alma Missas, & os demais officios, & suffragios de defuntos, que segundo costume que hà entre nos se fazem pelos defuntos.

Carta dos Monges de Casa Dei que estavão perto da gram Cartuxa segundo acima se faz menção.

NOs os Monges servos dos servos de Casa Dei que moramos na casa de Santa Maria, aqual se chama por outro nome Cornelio, & está perto do Ermo da Cartuxa, celebraremos sete dias o officio, & Missa, & daremos aos pobres pão, & vinho, como oderamos per hum de nossos irmaõs pela santidade de tão insigne varaõ, com cuja doutrina & exemplo tão fructificado em Christo tão principal planta, & escreveremos a memoria de seu anniversario no nosso cathalogo.

Carta do Bispo da Igreja Lingonense.

ROberto servo da Igreja Lingonense pede aos Conegos da mesma Igreja, & aos Sacerdotes, Monges, & ermitaõs que servem a Deos no Bispado Lingonense roguem pola alma de seu clarissimo mestre Bruno, & que dem as esmolas aos pobres, & para que em todas as Igrejas que puder ser se escreva a memoria de sua morte.

Carta

Carta da Igreja de S. Cruz Aurelianense na qual depois de hum Epigrama se seguem estas palauras.

VOs outros tambem monges santissimos que tendes mandado diante aos Ceos tal, & taõ principal padroeiro, folgai, & alegraivos em o Senhor deixando toda a dor, & compaixão humana, & mostrai por obras ser des dignos de tal pae. Para que interecedendo elle por vos se ssirva o Senhor de vos prover de outro pae, ainda que naõ igualem sciencia, ao menos semelhante a elle na vida. Valete.

Carta do Abbade dos Mosteiro de Saõ. Ioaõ Sueſsionense.

AOs amados em Christo monges dignos de Deos, & reverendos ermitaes de Calabria que servem a Deos no mosteiro de S. Maria sempre Virgẽ, & mãe de Deos: Pedro humilde Abbade dos Conegos regulares de S. Ioaõ Sueſsionense, & toda a Congregação dos frades q̃ cõ elle estão, & servem a Deos. Bom he ter começado, melhor perseverar, e felicemẽte acabar. Mui grade tristeza recebemos ẽ ouvir o bẽaventurado fim de nosso Santo Padre, & Mestre meu Bruno, de cuja boca tenho recebido muitas vezes a agoa de Santa doutrina, posto q̃ a naõ tenho posto por obra, mas alegramonos

sum.

summamente por este haver já saido das angustias da carne, & ter alcançado o reposso perpetuo, & o viver cõ Deos, segundo o que podemos conjecturar da pureza & perfeição de sua vida passada por nos outros mui bem sabida. Celebrando pois sua memoria, assi por ter sido nosso mestre, como porque esperamos participar de suas orações, & vos ser tão communs diante de Deos, quanto mais santas promettemos offerecidas missas & vigilias para seu remedio, & dos mais fieis vossos defuntos. Escrupremos tambem de pormos nos livros donde estão os nomes de nossos irmãos defuntos, celebrarmos. Deos, querendo com a devida veneração o dia aniuersario de sua deposição, & a elle & a nós muito desejamos, & recebemos por participantes de todos os beneficios, que aqui se fazem, & nos lugares que são de nossa obediencia.

Carta da Igreja de S. Paulo de Londres Metropoli da Inglaterra.

A fama de tão principal varão estendida por todo o mundo move os coraçõis a fazer por sua alma santos suffragios. Posto que nós desejavamos fazer o que nos era possivel, com tudo muito mais nos move ver o que promettem tantos varoes insignes, para que daqui por diante cada anno celebremos a memoria do Senhor Bruno com missas, & anniuersario. Os Arcediagos Rengerio, Vualterio Quintiliano, Roberto, & Durando,

rando, Scholastico, Tebaldo, Arturo; & os demais conegos da Igreja de Sam Paulo de Londres saudamos, & com fraternal amor concedemos aos Ermitaes da Igreja de Santa Maria da Torre de Calabria, que se faça anniuersario cada anno (como pedis) por o Reuerendo Mestre, & senhor Bruno servo de Deos, & por os de mais monges de nosso mosteiro a seis de Outubro. E isto se concedeo com publico consentimento de nossos irmãos. Em memoria da dita commemoração temos escrito o seu nome entre os de nossos irmãos.

Aconteceo mais nestas exequias outro caso, & milagre notavel, & foi q̃ tão q̃S. Bruno morreo, se loube logo sua morte por reuelaçaõ divina em algũas Igrejas de Provincias mui distantes, de modo que quando a ellas chegou o Religioso com a carta que leuava, já tinhão celebradas as suas exequias pelo terem sabido por reuelaçaõ. Deste milagre daõ testemunho as duas cartas seguintes, alem do affirmar o mesmo Sutor lib. 1. tract. 5. cap. 3.

Carta do mosteiro de S. Athanazio de Leaõ de França.

A Congregaçaõ Athenaense avizada d'antes por divino oraculo celebrou pela alma do religioso, & amado de Deos Bruno hum officio geral, & outras preces, & oraçoes, & encomendou a Deos tambem os seus monges.

Carta

Carta do moſteiro de S. Vigor em Normandia.

A Humilde congregação de S. Vigor Leracienſe preuenida por oraculo diuino celebrou hum officio geral pela alma de Bruno religioſo, & amado de Deos, rogando que a ſumma Piedade de Deos lhe perdoe.

Eſta he a forma das cartas em proza, mas as queſe eſcreverão em verſos, & Epigramas ſão de outro eſtilo muito mais levantado, & cheas de muitos, & excellentes conceitos, que todos redundaõ em grandes louvores, & gloria do Santo; porque huns o comparaõ com Abrahão, Helias, Ioſeph, & com o Baptiſta. Outros traõ de como ſoube deſprezar o mundo, & o vencco, engeitando todas ſuas dilicias, & riquezas, dando de maõ a toda ſua gloria, & pompa. E finalmente ſe reſolvem que na morte de taõ illuſtre Santo como Saõ Bruno, não ha couſa alguma de triſteza, ſe não grandes motivos de alegria; porque crem que eſtà nos Ceos gozando da ſumma bemaventurança. Eſtes teſtemunhos de tantas, & tão inſignes Igrejas, Moſteiros, Collegios; de tantos Biſpos, Abbades, & de outros varoẽs illuſtres daquelle tempo, parece que baſtavão para prova das excellentes virtudes, & rara ſantidade da vida de Noſſo Padre Saõ Bruno. Porem não ſe contentando o Senhor com honrar a ſeu ſervo com eſtes louvores dos homens, s

Qui

Quis que tambem foſſe engradecido com muitos, & notaveis milagres; porque ſe escreve que junto de ſua ſepultura naſceo huma fonte com cuja agoa os cegos viaõ, os ſurdos ouviaõ, & outros muitos enfermos recebiaõ ſaude. Mas a relação, & lembrança deſtes milagres em particular com o tempo ſe perdeo; porque da hi a alguns annos vieraõ os monges deſte moſteiro de Calabria a ſe esquecer tanto da perfeiçaõ de vida do ſeu fundador que ſe paſſaraõ a outra Religião, & aſſi não he muito para espantar, pois perderão a memoria de ſeu fundador, que deixaſſem perder a de ſeus milagres; dos quaes o maior que ſe pode eſcrever, & que ſe não pòde eſquecer he a ſua vida, como dizem os hiſtoriadores da de Saõ Ioaõ Baptiſta, que nam fazendo nenhuns milagres, ſòmente a ſua vida eremitica he milagre ſobre todos os milagres. Da meſma maneira ſe escreve de Sam Bruno, que o mòr milagre ſeu he viver ate hora de ſua morte, com tanta aspereza, tanto rigor, tanta abſtinencia, & com tanta perfeição de vida, que parece paſſa os termos ordinarios dos outros ſantos. Pelo fruito, diz Noſſo Senhor que ſe conhecerá a qualidade da arvore. Do mesmo modo quem quizer ſaber o cume da virtude a que chegou São Bruno, conſidere a perfeiçaõ da Religião da Cartuxa que deixou fundada, & por ahi colligirà quam grande foi a perfeição, & ſantidade de ſua vida.

CAPITVLO XV.

De como se mandou restituir o mosteiro de Calabria à ordem da Cartuxa juntamente com o corpo de nosso Padre São Bruno, & de sua Canonisação.

PErseveraraõ estes monges de Calabria alguns sessenta annos na observancia da Religião da Cartuxa q̃ seu fundador lhe deixara ordenada, mas pelo discurso do tempo foraõ pouco, & pouco com afroxidão que o amor proprio tras comsigo descaindo cada dia do seu primeiro rigor. E hoje quebrando com as Leis do silencio, a menhã com as da abstinencia, outro dia com outras cousas se vieraõ a relaxar de maneira que de todo perderão o timo da perfeição da Religião que professavão; porque este he o caminho por onde o perderão todas as religiões que se vierão a relaxar, & afroxar da primeira perfeiçaõ em que começarão, pois vemos, que nenhuma se perdeo que nam começasse pouco, & pouco. Vendose pois neste infelice estado, escrevem alguns Autores que pedirão visitadores aos monges da Gram Cartuxa, significandolhe os desejos que tinhão de viverem na mesma forma que elles vivião; & ou que os da Gram Cartuxa lhe nam podessem acudir, & ou (o que mais he de crer) deixassem de fazer por entenderem a difficuldade q̃ hà em reformar religiosos relaxa-

relaxados, & criados em liberdades: mas quando os visitadores que pediaõ. Pelo que determinarão de se passar a outra Religião menos rigurosa, & assi se passaraõ a de Cister, parecendolhe que todo o seu mal vinha do rigor da Cartuxa. Mas como a causa de sua frouxidão nam vinha tanto da aspereza da ordem, quanto procedia do seu pouco espirito, aconteceolhes o que succede aos doentes, a que se erra a cura por se nam saber a causa da enfermidade, que cada ves vão mais em pejorando. O mesmo se vio nestes monges, porque se vierão tanto a resfriar nas observancias da Religião, que nem na de Cister puderam perseverar. De modo que se veio de todo a desfazer o Convento, & a ficar este mosteiro de Calabria em que Sam Bruno está enterrado em hũa simples Abbadia, sem Religião, nem observancia, & se dava como beneficio secular a huma só pessoa. E o que bastava para sustentação de muitos religiosos já não alcançava para o fausto, & pompa de hum só Abbade secular. Tal he a differença, que tem os gastos feitos com ordem, & serviço de Nosso Senhor, & as despezas que se fazem com desordem por respeito do mundo. Estevam assi alheado este mosteiro, que se chamou de Santo Estevam por ser este o primeiro orago que tinha, antes q̃ Sam Bruno alli fosse (como fica dito) em poder de Abbades seculares mais de trezentos annos, nos quaes foi sempre vizitado, & frequentado de muita gente, q̃ de toda Italia vinhaõ em Romaria venerar a sepultura de S. Bruno movidos dos muitos milagres, & merces q̃ fazia aos

que com devação vizitavaõ aquella sua santa caza. O que (por razão das offertas) resultava em tanto proveito,& vtilidade temporal, que os Abbades temendo vicisse a Cartuxa a pertender estas santas reliquias as esconderão,repartindoas por diversas partes do mosteiro,& mudandoas as vezes para outras, porque se não pudesse atinar com o lugar certo em que estavão do qual sabia somente o Abbade, & outra pessoa de confiança. Mas a Cartuxa he tão inimiga de contendas,& litigios, q̃ pelos não ter, deixou passar todo este tẽpo sẽ pertẽder a restituiçaõ deste mosteiro de Calabria em q̃ está o rico depositó do corpo do seu Santo Patriarcha. E o que mais admira a algumas pessoas q̃ tem pouca noticia desta Religião,he que estivesse a Cartuxa 413. annos depois da morte de Saõ Bruno seu fundador, sem tratar de sua canonização. Pois os que sabem o seu modo mais se espantão de ainda depois destes annos tratarem della; porque desde o seu principio tiverão sẽpre, & tẽ por averiguado q̃ não convem ao seu recolhimento,& quietação tratarẽ de canonização dos santos da sua ordẽ,nẽ publicarẽ seus milagres. Naõ porq̃ de hũa cousa,& outra não resulte grande gloria de Nosso Senhor a respeito da Religião, se naõ por desejarem que as suas cazas naõ sejão frequentadas do concurso de muita gente que a fama dos santos novos, & milagres costuma atrahir. E evitarem deste modo a communicação da muita gente taõ contraria a vida solitaria que professaõ. Mas cõ tudo como não ha regra sẽ excepção pareceo ao doutissimo,

& insig

& insigne varão Dom Francisco de Puteo Geral que era da Cartuxa no anno de 1514. que esta a devia ter, & que se havião de quebrar todas as regras por não irmos contra a do agradecimento que a Cartuxa devia ao seu primeiro fundador. Por esta causa mandou ao Prior de Bolonha Dom Mattheus, & a Dom Diogo Prior de Napoles, & a D. Luis Prior de Mantua que se ajuntassem cõ o Prior da Cartuxa de Roma D. Hugo, & q̃ tratassem da Canonizaçaõ de N. P. Saõ Bruno, os quais jũtamẽte com o Cardeal de Pavia protector que era da Cartuxa entraraõ a beijar o pè ao Papa Leão Decimo em 19. de Julho de 1514. & o informarão da admiravel vida que Saõ Bruno fizera no dezerto, de sua abstinencia, grande rigor, estranha penitencia, dos muitos milagres que fazia, & sobre tudo da perfeiçaõ da Religiaõ que instituira, pedindolhe se quizesse bem informar, & certificar de tudo, & que mandasse por sua authoridade Apostolica fosse venerado como santo dando licença para se festejar o dia de sua glorioza morte. Respondeo o Summo Pontifice que elle estava assaz informado da grande santidade, & virtudes de Sam Bruno, & que lhe parecia cousa mui justa, & posta em razão, que aquelle a quem Deos estando ainda no mundo ornara, & enchera de tantos doens, & graças celestiaes, agora que estava posto no Ceo fosse na terra dos homens venerado, & assi concedeo, que em toda a ordem da Cartuxa se pudesse celebrar a sua festa a seis de Outubro, & que se pudesse rezar, & cantar o officio seu particu-

ticular,& fazer cada dia commemoraçaõ delle nas Laudes,& veſporas. Allem diſto mandou, que o moſteiro de Santo Eſtevão de Calabria com o corpo do Santo,& com todos os bens, & rendas que lhe forão dotadas por Rogerio foſſe logo reſtituido a Cartuxa. O qual moſteiro largou hum Cardeal, que havia annos o poſſuia por Abbadia, & quanto aos milagres (ainda que havia muitos) não quis o Papa que ſe trataſſe delles por ſer toda a ſua vida hum inſigne milagre. Porque quando ella he tão qualificada, he o maior teſtemunho da ſantidade que ſe pode deſejar. De aquelles grandes Santos Arſenio Hylarião, Machario,& de outros muitos ſantos Anacoretas, poucos ou nehũs faõ os milagres que ſe eſcrevem, porem ſaõ taõ admiraveis as obras de ſuas vidas que eſſas forão baſtantes para lhe darem o grande nome, & veneração de ſantos, dizem que aprezentandoſe ao Summo Pontifice na Canonização de Santo Thomas de Aquino muitos milagres que o Santo fizera, reſpondeo o Papa que allem d'aquelles fizera outros tantos quantos erão os artigos que compuzera, na meſma conformidade diſſe Leão X. de Saõ Bruno que não havia para que tratar de ſeus milagres, pois fizera tantos, quantos erão os homens que tirou do mundo para huma vida tão penitente como a da Cartuxa. Alcançado tambõ deſpacho ſe partirão logo para Calabria o Prior de Napoles,& o de Bolonha a tomar a poſſe do moſteiro de Santo Eſtevão. Aqual lhe foi dada pacificamente,& aſſi lhe forão entregues por ordem do Cardeal que tivera a Abbadia

badia as sagradas reliquias de São Bruno; às quaes forão tresladadas, & postas com muita veneração pelo Abbade de São Rufo no Altar mòr em hum tumulo feito de rico marmore branco; & posto que os Priores levavão licença de sua Santidade para tomarem alguma parte das Reliquias do Santo, & as repartirem por outras casas da Religião, com tudo procurarão de vzar desta licença de maneira que não fossem sentidos por evitar o escandalo da gente da terra. Mas porem o povo como era deuotissimo de São Bruno, não deixava de sospeitar o que poderia ser. E assi com grandissimo cuidado no tempo desta tresladação tinha sempre postos os olhos nas Reliquias, & nas mãos dos que as tratavão em forma que lhes não era possivel tirar parte dellas. Porem o Prior de Bolonha em quanto o Abbade concertava os ossos no Sepulchro, tomou a cabeça nas mãos, & movendose logo grande alvoroço no povo para que a largasse, elle os aquietou dizendo que se sossegassem, porque a tomava para a encastoar em ouro, & pedras preciosas, de maneira que ficasse colocada com maior descencia, & veneração. Com isto se aquietarão todos, & elle a pode depois repartir com muitas cazas da Religião. Parte da queixada com dous dentes mandou à Gram Cartuxa. Outra parte da cabeça sagrada deu ao Padre Dom Gregorio Reisch. Prior da Cartuxa do monte de São Ioaõ Baptista junto da cidade de Friburgo em Alemanha vizitador da Provincia do Reno, oqual a repartio pelas casas da sua Provincia. E porque nosso Padre São Bruno fora na-

tural da cidade de Colonia, mandou o Prior de Bolonha ao Padre Dom Pedro Leydes Prior da Cartuxa de Colonia, chamada Santa Barbora, outra piquena parte da dita cabeça. A qual foi recebida com geral contentamento de toda a cidade a tres de Agosto de 1516. Houve tambem desta santa cabeça huma notavel reliquia Dom Theotonio de Bragança Arcebispo de Evora, a qual mandou encastoar em hum meio corpo de prata, & como principal joia a deu a Cartuxa que fundou na mesma cidade de Evora.

Em hum bosque de muito arvoredo apartado deste mosteiro de Santo Estevão como hũ terço de legua no fim, & no mais estreito de hũ valle que fechão dous altos montes está a lapa de nosso Padre São Bruno, sobre ella se ve edificada huã piquena hermida cõ sua imagẽ & hũ letreiro que diz: Do Santo mestre Bruno natural de Colonia primeiro instituidor do Ermo de Santa Maria da Torre da ordem da Cartuxa. Nesta lapa viveo sempre este illustre Santo desque veio a este Ermo de Calabria em tanto fervor de espirito, que depois de muitas horas de oração nunqua teve outra cama, se não a terra nua, & em testemunho, & sinal desta rigurosa, & penitente vida se ve ainda hoje hum notauel milagre que nunqua mais nasceo erva em tanto espaço de largura, & comprimento de lugar, quanto era o de seu sagrado corpo, nascendo muita em quantidade ao redor delle. Dalli a hũ tiro de pedra está a Igreja de S. Maria, q̃ edificou o Cõde Rogerio para N. P. S. Bruno, & para seu cõ

panhei

panheiro o Meſtre Lauduino natural de Normandia, que parece foi hũ dos discipulos que trouxe conſigo de Roma quando veio para eſte Ermo de Calabria. Dura ainda agora tão a devação q̃ todas aquellas Provincias de Italia tem ao noſſo Santo Patriarcha, q̃ ordinariamẽte lão eſtes ſantos lugares viſitados de grande multidão de homens, & mulheres de toda a ſorte de gente, aſſi nobres como plebeos, & de muitos Principes, & grandes ſenhores q̃ vẽ em Romaria á ſepultura do Santo. E em eſpecial venerão em tanto extremo eſta lapa ſanta, q̃ cõ particulares demonſtraçõẽs de humildade, & devação, vão do moſteiro a ella, hũs deſcalços, & outros de joelhos a verẽ hũ tão inſigne, & perpetuo milagre q̃ Noſſo Senhor neſta lapa ſuſtenta em teſtemunho da grande ſantidade deſte Santo. Pelo que quando entrão à viſta deſte milagroſo lugar a lembrança da grande penitencia que noſſo Padre Sã Bruno nelle fazia os faz cõpungir de maneira que derramando muitas lagrimas beijão aquella terra, & a levão conſigo para ſuas caſas cõmo Reliquia de grande veneração.

CAPITVLO XVI.

De alguns milagres que fez noſſo Padre Sã Bruno.

AInda q̃ a lẽbrança das maravilhas q̃ Noſſo Senhor tem obrado por interceſſão de N. P. S. Bruno

quaſi

quasi de todo se perdeo, assi pelo descuido, & relaxação dos monges de Calabria, como pelo modo com que a Cartuxa sempre se houve de se encobrirem nella todas as cousas milagrozas, com tudo não deixarei de escrever algumas que pude alcançar, para que de todo se não perca a memoria de seus milagres, & deixando os que ficão ditos acima no discurso desta historia. Conta Surio & outros Authores que depois de enterrarem o corpo de São Bruno nasceo junto de sua sepultura huma fonte de admiravel virtude: porque com esta agoa saravão de todas as enfermidades, os cegos recebião vista, os surdos ouvião, & os paraliticos, & alejados tornavão para suas casas fortes, & rijos com perfeita saude, & ainda que esta fonte dahi a alguns annos cessou de correr, não he de espantar, porque cessando neste convento a observancia da Religião parece que quis Nosso Senhor que cessasse tambem esta maravilha, como tem acontecido em muitos milagres cessarem por peccados da Provincia, ou terra em que se fazião, como bem aponta Surio no lugar acima relatado, & se podem trazer outros muitos exemplos.

Entre as propriedades que o Conde Regerio deu a São Bruno foi hum grande bosque chamado o Polo perto do mosteiro de Santo Estevão; oqual quis o Santo que servisse sòmente para fabrica, & gasto do mosteiro. He cousa averiguada que todos os que contra esta vontade de São Bruno vão cortar, ou tomar lenha do bosque, saõ milagrosamente castigados, & por serem muitos,

tos,

tos, & extraordinarios os casos que nisto acontecerão vem a estar tão bem guardado com este milagre, que não tem necessidade de mais guardas, nem defensores. Houve em Valença de Aragão hum notario chamado Ioão Luis Bretão, o qual foi muito tempo feitor, & bem feitor da Cartuxa de Portacæli que está perto da mesma cidade pela grande devação que tinha a nosso Padre Saõ Bruno, sendo cazado com a sua primeira mulher no anno de 1510. perto de quarta feira de Trevas cahio em huma enfermidade tão grave que chegou às portas da morte. Estando já desconfiado dos Medicos, & com a mortalha à cabeceira, abrio subitamente os olhos dizendo que lhe desse o vestido, porque se queria vestir, dizendolhe todos os que estavão presentes que desvariava, respondeo: Naõ desvario, antes estou muito em meu sizo. Por aqui entrarão Saõ Vicente Ferrer, & Saõ Bruno, & me disserão que naõ havia de morrer desta, & que esta quarta feira de Trevas hei de ir à Igreja a ouvir os officios divinos. E assi foi, porque logo sarou com a vizita destes tão grandes dous santos, & foi na dita quarta feira á Igreja a dar graças a Nosso Senhor pela merce recebida; pela qual ficou muito mais devoto de nosso Padre Saõ Bruno. Da hi a alguns annos veio a enviuvar da primeira mulher, vendose livre, & que podia escolher vida religiosa, segundo sempre dezejara, foise á Cartuxa a pedir o habito. Indo pelo caminho lhe apparecerão outra ves os mesmos santos Saõ Vicente, & Saõ Bruno, & lhe disserão que não era vontade de Deos

que

que fosse religioso, se não que ficasse no estado secular que d'antes tinha. Tornouse para Valença, & casou segunda ves com Angela Exarch mulher mui devota, & boa Christam, de quem teve a *S*ão Fr. Luis Bertan: que parece esta foi a causa porque Nosso Senhor ordenou que nam entrasse em Religiaõ.

Escreve outra cousa semelhante a esta o *P*. Dom *Sy*luio *P*rior da Cartuxa de Calabria, & foi que estando mui enfermo no anno de 1572 em huma villa de *C*alabria hum notario chamado Baptista Lança, desconfiado jà delle todos os medicos, lhe apparecerão naquella noite *S*am Domingos, & Sam Bruno, os quais com alegres rostros estavam olhando para elle, & como os conheceste disse em vóz alta: O *S*. Domingos santissimo, & santissimo *S*am Bruno daime saude, que eu vos prometto de servir de graça todos os dias de minha vida; ao que fizeram os santos huma demonstraçam como que lhe concediam o que pedia, & desapareceram. Ao outro dia se começou de achar bem, & viveo depois muitos annos em serviço do mosteiro da *C*artuxa de *C*alabria comprindo a promessa que fizera aos santos.

Outro appareccimento escreve o mesmo *P*adre Dom Syluio que aconteceo no anno de 1583. estando enfermo o Marquez de *C*astro Vechio Iuan Hieronymo *C*arrafa, mandou o vizitar o *P*rior do mosteiro de *C*alabria por hum religioso converso com certos mimos por ser amigo, & vizinho da caza. Estava nesta occasi-

am

am preſente hum grande letrado juriſta, que vendo entrar o frade começou entre ſi a zombar, & desprezar o noſſo ſanto eſtatuto de naõ comer carne; & ainda que deſte ſeu penſamento não diſſe nada aos que eſtavam prezentes, com tudo naquella noite logo ſeguinte lhe appareceo hum monge Cartuxo velho, & de aspecto venerando, que ſegundo parece era Sam Bruno, oqual lhe diſſe: hõtẽ despreſaſte em teu coração a noſſa abſtinencia da carne. Aſſi he, reſpondeo o letrado. Pois, diſſe o Santo, tens lido toda a Biblia? Reſpondeo que nam. Então tornou Sam Bruno: vai, & lè o capitulo 35. de Hieremias, & acharàs que Deos abendiçoou aos filhos de Ionadab filho de Recab, porque obedecerão a ſeu pay que lhes mandou que não bebeſſem jà mais vinho. Pois como naõ ſerão tambẽ bẽnditos do Senhor meus filhos porq̃ guardão os meus eſtatutos não comendo carne? Levantouſe eſte Doutor pela menhã, & lẽbrandoſe da vizão daquella noite abrio logo a Biblia no dito capitulo 35. & achou toda a hiſtoria dos Recabitas, & viſto a verdade da revelação ſe confundio, & humilhou grandemente, & veio ao dito moſteiro da Cartuxa, & contou diante do Prior que eſta revelaçaõ relatou com grande temor, & reverencia tudo o que lhe fora revelado offerecendoſe ao ſerviço da caza da qual da hi por diante foi muito devoto.

Eſtando os Paſtores do dito moſteiro de Calabria apaſcentando as vacas em tempo de inverno, junto da praya do mar no anno de 1551. aportaraõ alli humas

gallès

gallès de Mouros, os quaes saltando em terra para roubar; a primeira cousa com que encontraram, foi com aquella vacaria do mosteiro: fugiram os Pastores, & os Mouros se puzerão a fazer fortes aos novilhos, mas por mercê de Deos particular, que quis nisto honrar ao seu Santo, nam permittio que tomassem, nem matassem nenhum gado daquelle, antes entrarão muito mais pela terra dentro, & fizeram grande matança em todo o outro que acharam, carregarão suas gallés, & se foram. Houvese isto por cousa milagroza, que deixassem os Mouros a preza que tinham nas maõs, & junto á embarcaçam, & se fossem cançar a trazer as vacas de taõ longe, deixando as que estavam taõ perto.

No anno de 1535. estandose fazendo o refeitorio do mesmo mosteiro caio huma pedaço de abobeda com tanta preça, que nam era possivel ao Mestre da obra escapar por estar debaxo do que se vinha arruinando. Neste tempo vio, que hum monge Cartuxo vestido com sua capa preta o tomava pelo braço, & o pos na outra parte do refeitorio, & ficou milagrosamente livre, pelo que entendeo que o monge, que lhe apparecera fora Sam Bruno que o quis livrar, por andar trabalhando na sua Cartuxa.

Quero concluir este capitulo com hum milagroso castigo que Nosso Senhor deu a hum incredulo da santidade de Nosso Padre Sam Bruno. No anno de 1544. vespora de dia de Sam Bruno aconteceo agazalharem na Hospedaria da Cartuxa de Colonia a hum homem nobre

nobre de geraçam, mas tocado de heregia de Bucero, porque como todas aquellas Provincias de Alemanha eſtam iscadas de heregia, nam ſe pode facilmente conhecer, nem discernir os Catholicos dos hereges. Eſtando pois comendo na eſtufa da hoſpedaria com o Padre Procurador Dom Pedro Boechen, vindo em pratica como ao outro dia celebravaõ a feſta de Sam Bruno, respondeo o herege: porque? Vos tendes por certo eſtar elle no Ceo entre os outros Santos? Por certo que ſe iſſo he verdade; & ſe elle he ſanto, nunqua mais eu tenha hum dia de ſaude depois que beber eſte copo de vinho. Dito iſto bebeo o vinho, & logo ſubitamente ficou como alienado, malenconico, & cuidadoſo. Dahi a pouco ſe pos a cavallo, & ſe foi para o ſeu lúgar onde depois que chegou caio logo enfermo, & dahi a poucos dias morreo approvando com ſua morte a ſantidade que nam quis crer na vida.

CAPITVLO XVII.

Das obras que noſſo Padre Saõ Bruno compos.

EScreveo noſſo Padre Sam Bruno muitas, & excellentes obras, aſſi eſtando ainda no mundo, como depois que ſe recolheo ao dezerto, & como foi ſempre ouvido na Vniverſidade de Paris com muito aplauſo,

& a

& a fama de ſua grande ſciencia corria por todas as Prouincias de Europa, erão os ſeus eſcritos tão bem recebidos, que em todas as Vniverſidades ſe tresladavam, & eſtimavam em muito. Mas a malicia dos tempos, & o deſcuido de noſſos anteceſſores foram cauſa de ſe perderem muitas deſtas obras, como foi a expoſiçam que fes ſobre o Apocalipſe. A qual ſe remete no ſeu tratado que exta de Laudibus Eccleſiæ cap. 6. & no Opusculo que compos de ornatu Eccleſiæ cap. 4. Tambem ſe remete a outro Cõmentario que fes ſobre o Exodo que tambem nam ſe acha. As obras ſuas que nos ficaram, & andão impreſſas em ſeu nome ſam as ſeguintes.

Huma expoſição doutiſſima ſobre todo o Pſalterio de David.

Hum Commentario ſobre todas as Epiſtolas de Sam Paulo.

Hum Opuſculo de Laudibus Eccleſiæ.

Outro de ornatu Eccleſiæ.

Outro do Paraizo, da Arca de Noe, do Tabernaculo, & do Templo de Salamão, & outros muitos tratados particulares, como da molher que foi figurada à Igreja.

Da Cidade Santa de Hieruſalem.

Das Igrejas que ſe fundam, & conſagram pelos Biſpos.

Das Liçoẽs Evangelicas.

Das boas, & màs arvores.

Da Fè, Eſperança, & Charidade.

Das quatro virtudes Cardeaes.

Da Humildade.
Da Misericordia.
Da Paz.
Da Paciencia.
Da Castidade.
Da Obediencia.
Da Abstinencia.
Das virtudes com que se orna a Igreja.
Outro livro do novo mundo, em que engenhozamente compara a Igreja a hum novo mundo, que tem novos Ceos, novas estrellas, nova terra &c.
Outro de sermoẽs das principaes festas de NOSSO Senhor IESV Christo.
Outro dos louvores, & festas de Nossa Senhora, que meteo em quatro sermoẽs.
Sinco sermoẽs dos Martyres.
Onze sermoẽs dos Santos Confessores.
Outro sermaõ do Archanjo São Miguel.
Outro do desprezo das riquezas.
Achaõse em algumas partes mais duas Epistolas de São Bruno, huma a que escreveo a seu amigo Rodulfo Presidente da Igreja de Rems, de que acima fica relatada alguma parte, & outra que escreveo aos seus monges da Gram Cartuxa. Allem destes livros acrescenta Antonio Possevino hum livro dos louvores da vida solitaria, o qual diz que está escrito de maõ na Cartuxa de Veneza, & que o tinha o Padre Dom Paulo Rogerio monge da mesma caza.

TAVOADA DOS CAPITVLOS da vida de Saõ Bruno.

Cap. I. da Patria do noſſo P. Saõ Bruno, & de como veio a ſer lente na Vniuerſidade de Paris, & Conego na Sé da cidade de Rems.

Cap. II. Do eſtranho cazo que ocorreo na cidade de Paris nas exequias de hum Doutor daquella Vniuerſidade.

Cap. III. De como pela ocaziõ daquelle defunto que ſe condenou, determinou Saõ Bruno deſe hir ao dezerto, & fazer vida heremitica, & perſuadio a ſeis dos ſeus diſcipulos que o ſeguiſem.

Cap. IV. Como S. Bruno, & ſeus cõpanheiros ſe tornaraõ a ajuntar, & ſe partiraõ para a cidade de Granoble.

Cap. V. De huma viziõ de ſete eſtrellas que Saõ Hugo Bispo de Granoble vio, que ſignificauão S. Bruno, & ſeus companheiros, aos quais Saõ Hugo recebeo com muita charidade, & lhes deu o monte da Cartuxa.

Cap. VI. Da diſcripção do monte da Cartuxa, & da primeira entrada que nelle fizeraõ Saõ Bruno, & ſeus companheiros.

Cap. VII. Como Saõ Bruno, & ſeus companheiros ſe começarão a dar á oração, & vida contemplatiua.

Cap. VIII. Da regra que ordenou Saõ Bruno.

Cap. IX. Da cauza porq̃ ordenou N. P. S. Bruno, q̃ouueſſe na Cartuxa os frades conuerſos, & de como Saõ Hugo rezedia muito tempo na Cartuxa como qualquer

quer dos outros monges.

Cap. X. Dos grandes trabalhos que neſte tempo padecia a Igreja, & de como Vrbano II. mandou chamar a noſſo Padre São Bruno, & com ſeus companheiros foi a Roma.

Cap. XI. Como São Bruno obedecendo ao Papa chegou a Roma com ſeus companheiros, & de como os companheiros ſe tornarão outra vez para a Cartuxa, & de huma viziõ, que tiueram.

Cap. XII. De algumas couſas que ordenou o Papa Vrbano II. nos Concilios de Melfi, & Placencia por conſelho do noſſo Padre São Bruno, & de como o Santo hauida licença do Summo Pontifice ſe foi para o deſerto de Calabria.

Cap. XIII. Da carta que São Bruno eſcreueo a ſeu amigo Rodulfo, & de como foi achado no dezerto de Calabria pelo Conde Rogerio, & liurou ao meſmo Conde eſtando no cerco de Capua de hum manifeſto perigo da vida.

Cap. XIV. Da bemauenturada morte de noſſo Padre São Bruno, & de como foi diuulgada, & celebrada por toda Caſtella.

Cap. XV. De como ſe mandou reſtituir o moſteiro de Calabria à ordem da Cartuxa, juntamente com o corpo do noſſo Padre São Bruno, & de ſua canoniſação.

Cap. XVI. De alguns milagres que fez noſſo Padre São Bruno.

Cap. XVII. Das obras que noſſo Padre São Bruno cõpos

DISCVRSO SOBRE O VAM TEMOR da morte, & desejo da vida, & representaçaõ da gloria do Ceo.

Composto em lingua Castelhana pelo lecenceado Pedro de Valles.

SE o homem quizer hum pouco considerar facilmente lhe mostrarà a razaõ, que a morada da carne nam se deu ao espirito para descanso, & repouso, se nam só para exercicio, & trabalho; para que sendo vencedor nella mereça, & alcance a Coroa da victoria, & da gloria.

Nimguem vive no mundo, que nam seja ao menos abalado com tentaçoens, quebrantado com enfermidades, afligido com dores. Quem hà que nam seja enganado com apparencias, alterado com novidades, enfastiado com velhices, suspenso com esperanças, enfraquecido com temores? Que hà nesta vida que nam seja cheyo de novos modos de penas? Em quanto estamos nesta terra de nosso corpo a soberba nos leva a inchaçaõ, a cobiça a desejos ambiciosos. As prosperidades por-

proprias nos desordenão com vicios, as alheas nos põem envejas, a ira nos dirruba, o odio nos perturba, a luxuria nos enloda, a gula nos destempera, a tristeza nos consume, o ocio nos entorpece, o trabalho nos cansa: os prazeres nos desbaratão, & os pezares nos enterrão: A prosperidade nos engana, & adversidade nos aflige, & sobre tudo a morte, & seu temor está sobre nós outros ameaçandonos, & atribulandonos com perpetuo tormento. Esta hè a terra que Deos mandou creasse espinhos, & abrolhos, nós mesmos os semeamos, & por isso os colhemos: Lavradores somos nesta vida, & com o suor de nosso rostro havemos de comer nosso pão. Vejamos o que semeamos, & aonde o semeamos, se na terra de necessidade hade dar espinhos, & abrolhos que piquem, & se sequem, & nam cheguem a dar fruito: se no Ceo semeamos, teremos fruito, & o fruito chega allá a dar por hum cento. Se temos semeado no Ceo, porque nam queremos ir là colher nossa seará, & se não temos semeado; porque nam semeamos là? Semear, & colher tudo junto hè impossivel. Na vida se ha de semear, o que na morte se hà de colher. Alli acode a sementeira; alli se paga o trabalho de ter bem semeado. Pois quem nam quer acabar o trabalho da lavoura, & gôsar do fruito? Que doudice he esta, que lançandonos donde haviamos de fugir, ainda que nos quisessem deter nos nam queremos partir? E chamandonos para onde deviamos caminhar cotrendo, nam queremos andar? Bem sabemos que nascemos nesta vida para ir a outra, & que

nos levão; & que vamos, bem entendemos que he este o caminho, & a outra a morada: bem vemos que isto he breve, incerto, & temporal; & o outro eterno, & para sempre: bem cremos que em a vida eterna hade ser nossa perpetua habitação com Deos, & com os Anjos, em companhia dos justos com gosto, & deleite sem fim. Pois que fazemos? Entendemos, & dizemos, que nam podemos passar nesta vida sem desejo de deleites: porque a alma racional para isto foi creada, & com isto vive. Está bem, seja pois assi, que movendonos a razão ao deleite, o deleite seja racional. Havemos de amar, amemos o bom, o eterno, o verdadeiramente deleitavel: o que he todo bom, tem mal, o que he deleitavel sem vicio. Amemos o que farta com despertar maior appetite, & nam se acaba, para nunqua deixar de fartar. Sodisfejamos deleites, para deleites vamos: se queremos vida, para vida eterna vamos, que aqui morrendo estamos. Aquella he a fartura de nossas fomes, o comprimento de todos nossos desejos. O ultimo dia daquelle o principio de lá, que nam tem fim, nem espera outra mudança. Pois porque temos a morte? Se todo o nosso temor he porque somos mortaes: porque nam he nosso gosto o ver que deixamos este temor, começando a ser immortaes, impassiveis, & gloriosos, & vindos em gloria, & eterna bemaventurança com nosso summo bem? O dia bemaventurado o dia da morte para os que acabarem com o desejo de Deos, & com seu amor? O cousa tão da vida, & tão facil de fazer, desejar, & amar o

& temor da morte.

summo

summo bem? Quem pode cuidar nesta troquia, que assi se faz na morte que nam detejec(omo S. Paulo) o tempo della? Quem pode considerar como deve, a bondade de Deos, & quanto de seja nossa salvação, que nam se tenha por herdeiro de tanto bem, pelos merecimentos, & misericordia de quem tanto nos amá? E para isto quem pode alcançar, nem entender, quão grande he o amor de hum senhor, que morreu por nós dar vida, & que recebe de nós outros por serviço o morrer com tanto que o queiramos, sendo forçoso, que o passemos? Se nos temos por servos deste senhor universal, porque nam queremos, que cesse o trabalho, & nos de a soldada? Se nos temos por filhos; porque nam queremos, que nos de a herança que nos tem aparelhada? O de cá ja vemos que nam he herança, nem está plantada em terra que dé fruito. Nesta India nam engradece o fruito pellas humidades, & corrupçoens della. Esta terra nam he o lugar onde havemos de ser plantados, se nam huma pequena jeira aonde nos semeou Deos, como em canteiro, para nos tirar, & traspor daqui depois no seu estendido jardim do Ceo. Aqui semeou Deos esta semente, para que crescesse alguma cousa, & se fortificasse; porem nam para que chegasse a dar fruito. Porque esta terra nam he capaz para nella crescer tudo o que convem á alma do homem. He tão estreito este vaso que nam se podem estender nelle as raizes do entendimento, nem os ramos da vontade. Por força hão de estar sem crescer as arvores nesta terra; porque se apertão humas com as

outras. Nam ha virtude que nam tenha contradição: nam ha bom ſucceſſo, que nam tenha envejas: nam ha ſciencia que nam tenha ignorancias. Porem quando ſe trasporem eſte noſſo Terebinto, então creſcem ſuas raizes, & ſe eſtendem ſeus ramos, & dão copioſo fruito: E naquella vida bemaventurada, não ſómente o fruito, he fruito, ſe não que as flores tambem ſaõ: *Fructus, & honoris, & honeſtatis*. Alli não ha danno, nem de que o temer; porque tudo he proveito, & para amar; por iſſo ſe deſejamos proveito, herança, & patrimonio perpetuo; depois deſta vida ha de ſer como David o moſtra, dizendo: *Cum dederit dilectis ſuis ſomnum, ecce hereditas Domini*. Alli eſtá a noſſa herança ſe a buscais vedela alli; & ſe a não buſcais, buſcaia alli? Que cegueira he eſta, eſtandonos ſempre alumiando? Que engano he eſte! eſtando continuamente deſenganados. Porque chamamos o mundo maó, & enganador; pois a ninguem engana, antes ja mais ceſſa de deſenganar? Que faz o mundo que o nam faça ao deſcuberto? Naõ ha morto a quem não vejamos enterrar, & tirar os oſſos de hum para ſepultar o corpo de outro? Não ha mocidade que nam caia, ou ſe ſeque, ou apodreça. Não hà boa cor que não ſe mude, nem viſta que ſe não perturbe? Não hà proſperidade ſem contradição? Não hà fruito ſem penſaõ? Não hà eſtado ſem turbação. A quem engana o mundo, não fazendo couſa eſcondida, ſe não tudo com vozes, & com eſtrondos? Que parte do mundo he eſta que nos engana? As arvores ſe ſecão, as ervas ſe murchão

Dizenganos do mundo.

os

animaes nos offende: tudo o criado nos deixa, ou nós o deixamos. O calor nos derrete, o frio nos encolhe: se estamos deitados desejamos levantarnos, & se levantados deitarnos: O ocio nos faz molles, & o exercicio fracos. Dos que huma hora fugimos, os chamamos outra per valedores: de tudo o que está presente queriamos fugir, & o ausente desejamos. Nossa vontade he a verdadeira enfermidade, ella he o verdadeiro tormento. Nós mesmos nos queremos enganar, nos temos cerrados os olhos ao que vemos, & o entendimento ao que entendemos, & nos esquecemos do que sabemos. Nós mesmos somos nossos lisonjeiros, & nos enganamos, & mentimos: porque: *Mentita est iniquitas sibi*. Bem entendemos que nosso melhoramento, & nosso bem está na morte. Vejamos logo que nam he a morte terribel, se não a opinião que della temos; a qual segundo a consciencia de cada hum, assi he desejada, ou temida delle. E pois isto he assi, nam está na morte o terribel, se nam na consciencia. A morte aos justos he porto, & dos peccadores he temida por naufragio. Naõ he opezado a morte; se não o temor que della se tem. O medo da opinião nasce, & a opinião de nossa fraqueza, & he contraria da verdade. Da verdade nasce a virtude, & a opinião da fraqueza; & por isto o temor, mais se ha de attribuir a vida, que nam a morte. Naõ temos porque temer na morte, se nam fizemos porque temer na vida. A vida que está em nosso poder he razão que temamos, que a morte fora delle está. Naõ he outra cousa a morte, se

Vão temor da morte.

não

não hum apartamento da alma, & do corpo, & nesta obra a alma he solta da prizaõ, & o corpo torna a reduçaõ. Quem he solto da prizão fica alegre, & o que se resolve, torna ao que foi sem que sinta mal, nem bem. Se a morte he mà, porque os mancebos nam temem de ser velhos, nem fogem da idade tão vezinha a morte? Se temeis a morte, temei o viver, que vos leva a morte, & naõ a morte, que vos leva a vida. Os ignorantes temem a morte, mas os sabios a desejão. Aquelles a tem por trabalho, & estroutros por descanso. Se com a morte acabasse nossa alma, cousa era para temer: porem se com a morte começa a alma sua nova vida, que ha que temer? Para os màos penas ha depois da morte; porem isto he ja alem da morte, & não vem as penas por ella, se nam pela mà vida. E se nos queremos queixar da morte, porque vem depois della aquellas penas: queixemonos da vida, porque nella se merecerão. A vida he a que nos danna, pois todo nosso mal se começa, & cresce, & vai sempre sendo maior em quanto vivemos. Abramos os olhos como vivos, & nam nos pareça mal a morte, porque ella com o fogo aparta a prata do chumbo, & no apartamento fica a prata apurada, & o chumbo nam peor do que antes era. Naõ procede o aspero da morte, se nam da culpa. Por isto a Escriptura Sagrada chama somno à morte; porque he descanso. Dezia David: *Ego dormiui, & soporatus sum, & surrexi, quoniam Dominus suscepit me*. Do somno se levanta a alma quando voa para o Ceo. E por isto diz o mesmo Profeta, que como

ro passaro se livra do laço. Laços saõ neste mundo as quezas, vicios, honras, deleites, os appetites, & as necessidades. Laços saõ o azedo, & o doce, & tudo o desta vida he laço miserable. Nunqua a alma está livre dos laços; até que se foi da do corpo sempre pode cair nelles. E se a alma nam estivesse posta no corpo, não poderia ser presa, porque o que nam tem corpo nam pode cair em laço. Porem quando se quebra o corpo somos livres de todos os laços, & do cativeiro da morte, & vamos à terra dos vivos se acabamos em graça onde tudo ha de ser vida, porque ja morreu a morte. Alli he onde nam ha de haver lagrimas, porque não ha choro, naõ ha de haver choro, porque naõ ha caida. Alli he onde estão os Santos sem fraquezas, sem cuidados, sem ignorancia, & sem erro: livres das paixoens do corpo, & possuidores dos doens do espirito.

Tres mortes achamos na escriptura, & vemos por experiencia. Huma espiritual, outra natural, & a terceira penal. Mas nem por isso a natural he sempre penal; porque a nam deu Deos por pena, se não por remedio. Quando Adam peccou huma morte lhe deu Deos por pena, & outra por remedio. Por pena lhe diz Deos, que seja maldita a terra em suas obras, que lhe produzirá espinhos, & abrolhos, & que com suor de seu rostro comerá o seu paõ, até que torne a terra de que foi formado. Onde se vê que lhe não deu por pena a morte natural, se nam o que ha de padecer até ella, & assi dizia hum Sancto. Attenta bem homem, que a morte nam a deu

Deos,

Deos a pos as outras penas, se não por remedio dellas, pois he fim. Nam disse Deos a Adaõ, porque ouviste a voz da mulher morrerás: antes (ainda que vlando de justiça, o poem debaixo de trabalhos) vlando de misericordia o remedea com a morte, remate delles; & assi mais he nossa morte fim de trabalhos, que trabalho: & por ser a morte descanso de trabalhos dizia S. Ioaõ no seu Apocalipse: Buscaõ os homés a morte, & naõ na achaõ. Maiormente he descanso para os justos, que haõ de dizer com o Apostolo: *Mihi vivere Christus est, & mori lucrum.* A quem o viver he Christo, porque he Christaõ. O morrer he ganho, porque vai a gotar delle. Naõ negamos, que naõ he natural o desejo de viver; porem confessemos, que he dom de graça o desejar morrer: & como a natureza nos traz a desejar a morada nesta vida, assi a graça nos traga a desejar a eterna, & a naõ querer, o que queriamos: & digamos com o mesmo Apostolo: Desaventurado homem, quem me livrara do corpo desta morte? E respondamos com o mesmo: A graça do Senhor por IESV Christo seu filho. A graça do Senhor nos livra do corpo mortal; & nos faz immortaes, & a graça do Senhor he a que nos dà este conhecimento. Porem considere cada hum que como quer que poucos possaõ dizer com o Apostolo, que desejão sair desta prizão: menos saõ os que podem dizer: *Multo melius permanere in carne proteruos.* Porque para nós outros ganho he, para que naõ pequemos sair deste corpo taõ sogeito a peccados. Nam he a morte taõ temetosa como

mo

mo parece aos amigos do mundo, não he amargosa aos pobres, nem injusta aos velhos: naõ he dura aos fortes, nem he perpetua aos fieis, nem repentina aos sabios. Muitas vezes com a morte de hum capitaõ se venceo hum exercito, que vivendo se naõ podia vencer. Com a morte dos martyres foi defendida a Religião, acrescentada a Fè, & fortalecida a Igreja. Vencerão os mortos, & ficarão vencidos os vivos. E nisto parece que os mortos saõ vivos, & os vivos mortos. Dizendo David: *Præciosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.* Preciosa foi a vida dos Sanctos; porem em comparaçaõ do preço da morte, não fez o Propheta menção da vida. Preciosa he a vida a respeito das outras cousas do mundo; porem a respeito da morte, não tem a vida preço, antes ella ha de ser o preço da morte. Pela boa morte se ha de offerecer toda a vida, pois este he o fruito da vida, & então se colhe todo junto. Que podemos mais dizer da morte, se não que com a morte do Senhor foi remido o mundo. Podera IESV Christo nam morrer, se nam quizera: porem escolheo aquillo por melhor; & assi o foi, & o será em seus fieis. Sua morte foi nossa victoria, & o Sacramento de nossa redempção, & aquella morte nos causou a nós outros immortalidade. Dizemos que tememos o morrer, & fugimos de viver. Se o Senhor tem por bem de morrer, por nossa remedio, porque fugimos nós outros delle? A morte não foi em nossa creação; porem deunola Deos para remedio dos males, que por o peccado nos vierão. A mortalidade do

Bens da morte.

corpo,

corpo, mais he carga que vso, se a graça nos inspira. E por isto se bem se adverte, não morre a natureza, se não a malicia, porque tudo resucita nos bons com serem ja livres de peccado, & ainda nos máos com não poderem desmerecer mais. Nossa sementeira he a morte, & assi como se nam semeassemos, não colheriamos, assi do mesmo modo, se não morreramos, não chegariamos a ter fruito. *Seminatur in corruptione*, diz o Apostolo, *surgit in incorruptionem, seminatur in ignobilitate, surgit corpus spirituale.*

A vida está na morte.

Mais vezinha está nossa vida em nossa morte, que em nossa vida; porque os que vivem hão de morrer, & o que morre ha de resuscitar para viver eternamente. Nam se continua nossa resurreição com nossa vida, se não com nossa morte. Nam resuscitamos porque vivemos, se não porque morremos. Pois porque fugimos do meyo os que temos remedio nelle? Porque tememos o que não se pode escuzar? Porque imaginamos que he cousa para que se tema, o que ordena Deos, porque nos ama? Como passou o Senhor a morte por nós outros, para nos livrar da eterna: assi passou o temor della, para que sejamos livres delle. Temamos a conta para que a nam levemos errada, temamos o que merecemos, para que nam recebamos por mal o que Deos faz por bem, se tememos a morte, temamos mais a vida, porque tem mais perigo, & tem mais de morte. Se a vida tiveſſe sido para nao temer, a morte, era para desejar. E pois pella má vida se teme a morte, mais se tema a vida,

que

que naõ a morte. Se naõ se teme, a vida pouco aproveita temer a morte: & se tememos a vida, não temos porque temer a morte. Temamos de offender a Deos com a vida, pois aquelle temor he o que aproveita, que nam he da morte, se naõ para melhorar a vida. O temor da morte ha de ser se tardara, ou se nos tomara mal vivendo? Se he da tardança consolemonos q̃ naõ pode tardar muito, & se he do mào viver pesenos delle, & procuremos remedialo, & cessem os temores. Acertemos a construir este latim que em vulgar o temos depois que disse Deos: *Nolite timere eos, qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere.* Se naõ havemos de temer aos que matão o corpo, naõ podendo matar a alma, naõ havemos de temer a morte, se naõ a vida com que podemos peccar. Ninguem pecca com morrer, se nam com viver. A morte naõ he de si mà, nem boa, he termo de bem para o bom, & de mal para o mao. Em hum he a morte glorioſa, & no outro penoſa, & pois a vida a faz tal, esta se tema, & esta seja nosso temor, temer viver, & temer o que obramos na vida. Quando vivemos bem, então havemos de temer muito se cairemos daquelle estado, se nos tornaremos a enlodar. E quando vivemos mal, então havemos de temer, se com a vida será aquelle mal maior, ou se nos tomara a morte naquella vida. Estes termos da vida hão de temer os bons, & os maos, porem a morte não ha porque tenela que nenhuma culpa tem. Se dizemos, que por que nam tememos a vida, tememos a morte: isto he dizer, q̃ te

Temores verdadeiros da mà vida.

por

por naõ temer o mal, tememos o bem, & he dizer quẽ amamos a quem haviamos de temer, & tememos a quẽ haviamos de amar: fugimos de quem nos naõ podemos apartar, & chegamonos a quem naõ pode estar com nòs outros. Tememos o que se naõ pode escusar, & procuramos o que se naõ pode haver. A morte, nem a vida naõ saõ de si mesmas dos bens, nem dos males, pois vemos claramente, que para huns saõ boas, & para outros saõ màs. Nòs outros fazemos que a vida, ou a morte sejão boas, ou màs, & pois està isto em nossa vontade claro fica que para as fazer ambas boas nam havemos de começar da morte, se naõ da vida. E começando della de necessidade a morte he boa. Pois se o bem, ou mal està na vida, que temos que cuidar, nem que imaginar da morte, nem fallar em que he mà? O mal no peccado està, & no màu està o mal na vida, ou na morte: & sendo por isto mais agra a morte, tambem o he a vida. Assi diz hum Sancto, mais grave cousa he viver para peccar, que morrer em peccado: porque cada dia o peccado he maior, & o que morre deixa de peccar. Naõ he a morte o mal, porque a morte naõ està entre os vivos, nem entre os mortos, porque a huns naõ tem vindo, & pelos outros ja tem passado, & por isto naõ he mà aos que a naõ conhecem, nem a tem visto, nem menos o he aos que segundo o corpo a nam sentem, & segundo a alma estão livres della. Assi se ha de deixar o temor da morte. Vejamos alguma cousa do desejo da vida, que he çommum a todos: acerca do qual ha tambem no

Do desejo da vida.

mundo

mundo muitos erros,& desvarios. Preguntemos a hum homem se deseja viuer para sempre? Dirá que não, porque não pode ser. Se lhe preguntamos quantos annos? Dirà que oitenta quando està longe delles; porque quando èllà perto, ou os tem ja mais pede. Se lhe preguntamos que tem mais oitenta que setenta, & setenta mais que sesenta? Dirà que gozar da vida, sendo à vida dos velhos fonte de trabalhos, desfalicimento dos sentidos, tormento de enfermidades. Que pode haver bom onde o comer he sem dentes, a vista com oculos, o ouvir com gritos, & o cheiro dalo mao aos que estão junto delle: onde os mẽmbros do corpo vaõ perdendo sua força, & as potencias do espirito vacilando, & onde sempre se procura o sonno que he o encurtar a vida. Se dormem stão mortos, & se estão acordados mataõnos. Saõ aborrecidos ainda dos que bem lhe querem, & sem que os outros lhes desejem mal vaõ tornando a idade primeira e meninos: não na simplicidade, se não na ignorancia. Nesta idade cresce a cobiça, devendo de minguar, forticãose as sospeitas havendo de cessar. Nesta idade saõ maiores as obrigaçoens, & mais vsadas as remissoens. se lhes faltão aos velhos alguns vicios, saõ os que os sempararaõ. Os vicios os deixão, que elles naõ quizeõ deixalos. Se he o desejar a vida porque nos parece breve, & queriamos que o tempo della fosse mais comodo, nam he curto o tempo de nossa vida, nam he breue se nam longo; mas perdemolo, & pedimolo para o dar. Para que pediz a vida? Pedila para deleites, ou

para guerras, ou para ajuntar fazenda, ou para jugar, ou para passear, ou para disputar, ou para negociar? Por certo eu vi muitos, & queira Deos que não sejamos delles, que dizem vamos a passar tempo: & dizem, & queixanse dos dias largos, & outros das noites compridas, & outros do ocio. E se bẽ consideramos, todos estes se queixão da vida: & a estão pedindo. O q̃ diz q̃ não ha q̃ fazer, para q̃ pede tẽpo? O q̃ diz q̃ he largo o dia, ou a noite para que quer viver; pois o tempo não tẽ outras partes se não o dia, & a noite. O q̃ busca gente para falar, não por que lhe importe a pratica, se não porque gaste o tempo: para q̃ pede tẽpo? Cõsidere este tal se naceo para falar, ou para caçar, ou para passear, & se o creou Deos para isto? O q̃ busca negocios, veja se he este o negocio a que Deos o mandou a este mundo? O q̃ pede o verão, quando está no inverno, & o inverno quando está no verão, como pede contra o q̃ quer? Se queremos q̃ todo o tẽpo passe depressa, & q̃ venha outro: q̃ imaginamos fazer cõ o que vier? Aonde se encaminha nosso fim? Se he a que não haja fim; porq̃ o queremos em cada cousa, & desejamos a novidade. Estamos attonitos na vida, & a q̃ não sentimos quando anda, vemos quando he ja passada, quando ella presente a despresamos, quando passa aquerriamos tornar a chamar? Dizei porq̃ desejamos q̃ o passado fosse presente, ou o que está por vir chegasse ja? Se he para q̃ seja presente nelle estamos: façamos aquillo para q̃ o queremos. Vejamos, & attentemos bẽ como não he breve nossa vida: nos outros a fazemos breve, porque a gasta-

Não he breve a vida se não mal gastada.

gastamos mal. Para o que ella he não lhe falta o que ha mister para o que nos aqueriamos sempre faltara a nossa opinião. Assi como as muitas riquezas em poder do que as desbarata, não bastão: assi a vida sempre he curta ao q̃ a gasta mal: & assi como o pouco basta ao q̃ he comedido em seus gastos, assi qualquer vida basta ao que della se aproveita. O que aos concertados he sobejo, tem por pouco, os que não tem concerto. Não proveo Deos o limite da vida segundo nossa malicia, se não segũdo nossa necessidade: que fez a natureza o estamago conforme o appetite, se não conforme o corpo. Se a vida he para caminho da cidade celestial, quem deseja o caminho comprido? Se o mundo he estalagem, quem tem por melhor a que fechão para q̃ não possa tão cedo sair o que caminha? Se buscamos, & pedimos esta vida, para estar cõ os maiores: vemos q̃ não nos ouvem, nem nos estimão: se com os menores, vemos que nos pedem: se com os iguaes vemos que nos enfadão, & importunão. E com tudo isto a todos queremos dar nossa vida: não por seu proveito, se não por nossa perda. Se nos tomão a terra, ou a vinha q̃ havemos de deixar, sobre isto perdemos o tẽpo, q̃ he nossa vida, & se nos occupão o mesmo tempo, q̃ pedimos, & he nosso aquelle lhe damos, & cõ elle os convidamos. Não ha ẽ hũ pouo dez q̃ queirão dar o dinheiro que tem na arca para com elle remediar seu vezinho: & a vida, & o tempo que tanto cada hum pede, & deseja, & que he seu, & dado só para seu proveito o dão prodigamente a todos. Se desejamos a vida

pelos outros, pidamos a sua, & não a nossa, & se por nós vsemos della sem a gastar nos outros. Attentemos bem que não lha damos, por estar com elles: se não por não estar com nós outros. De todas as cousas que nos deraõ para os outros, somos avarentos, & não lhes damos o seu: & sò do tempo, que se deu para nos, o gastamos com elles, & não por seu proveito; porque não lho damos por lho dar, se naõ pelo gastar: não porque o tomem, se não porque nolo tirem, naõ porque os amamos, se não porq̃ nos aborrecemos. Mais os buscamos por fugir de nòs, q̃ não por falar cõ elles: mais buscamos suas praticas vãs por nos apartarmos de nossa conversação, q̃ por nos chegar à sua? Se he charidade, a quẽ devemos mais que a nòs outros? Se queremos dar doutrina, porq̃ a tiramos a nòs? Se buscamos cõpanhia, porq̃ deixamos o nosso homẽ? Se o queremos desemparar, porq̃ pedimos q̃ naõ se aparte? Se nos cansa a vida porque aborrecemos o descanso? E se nos aproveita, porque não vsamos do proveito? Este tempo que tanto pedimos, porq̃ o despedimos? Entendamos como perdemos a vida, naõ vsando della, & isto he a mesma morte, q̃ tanto fugimos. Se ao tẽpo chamamos viver; porque não chamaremos morrer o naõ nos aproveitar delle? Chamamos pouco ao q̃ vivemos, & gastamolo, como se nam ouvesse de ter fim. Gastamos como de bolsa alhea, quando estamos no vltimo real. Todos os tẽpos tememos como mortaes, & todos os gastamos como immortaes. E ordenamos o principio de nossa vida no fim della. Dispomos do q̃ he incerto, & deixa-

deixamos perder o certo. Pedimos a Deos o que tem por dar, & sem sabermos se no-lo dará, o offendemos, cõ o q̃ nos está dando: & cuidamos que he causa justa para que nos dè muito estar gastando mal o que nos deu. Se Deos tivera determinado, de nos dar mais tempo neste mundo, fora mui justo que no-lo tirará, porque o gastamos mal: & he esta a maior causa com que o pedimos. Todas as outras cousas saõ alheas, sòo o tempo he nosso. E apos as alheas andamos, & o q̃ he nosso desprezamos. Mal fazemos, & muy grande erro cometemos, em gastar o tempo, por buscar aquillo, de que não podemos vsar, nem gozar se não com o mesmo tempo. Se gastamos nossa vida em buscar às cousas do mundo, que nos aproveita, que passado o tempo, he passado o mundo? Sòmente nos deu Deos a vida, & o tempo della, para buscar, & para achar, & para alcançar as cousas do Ceo. Fòra disto nossa vida não he vida. Ninguem mede a vida segundo o que dura, se não segundo o que nella faz. Como temos por peor navegação a daquelle que o vento traz pelo mar hum anno, para chegar ao porto, onde outro chega em hum mes: assi se ha de ter por peor a vida em que se gasta muito tempo, & nam se anda mais caminho. Todas quantas obras fazemos nesta vida, fora daquellas que guião nosso caminho ao porto do Ceo, saõ ventos que nos desgarrão, & desviaõ, & em todo aquelle tempo corremos tormenta. Que aproveita para nosso fim o tempo que gastamos em vaidades, em vicios, em opinioens, em honras,

& desejos fora deste desejo de nossa viagem? Não somente não aproveitão, porem apartãonos tanto, que muitas vezes em muitos annos não tornamos ao lugar donde partimos. Quem tinha hoje há dez annos melhores pensamentos do que hoje tem: Dez annos ha que na vega, & mais longe está, que quando partio. E se a morte lhe vem, mais apartado estará do porto, que antes que navegasse. Nenhum homem ha de menos conhecimento que aquelle, que nam conhece os trabalhos da vida, & os bens da morte. Quem aquella tem por vida, o fim della tem por morte, & quem a eterna tem por vida esta de agora tem por morte. Nam somente o fim desta vida se havia de desejar pelo principio da eterna, se não pelo remedio da desaventura desta. Este remate pos Deos para fim dos trabalhos daqui, & para começo dos descansos delá. Verdadeiramente com a ansia que desejamos a vida; se fossemos prudentes com a mesma haviamos de desejar o ponto da morte: por sair daqui, & por ir para là. Se a gloria do Ceo não fosse inteiramente perfeita poderiamos dizer que o melhor della era o seu principio, porque vem tão junto a pos nosso trabalho. Dous graos tem aquelle sancto passo; quando o que o passa vai em graça. Hum he trazer felicidade, & o outro he tirar fadiga: dar gloria, & tirar pena: acabar morte, & começar vida: tirar fome, & dar fartura, apartar escuridões, & dar luz. Não ha tempo em que nos venha a morte, que deixe de ser bom. Se vem na meninice

Morte a todo o tempo a fazoada

assegura o passo, & continua o deleite: se vem na mocidade

lade atalha os males, & dá na flor o fruito: se na velhice he ter modos trabalhos, & de não deixar apodrecer o que está maduro. A morte a todos he fim, & a muitos remedio, & a ninguem he mà, senão a quem a tem por mal. Se entre as obras de Deos, os homens somos a maior he porque o mais alto de nosso ser está na boa morte: pois nella começa o nosso estado superior de que fomos capazes. Consideremos huma cousa, em que os cegos verão mais claro sua cegueira, & os que vem verão melhor a luz. Se o homem não morresse, nem os outros animaes, muitos farião vantagem ao homem: porque lhes faltão os deleites que sua capacidade pode ter: nem temos os cuidados, & paixões do homem. O voo, & contentamento das Aves que descanso he? O pouco cuidado dos animaes, que tão grande bem he? O abrigo com que nascem para o frio, & o aparelho do necessario? Que maior bem pode ser para o corpo, que nem ter cuidado, nem passar necessidades? E não ha nelle vicio fora do que a cada especie a natureza inclina. Se o Leão he bravo, sem soberba o faz: Se a ovelha he mansa, sem servidão o faz. E pois isto he assi, nosso bem não está no corpo, se não na alma, pois se na alma está, não estara em a ter presa, se nam em a fazer livre: não em a ter desterrada, se não em a levar á sua patria. Se nossa melhoria não está no corpo, & nosso bem está na alma, porque fugimos de que melhore, quem nos fez melhores? Se somos melhores, porque temos razão; porque tiramos á razão seus doens? Se no que somos maiores nos apouca-

mos, & no q̃ somos melhores nos pervertemos, em tudo ficaremos vencidos, tendonos Deos feito vencedores. Se medimos nossa vida cõ o tempo, por larga q̃ seja somos agravados, porque será hum piqueno ponto, & sempre para isto será curta, & minguada, & se a medimos com a que se ha mister, sempre será chea. Se os animaes, que naõ tem mais bem que esta vida, naõ tem entresi por melhor ao que mais vive, nem a natureza o deu por tal, que faraõ os homens, que tem seu bem na morte? Naõ deu a natureza ao Corvo por mór bem a larga vida, nem deixou de fazer melhor a Aguia, ainda que a tem mais curta. Naõ ao Veado, se não ao Leão: porq̃ não no largo, se não no melhor está o bẽ. O q̃ se ha de acabar, naõ está seu bẽ em q̃ seja cõprido, se não em q̃ seja bõ. Entre perpetuo, & tẽporal diversidade ha, porq̃ hũ he sẽpre, o outro acaba; porẽ entre cõprido, & breve naõ ha para o q̃ passa. Naõ he melhor o rio q̃ corre cõ muita pressa, q̃ o q̃ corre pouco a pouco para a cidade aonde chega. Naõ he melhor o apousento grãde na parte, q̃ está vazio. Imagine hũ homẽ q̃ tẽ todo o mũdo por casa, ou por apousento, para dormir: se não terá mais proveito, nẽ ajuda, que naquella parte, q̃ seu corpo occupar, & lhe basta, para seu repouso. Imagine hũ q̃ viverá mil annos, mas nem por isso pode gosar mais delles, q̃ o q̃ tiver presente. Pois se este he o gosto, a ninguem falta o lugar no mundo, & no presente na vida. Attentemos bem que a opiniaõ he a q̃ engana, que não a mesma cousa. Para sermos menos que homens esquecemonos da razão, & para sermos peores

A largueza da vida naõ dà a perfeição ao animal.

es que bestas a pervertemos. Quando a deixamos, fi-
amos como brutos, quando mais vsamos della somos
ores que elles. He tanta a cegueira de nossas opinio-
ns, que trabalhamos sobre o que he difficultoso, & sem
roveito, & nos esquecemos, & deixamos o que he fa-
il, & onde consiste nosso bem. Pode ser maior doudice,
ue para buscar hum pouco de ouro minar toda a terra,
& para buscar hum anno de mais vida revolver toda a
nedecina? Havendo de ficar cà o ouro de necessidade,
& acabar a vida? E para achar o summo bem, & mui-
pua o deixar não queremos minar nosso peito, onde o
charemos só com o amar? Queriamos medir nossa vi-
la com nossa vontade, não sabendo o que queremos, &
leixamos de medir nossa vontade com a de Deos, sabe-
lo elle o q̃ quer, & o q̃ faz. Se he regra certa na medeci-
a vsarmos do q̃ não he tão bom, quando nos não apro
eita o vso do que era melhor: porq̃ neste desejo da vida
ão procuramos não na desejar, pois tanto vemos que
os faz mal tela desejado. Nas outras cousas deixamos
o melhor, por provar o que não he tal: & nesta não que-
emos deixar o peor, & que tanta perda nos causa. Se
em attentassemos o que desejamos, & pedimos da lar-
a vida: não fariamos assi, nem teriamos duvida do bem
ue ha em morrer. Quem duvida do bem da morte,
quando vê que o que era inquieto, turbulento, & nosso
inimigo, que está ja quieto, & em socego, & posto em
huma cova, sem que temamos delle q̃ sairà a nos desen-
quietar, destrahir, & lançar a perder. Quem se entriste-

ce de

ce de ver aquella raiva sem que possa morder? E quem se não alegra que o amigo das virtudes, desejoso do bem, & obediente a Deos vá a morar com elle, & fique sem a carga que o derrubava, & o tornava a trazer? E pois quiz o Senhor de todos ajuntar estes dous companheiros, para que o maior aproveitasse ao outro; porque nos peza de que chegue o tempo em que hum ganhe tanto, & o outro não perca, & esperé ganho? Quem não deseja dizer à sua alma com David: *Vaite alma minha a teu descanso, porque o Senhor o tem feito bem comtigo*. E se lhe preguntamos a David, em que faz Deos bem a esta nossa alma? Responde, porque livrou meus pès da caida. Goza se o santo com a morte, porque he fim dos erros, & porque acabou a culpa, & não a natureza, & por isto como livre destes prizoeus diz: *Contentarei-me o Senhor na terra dos viuentes*. Aquella he a terra dos vivos, & esta he terra de morte, & della diz nosso Redemptor: *Deixai aos mortos enterrar seus mortos*. Pela saida desta terra, & desta morte diz Dáyd: *Qui exaltas me de portis mortis*. As portas da morte se abrem, & saimos dellas quando nossa alma sae do corpo, & então a levanta Deos, quando da terra a leva ao Ceo. Aquelle he o tempo em que o Propheta offerece a Deos sacrificio de louvor. Por isto não diz que sacrificio, nem que sacrafica, se nam que sacrificará. Sabe o Santo Propheta que em comparação do sacrificio da morte, todos os sacrificios da vida saõ piquenos: & se nelles ha algum louvor de Deos não he perfeito, porque a alma posta na prizão, &

nguſtia de carne eſtà dizendo: *Quomodo cantabimus canticum nouum in terra aliena?* Para que a alma cante n terra alhea, terra alhea he a carne: & para que chore, rra he propria. Quem pòde cantar eſtando em perigo? E ainda com verdade, & mais propriamente podemos dizer que eſta terra, nem he para canto, nem he para choro, porque tudo o que nella ha, nem merece hum, em outro: porque naõ podemos dizer, que ha nella ia, que ſe poſſa chamar bom, nem ha dia que ſe poſſa ıamar mào. Naõ ſaõ bons os dias dos deleites, nem das outras, nem ſaõ máos os dos trabalhos: porque tudo aſſa taõ depreſſa, que naõ eſtà nelles o bem, nem o mal. omo não terian os por mais ditoſo ao que levaſſem a zer Rey ſe no caminho achaſſe hum real, que o que o ıõ achou: nem teriamos por deſaventurado, o que per eſſe outro aſſi, & ainda menos he o mal, & o bem deſta da. Conſideremos hum homem que levão por huma ıa larga de huma cidade a fazer juſtiça delle no campo nde tem aparelhada a forca, & o algoz: & que neſta ıa, & caminho ha muita gente; & que hum correndo ſalpicou com lodo, & outro lhe lançou em cima huıa panca de agoa cheirosa. E por taõ neſcio teriamos a te homem ſe com o que o ſalpicou ſe agaſtaſſe, como : quiteſſe parar para fazer grande offerecimento ao ne o borrifou; & deixaſſe de conſiderar, que o lugar nde o levavão era tal, que nem por ir enlameado lhe nà peor, nem por ir borrifado melhor? Se o homem he u dente por huma couſa, & outra ha de paſſar, como

couſa

cousa em que vai pouco. E pois nossa vida he como neste mundo a cidade onde està a rua pela qual nos levão, para huns algum tanto mais comprida, que para outros, ainda que para todos curta, pois tão depressa saimos ao campo, onde està o algoz, que he a morte: naõ nos alvoracemos, nem choremos, de que nos salpiquem as adversidades, enfermidades, & trabalhos, nem de que nos borrifem as prosperidades, & deleites: pois segundo aonde vamos pouco mais vai nũ, que no outro. E por ventura que o que nos salpica, nos dispoem, & ensina melhor o lugar aonde vamos: & o que nos borrifa nos lança a perder, & nos engana, com que não attentemos tanto o que nos convem aparelhar para ir aonde nos levaõ. Por amor de Deos, & em reconhecimento da merce, & beneficio que nos fez com nos dar entendimento, & fazernos animaes racionaes, & em serviço do que lhe devemos pela luz da graça, que dá a seus fieis, pois nos fez do numero delles, & em sacraficio que responda ao que passou por nòs outros na Cruz, que assi vsemos das cousas da vida, que as não tomemos, nem as tenhamos em mais bem, ou mal do que ellas merecem, & a razão nos ensina; & assi sintamos do passo da morte, que o não aborreçamos, nem temamos, fora do temor que seja para melhorar a vida, & que attentemos que a morte não he mais de hum passo. Passo he o da morte que se ha de passar, & que se deve desejar passar. Naõ he trabalho, se não descanso; não he dia de somana, se não dia de festa. Se ao passar de Christo ao Padre chamamos Pascoa, o

nosso

nosso passar a elle, mais q̃ Pascoa o devemos chamar. He Pascoa, & solénidade para o Senhor quando deixa este mundo, & sobe ao Ceo: & naõ a terà por Pascoa nossa humanidade podre, quando sobe ao Senhor, & a gloria della? Gosase o Leão de ir àquella morada, & naõ se alegrará a formiga? Tem a Aguia este voo por pascoa, & não o terà o sapo da terra? Chamamos pascoa, quando vai a vestir a roupa de gloria, que he sua, & como Rey della a tem: & quando o escravo deixa os ferros, & passa a se assentar á mesa do Rey, não chamaremos pascoa? Chama o pastor pascoa ao pasto que comprou com seu sangue, & naõ lhe chamarà pascoa a ovelha, que o pasta à custa de seu pastor? Passar da morte a vida chamamos morrer, estar na morte chamamos vida? Quando vimos ao tormento fazem alegrias, & quando nos tiraõ delle fazem prantos. Na morte dos outros ha muito deste erro se he maõ o que vivia nam o sentimos, se era bom choramos muito. Se lhe queriamos bem; porq̃ nos peza de seu bẽ? E se dizemos q̃ choramos nossa perda, naõ seja no dia de seu ganho. Dizemos que o fazemos de enduricidos, porq̃ se fossemos brandos imprimeria em nós outros o espirito suas figuras. Dizemos q̃ chorou Christo na morte de Lazaro, & não dizemos se chorou por Lazaro, ou por os lazerados, se chorou pela carne de Lazaro, ou pela carne de todos. Diz nos elle q̃ dorme Lazaro, & não q̃remos nòs outros acordar para ver por quẽ chora. Acorda elle a Lazaro do sõno, & nós estádo acordados lãçamonos a dormir. Mãdao dezatar, & nòs atamonos

Consolações na morte dos q̃ amamos.

ao pé

ao pè da letra: Choramos pelos q̃ acabão de passar, estádo nós outros no perigo do passo. Queriamos vellos atraz, havendo de ir a diante. Quando muito nos toca; dizemos que os leva Deos por nossos peccados; & he este mui grande erro, porque não sentimos como devemos do que Deos faz. Se antes de haver este peccado em nós outros fez Deos isto por nosso peccado, que fará quando acrecentamos outro graõ peccado? Se conhecemos q̃ este he castiguo: porque no mesmo castigo paccamos mais, não nos conformando com a vontade do Senhor, que sabe o que faz. Diz Iob, que quer estar no inferno se he a vontade de Deos, & não queremos nós outros, que vá o que queremos bem ao Ceo, com a mesma vontade; porque nos faz falta na terra? He galardão para elle; & medicina para nós, & chamamolo trabalho? Começa elle a viver, & nós outros a purgar, & fazemos pranto? Colheo o Senhor da horta por maduro, & nós temolo por verde? Ya apodrecendo, & imaginamos que ya amadurando? Quer seu dono remedialo, & nós outros pelo ver na arvore, folgamos que apodreça? E por satisfazer nossa vista, que se perca sua vida, & por nossa consolação, que vá a perdição. Deraõnolo empresstado, & não o queremos tornar quando o pede seu dono, & quando havemos de dar graças do que temos gosado, formamos queixas, & por isto se nos tirar outros empresstados não o fará sem razão: pois tão mal agradecemos este. Chamamos mao logro, quando falta a nossa opiniaõ, & não ao que está ordenado? Queremos nós

outros

utros que se faça nossa vontade no alheio, & que não se ça a do senhor da casa? Mostranos elle seu querer, & ós descubrimos nossa maldade; & não podendo tornar traz o que está feito, fazemos que passe a diante sua ira, ou que cesse sua misericordia, & em ambos os caminhos nos perdemos, não conhecendo a piedade de Deos que guia ao que leva, & ensina ao que deixa. Levao o que o tez, resgatao, o que o redimio, pagalhe o que o colheo, a juntao comsiguo, o que para aquillo o criou, & estamos nós outros tristes? Se temos a fè que devemos, como podemos estar tristes? E se a não temos, como nos podemos entristecer, nem chorar por outra cousa, se não pela falta della. Attentemos bem como somos peores que brutos silvestres, & que aves çafaras. O animal fero vem ao jugo do trabalho pelo conhecimento do beneficio, & sofre o mal presente pela lembrança do gosto passado: & nós outros não sòmente não vimos ao jugo; porem quando o Senhor no lo quer tirar para o descanso, recusamos, & queremos estar no trabalho. Não como Saõ Martinho deixando na vontade de Deos, se somos necessarios, ou não, querendo que se faça a nossa vontade. Hum falcão ensinado a estar preso quando o soltão a pos a talè poent no na liberdade do ar, onde se criou, mas torna à prizão, & atadura dos pios, para passar fome, & cegueira do caparaõ em reconhecimento do bem que tem recebido, & nós outros ainda que domados com a razão, & atados com a fè, & cevados, & mantidos com os Sacramentos, & regalados com os

mila-

milagres,& beneficios : queremos andar no ar desta vida,& naõ estar na alcandora da gloria, & naquella segurança,& descanso perpetuo: onde naõ nos daraõ feno como a bois,nem carne como a aves de rapina, se naõ daquelle paõ celestial dos Anjos. Pois isto cremos que he assi,porque nam desejamos ver a Deos,& viver com Deos,& estar com Deos? Elle serà o tudo nos bemaventurados;porque estar nelle he summo bem. Aquillo he a summa felicidade,aquillo he o goso bemaventurado, aquella a verdadeira liberdade, a caridade perfeita, eterna segurança,& verdadeira alegria. Alli està a infalivel sciencia,alli o verdadeiro deleite, alli a perfeita bemaventurança. Alli está a paz segura,& a piedade certa, & a bondade sem fim, & a luz sem trevas, & a virtude com premio. Alli he o goso,& alegria,& o perfeito gosto de sua suavidade,alli a gloria,& louvor, descanso,& amor em toda a concordia, & doçura. Alli se verà Deos atè satisfazer a vontade,alli se posuirà atè que tresborde o deleite: alli se gosarà sobre todo o pensamento. Com aquella eternidade se esforçarà nossa fraqueza, naquella verdade repousarà nossa confiança, naquella bondade se gosarà nossa memoria. Assi como teremos eternidade para sempre gosar, assi teremos facilidade para conhecer,& feliçidade para descansar. Alli cessaraõ as sospeitas:alli faltaraõ os temores, alli se fartaraõ os desejos, alli se veraõ os segredos,alli se compriraõ os gostos: alli se conheceraõ os verdadeiros deleites. Alli se acabarà o caminho, & se começará a morada. Aquella he a santa

A grandeza,& excelẽcia da gloria do Ceo.

cidade,

idade, onde os Anjos saõ cidadaõs, onde Deos Padre
e como templo, onde o filho he a luz, & o Espirito
ancto o amor. O bemaventurada cidade, morada
gura, terra fertil, & larga, que nam lhe falta couſa que
eixe de deleitar, nem tem couſa que poſſa moleſtar:
ilorioſa dicta ſunt de te (diz David) *ciuitas Dei. Sicut lætantium omnium habitatio eſt in te*. Como o
oſto de todas as couſas eſtà em ti? Aquelle goſto
arece aõ goſto de todas as couſas, porem maior he, &
utro goſto he, que o de todas as couſas. O bemaven-
rado lugar, onde noſſos ſentidos teraõ tal ſentimento
noſſa viſta verá a Deos, & noſſo ouvido ouvirà a De-
, & noſſo goſto goſtarà de Deos! o quaõ deleitavel ſe-
para ver, quaõ ſuave para ouvir, quaõ doce para goſ-
r! Para então nos convida David quando diz: *Guſta-
, & videte quoniam ſuauis eſt Dominus*. Agora
e he tempo, agora que tem chegado o dia do con-
e, agora que o não eſtorva a carne: Goſtai, &
de quaõ ſuave he Deos. Neſte goſto, & neſte de-
te veraõ as criaturas a Deos, & aſi meſmos em
os, olharaõ aſi meſmos, & veraõ a Deos, como el-
ſò por ſi he deleitavel, elle ſò em ſi baſta para me-
imento delles, pois ſò por elle o merecem. Elle ſó
para premio delles, pois he todo o premio. Naõ buſ-
aõ fora delle couſa, porque nelle eſtà tudo. Sempre
ejaraõ olhar para elle, porque a viſta nenhuma couſa
le ver como elle: ſempre ter a elle, porque elle tem
o: ſempre deleitarſe nelle, & goſtar delle, porque

elle he todo o gosto, & nelle toma claridade o entendimẽto, nelle se começa a ver verdadeiramẽte a verdade desejada. Nelle se enche o desejo, & aprende a desejar, nelle se enche o pensamento, & aprende a cuidar. O ben aventurado estado, onde as potencias da alma enchem sua medida, & comão forças para subir sobre si. A alma bemaventurada gosa de seus doens, & recebe novos doens: gozase de que lhe tornem o que perdeo, & de que lhe dem o que numqua perdera, & tudo isto consiste em conhecer, & amar a Deos. Como perfeitamente lá as criaturas o conhecem: assi perfeitamente o amão. Como cà imperfeitamente o conhecemos, imperfeitamente o amamos. Como cà em escuridade o conhecemos, em escuridade o amamos. Como nosso entendimento naõ alcança o alto porq̃ somos baixos, assi nosso amor naõ ama, se naõ com baixezas. Como cá vamos por mudanças, nesta vida mudavel, assi nos mudamos no amor, por baixo que seja o amado. Lá tudo he grande, lá porque entẽdemos como Anjos, amamos como Anjos, lá porq̃ somos moradores da cidade vemos o Rey della. Cà estamos semeados como arvores na terra, porem lá damos fruito, & gosamos delle. Assi como a terra se sustenta a arvore, & dalli nasce o fruito, ainda que fora da terra: assi nesta terra onde Deos nos plantou havemos de lançar raizes de obras, porem o fruito fora da terra se colhe. Nam ha fruito sem raizes, porem naõ he o fruito como as raizes. E por isto consideremos nossa raiz, q̃ mais propriamente a podemos chamar

mar doudice, em seguir os deleites desta vida, q̃ se acaba; em amar estas trevas, onde estamos, sem cuidar, nem desejar de contino aquelle estado bemaventurado dos santos, & a alegria, & claridade da vida contemplativa, onde entraremos (como David diz) nas potencias do Senhor, & veremos a superabundancia de suas riquezas: onde veremos a fermosura de sua gloria, o resplandor dos sanctos, a honra, & magestade daquelle poder real. Conheceremos o poder do Padre, entenderemos da sabedoria do Filho, gosaremos da benignidade do Espirito Sancto, & assi nos embeberemos, & absorveremos naquelle gosso, & nos inflamaremos naq̃lle fogo dõ amor, com q̃ se amaõ eternamẽte entre si aquellas tres pessoas, que saõ hum Deos. Gostaremos daquella Trindade perfeita, & vnidade indivisa. O que aqui cremos, lá o veremos, o que aqui esperamos, lá o alcançaremos. O bemaventurada vitaõ ver a Deos em si mesmo, & vello ẽ nós outros, & a nós outros em ditosa alegria, & em ditosa vida. Tudo o q̃ desejamos teremos, & nam desejaremos mais: & tudo o que virmos amaremos, & com o mesmo amor seremos bemaventurados. Bemaventurados pela doçura do amor, & bemaventurados pela suavidade da contemplaçaõ. Esta será a doçura daquelle deleite, esta a summa daquella ditosa contemplaçaõ: entender puramente aquella divindade, & conhecer nella aquella incomprehensivel Trindade. Alli apparecerão os segredos daquella divina essencia. Dalli sairão os rios do deleite, dos quaes diz David: *De torrente voluptatis tuæ*

saciasti nos. Alli todos teremos huma lingua para falar, hum coraçaõ para querer, hum espirito para amar, hum affecto para nunca cansar. Alli he onde ha fartura sem fastio, desejo sem fome, prosperidade sem soberba, devação sem tristeza, alegria sem dissoluçaõ. Alli se descubrirà a verdade, alli se encherá a caridade, alli será tudo paz, & descanso, goso, alegria, multidão, & concordia. Tudo serà hum gosso o dos homens, & o dos Anjos, tudo hum pensamento, tudo hum desejo. Todos seremos alumiados de huma luz, & mantidos de hum manjar. Todos possuiremos huma herança indivisa, & huma gloria commua. O mais baixo na gloria gosarà da que tem o mais alto, pela perfeita caridade, & amor que haverà em todos, & pela vniaõ que teraõ em Deos. Alli há mais doẽs de gloria, & mais coroas nos q̃ as merecerаõ, & nos outros não hà menos gloria. Cousa he de admiraçaõ que tendo hũs mais, se pode dizer que de hũa certa maneira naõ tem os outros menos: porque todos tem a Deos, & cada hum o enchimento de sua medida: & em todos se enche o desejo. Tudo he fartura, tudo he contentamento. Todos se sustentão de hũ manjar, & todos estão satisfeitos, & sem desejos, nem inveja de outras maiores vantagẽs antes dellas participaõ, & se alegraõ. Porque nam entendemos agora mais dizemos estas cousas baixas, para significar aquellas que lãõ taõ altas; & naõ basta nosso entendimento para as entender, nem nosso pensamento para as cuidar. Assi nolo diz o Sancto Apostolo,

Isto se parece muito a coua de Platão n. 7. Dialog. da sua Rep.

so, como quem foi sobido là. E não nós espantemos disto, porque se nas cousas de cà vemos muitas que não basta relação para as entender, se não a propria vista dellas, que fará nas de là? Se alguma pessoa fosse criada em alguma camara com lume de huma vella, & lhe quisessemos dar a conhecer o sol, dizendo que he hum resplandor, & luz semelhante à vella, se nam que he como infinitas vellas: & se lhe dissessemos, que a terra he do que he aquella camara em que està, se nam que he de infinita grandeza, & lhe dissessemos que os rios, & o mar saõ daquella agoa, que alli bebe, se naõ que he infinita a multidaõ: este tal alguma coula entenderia, porem quando dalli saisse, & visse o sol, & a terra, & o mar, mui differente lhe pareceria tudo de quanto pode entender, ainda que muito bem se lhe tivesse dito. Novidades veria mui estranhas, & mui differentes do que cuidava. Pois se nestas cousas de cà que todas saõ humas, o entendimento recebe tanta novidade, & pelo pouco nam pode comprehender o muito, nem pela parte o todo, que fará no de là que ha de outro genero, & que he infinito, & eterno? A gloria de Deos he o mesmo Deos, a luz do Ceo he o mesmo Deos delle. Pois se destas cousas de cá naõ podemos dar inteira noticia ao que està na camara, porque nam ha alli outras taõ grandes a que as comparar; que faremos das de là, aos que estamos nesta pequena camara de nosso corpo? Donde nam podemos ver este sol, & esta agoa, & esta terra, que saõ menores, que a terra,

& que o vaso de agoa em comparação do de là. E por isto nam podemos mostrar a outros inteiramente; que tal he a gloria, nem os que a vissem o poderaõ dizer, nem se pode ouvir, como o Apostolo Saõ Paulo nos diz. Isto mesmo sentia o Santo Rey dizendo: *Super omnes docentes me intellexi.* Senhor sobre todos os que me ensinaraõ entendi, quando vi vossa gloria: sobre tudo o que os Propheras differaõ della, sobre tudo o que os Apostolos prègaraõ, sobre tudo o que a mesma gloria, & a mesma verdade fallou na terra, se entende no Ceo. Nam por falta do que o disse, que he o mesmo Senhor da gloria, se não por falta de nossa capacidade, que não podemos entender mais estando nesta camara do corpo encerrados. Naõ bastão nossos sentidos, não alcança nosso entendimento. Attentemos, & entendamos como esta nossa alma està encarrada na camara do corpo, & se nesta nos parecer que tem janellas dos olhos, & dos ouvidos, & dos sentidos para poder ver, & ouvir, & sentir. Saibamos que esta camara està metida noutra sala ainda que hum pouco maior que he o mundo, & por isto nam podemos ver, nem sentir mais do que ha nelle, oqual comparado à gloria do Ceo, he mais escuro, & mais estreito que a camara, & he menor esta luz do sol que vemos nesta sala maior que huma vella, como dissemos em comparaçaõ daquelle sol de justiça Christo nosso Deos. E menores saõ o mar, & os rios, & as agoas que o vaso de agoa comparadas com aquellas agoas, que David

diz:

diz: *Qui super cælos laudant nomen Domini*. E nam ſe maravilhe o homem racional deſta eſtreiteza de huma parte, & das larguras da outra: Porque aſſi nos apoſenta Deos ſegundo noſſo tamanho, & aſſi nos dà a comida, como temos o padar, & dentes para comer, & aſſi nos corta de veſtir ſegundo vamos creſcendo: & aſſi nos poem em maior, & melhor lugar, ſegundo nos dispomos ao merecer. Desde noſſo principio o vemos, & desdalli he razão que ſintamos como ſerà o fim. Noſſo primeiro mundo para nos dispor a eſte foi o ventre de noſſa may: alli paſſamos nove meſes naquella eſtreiteza, & eſcuridade, onde nam comiamos, nem bebiamos, ſe não do que entrava naquelle lugar dado pela maõ alhea da que nos tinha. Alli cançarados nam a tomavamos quando queriamos, ſe não quando noſſa may queria, & o deſejava. Nam provia a noſſa fome, ſe não a ſua, & quando fomos maiores que acabamos o tempo do carcere, dalli ſaimos a eſtoutra ſala do mundo, onde nos vão criando, como na primeira. E aſſi como o ventre de noſſa may nam nos podia ja ter, & ſe adelgaçavão as teas em que eſtavamos metidos: aſſi cà as primeiras teas de noſſa carne, que tem a noſſa alma emvolta na meninice quaſi como nas mantilhas ao corpo, ſe rompem, & deſcozem na velhice, & nos lançaõ de ſi, & nos fazem ſair ao lugar para onde fomos criados. E como eſte inſtrumento de Deos que he a natureza, nos aparelhou alli para aqui, aſſi aqui nos aparelha para là. E como quando ſentimos

que

que nos mudavão daquella cala do ventre a estoutra do mundo, chóramos, porque nam sabiamos que era aquillo, & cerravamos os olhos à luz, cuidando que era melhor a escuridade do ventre de nossa may: assi fazemos como ignorantes, quando desse ventre do mundo nos querem tirar para nos levar à gloria, & claridade do Ceo, para onde fomos criados, & onde temos o principio de nosso ser, & o fim de nosso bem que he Deos. Assi como a natureza nam trabalhará em que fotamos concebidos, & gerados no ventre de nossa may, se nam fora por fim de nos tirar cà ao mundo: assi nosso Deos (que manda a natureza que elle criou, para que ella crie) nam nos tivera aqui nesta vida dandonos sentimentos, & conhecimentos do Ceo: se nam fora para nos levar a elle. E assi como os desconcertos, & occasioens de nossas mays caulaõ muitas vezes, que nam saiamos a luz do mundo: assi os desconcertos, & desventuras do mundo causaõ que nam vamos ao Ceo. E assi como depois de nascido o homem, & vista a liberdade que tem no mundo, & a luz, & deleites de que goza, se o quisessem tornar ao ventre onde o criarão, sendo aquelle por quem elle chorou, quando o tirarão delle: choraria agora muito mais: & se teria pelo mais desventurado do mundo, & dos que nascerão, ainda que lhe dessem o ventre da Rainha por morada: assi farião as almas bemaventuradas, se cà as quizessem tornar, ainda que fosse a ser Rainhas do mundo. Assi como o homem lhe dà pouca pena saber, que a carne, & teas

que

que o obrigavão no ventre as lançarão no rio, ou as comerão os caens: assi da á alma pouca pena saber que estoutras teas do corpo as comem bichos: quanto mais que espera a resurreiçaõ dellas. E pois aquella luz soberana nos alumiou neste segundo aposento do mundo, para que vejamos a cegueira passada: vsemos desta luz para sentir a por vir, & demoslhe muitas graças pois que sua luz se não pode cà perfeitamente conhecer. Nos dispoem com a razão, & alumia com a graça nosso entendimento, para que a sintamos, & por estas semelhanças comecemos a ver, & gostar do de là. Estas semelhanças gostava, & sentia David quando dizia: *Confitebuntur tibi Domine omnia opera tua, & sancti tui benedicent tibi: gloriam regni tui dicent, & potentiam tuam loquentur.* Todas as obras de Deos confessão a Deos, & dizẽ a gloria de Deos, & o poder de seu reino. Se preguntamos à terra, & ao Ceo, ao sol, a agoa, & às estrellas, quẽ as fez? Diraõ cõ David: *Quia ipse fecit nos, & nõ ipsi nos.* Elle nos fez q̃ naõ nos outros, pois ninguẽ pode fazer assi mesmo. E se preguntamos as coulas q̃ cada dia se geraõ quẽ as fez, diraõ q̃ Deos as criou, & as ordenou, & as governa, & as sustẽ. Estas coulas todas mui claro dizẽ a gloria do reino de Deos, & se nos falar nolá mostraõ. Mui claro nos diz o q̃ nos mostrar o dedo, q̃ he maior a mão, ainda q̃ a tenha escõdida. Mui claro diz a casa q̃ tẽ hũ formoso pateo, q̃ as salas onde está o Senhor, serão mais ricas, & melhores, & de outra obra mais excellẽte. Quẽ vir este capitão de Deos Padre q̃ veio à terra, a mandar aos ventos, & ao mar, & quem considerar

aquelle dedo de Deos que lança os demonios, & alumia os cegos, & resucita os mortos, & escreve nas almas: bem entenderáo muito mais que fará, onde está, & mora, & obra, & exercita, & mostra não sómente com seu dedo metido na luva da carne como cá, se não estando descuberta sua grande magestade se em tão piqueno momento como o em que mostrou Deos seu dedo sem luva aos que tem a vista com oculos, diz Saõ Pedro quando o vè que façaõ no monte tres tabernaculos, esquecido tudo o do mundo estando nelle: que será quando na eternidade mostre sua gloria inteira, & aos que tem ja os olhos com vista clara para poder ver a luz? Quem attentar, & considerar a grandeza da terra; a diversidade das ervas, flores, arvores, cheiros, pinturas, cores, & fermosuras que ha nella. Quem a grandeza do mar, & dos rios, que nelle entraõ: quem olhar o Ceo, o sol, a lua, as estrellas, & a ordem, & fermosura que tem: & vè que tudo isto ha no apozento do pateo de Deos, onde morão seus criados: que taes serão suas salas, & apozentos? Se para este pateo mandou acender a lampada do sol, & esta vella da lua, que lumes, & que tochas haverá naquella casa real, onde elle mòra de assento, & hospeda, & recolhe seus sanctos Anjos, & as sanctas almas, que escolheu para aquella morada? Estes paços, & apozentos reconhece David quando diz: *Quam dilecta tabernacula tua Domine virtutum: concupiscit, & deficit anima mea in atria Domini:* Cobiça, & deseja o Santo Rey ver aquella mo

la morada, & sentir alguma cousa da alegria della: & falta nisto que deseja, porque nam pode desejar, nem comprehender tanto como elle he. Naõ ha cousa em nós outros que possa chegar alli, se naõ o desejo, & ainda este falta. Nas outras cousas quanto mais as desejamos, tanto mais nós damos a entender a nòs mesmos, que as podemos bem comprehender, & gozar, & que para huma, & outra cousa temos, & nos sobeja muita capacidade. No desejo da gloria do Ceo he ao contrario. Quanto hum mais deseja, & mais de verdade se acende em a desejar, tanto mais entende como por si mesmo naõ a pode bem comprehender, nem gozar, se Deos naõ habelita o entendimento, & faz capaz a vontade para huma, & outra cousa depois da morte. Por isto devemos nam temer a morte, se não desejala para começar a entender, & a gozar, o que sem aquella mudança do morrer, nam se alcança, nem gosa.

LAVS DEO.